

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**JANAÍNA DOS REIS ALVES**

**URRACA I E A GOVERNANÇA FEMININA:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PENÍNSULA  
IBÉRICA MEDIEVAL**

Alfenas – MG

2017

**JANAÍNA DOS REIS ALVES**

**URRACA I E A GOVERNANÇA FEMININA:  
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PENÍNSULA  
IBÉRICA MEDIEVAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção de título de mestre em História no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional na Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: História Ibérica  
Orientador: Profa. Dra. Cláudia Regina Bovo

Alfenas – MG

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Alves, Janaina dos Reis

Urraca I e a governança feminina: uma análise das representações sociais na Península Ibérica medieval / Janaina dos Reis Alves. -- Alfenas/MG, 2017.

129 f.

Orientadora: Cláudia Regina Bovo

Dissertação (mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2017.

Bibliografia.

1. Rainhas - Castela e Leão (Espanha). 2. Iberica, Peninsula (Espanha e Portugal). 3. Idade Media - Historia. 4. Moodle (Programa de computador). 5. Educação permanente. I. Bovo, Cláudia Regina. II. Título.

CDD-946

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva  
Bibliotecária-Documentalista CRB6/2735

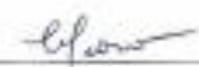
JANAÍNA DOS REIS ALVES

**"URRACA I E A GOVERNANÇA FEMININA: UMA ANÁLISE DAS  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL".**

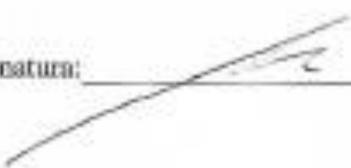
A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação apresentada como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Mestra em  
História Ibérica pela Universidade Federal de  
Alfenas. Área de concentração: Ensino e  
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 25/09/2017

Profa. Dra. Cláudia Regina Bovo  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas  
UNIFAL-MG

Assinatura:  \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Alex Degan  
Instituição: Universidade Federal do Triângulo  
Mineiro UFTM-MG

Assinatura:  \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Adriana Vidotte  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas  
UNIFAL-MG

Assinatura:  \_\_\_\_\_

À minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos. Sem vocês, nenhuma conquista valeria a pena.

## AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho contou com inúmeras contribuições, tanto de pessoas quanto de instituições, só por isso já sou grata. Começarei meus agradecimentos pelas instituições e seguirei pelas pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram com esse processo.

À Unifal-MG, que me proporcionou tanto aprendizado, tanta construção de conhecimento, tantos novos amigos e tantos professores que se tornaram amigos. Agradeço por me acolher tão bem e por corroborar com a realização de um sonho!

À FAPEMIG, fica minha gratidão por me possibilitar interagir com tantas pessoas em eventos e locais diferentes, sem o apoio financeiro, esta pesquisa não alcançaria as dimensões que alcançou.

À Universidade de Santiago de Compostela USC, nas figuras dos professores David Chao e Marta Cendon que muito me auxiliaram durante minha estadia em Santiago de Compostela. O professor David Chao Castro, nesse processo, foi tal como um anjo da guarda da caipira que se atreveu a atravessar o oceano para estudar...

À minha família, meus pais – Paulo e Cidinha – que foram minha força motriz e porto seguro nesta caminhada, cuidaram de mim e da Íris quando não podia estar presente, não tenho palavras para dizer o quanto sou grata a ambos – pai e mãe –, têm minha gratidão eterna. Ao meu marido Juliano, por viver meus sonhos e seguir ao meu lado. À minha irmã Jaci, por me fazer rir mesmo quando eu queria chorar e por me fazer ver que esta seria uma grande aventura a ser vivida. Ao meu irmão Taiguara, por me apontar caminhos que nem ele percebeu. À Jessica, por segurar minha mão, ouvir meus choros, sempre que me senti insegura, e aguentar meus rompantes nesse processo. Obrigada, família!!!

À Claudia Regina Bovo, por acreditar em mim e ver potencial mesmo quando eu duvidava. Obrigada por todo o suporte, todas as conversas, por todas as trocas, por me receber na sua casa, gratidão por você acreditar em mim!

Aos inúmeros auxílios representados nas figuras dos professores Alex Degan e Leandro Rust, presentes a mim dados pela minha pela minha orientadora. As conversas via *whatsapp*, *messenger* e *e-mail* com o Degan e o Rust me ajudaram muito, mais do que professores, vejo-os hoje como grandes amigos apagadores de incêndios que eu mesma causava aqui e ali.

Aos professores da UNIFAL, por todo o comprometimento com a minha formação. Agradeço principalmente ao coordenador do curso, Adaílson José Rui, que me apoiou em todas as minhas decisões, ao vice coordenador Cláudio Carlan Umpierre, por me receber em sua casa, me fazer sentir como parte da família, me ensinar sobre História e sobre vinhos e por acreditar nas minhas vontades e me impulsionar a realizá-las.

Ao André Sena Mariano, que foi o melhor amigo que fiz nesse processo, obrigada por me mostrar que posso sempre perguntar mais para me tornar uma boa professora.

Aos colegas de mestrado, por todos os risos, todas as conversas, por caminharem lado a lado comigo durante esses dois anos, cresci muito graças ao contato com todos vocês. Obrigada à Priscila Guimarães, por me fazer rir, por dividir as angústias, os risos e por me dar abrigo quando precisei.

À Érica Viana Albarral, por estar comigo durante esses dois anos, por tudo o que compartilhamos: nossas vidas, as estradas, as estadias. Obrigada por dividir comigo esse tempo, você me ajudou muito e não tenho palavras para agradecer.

Aos meus novos amigos: André, Júlio, Crosley, Cleiton, Ademir, Pedro, Bruno, Flávio, Cidinha, Jordano e Gentil, por compartilharem suas vidas, os cafés, vinhos, cervejas, risadas e tantos outros bons momentos. Meu coração se aquecerá cada vez que pensar em vocês daqui para frente.

Agradeço ainda todas as pessoas que tiveram participação, direta ou indiretamente, nesse meu caminhar, foram muitas e não gostaria de deixar ninguém de fora, então agradeço de forma geral!

"O tempo dá legitimidade à matéria. Ele é a única unidade real de medida. Ele é prova da existência da matéria, sem o tempo, não existimos".

Filme Lucy

*“Presencia, en mi opinión, es estar en contacto, de forma literal o figurada, con personas, cosas, acontecimientos y sentimientos que te hicieron la persona que eres. Es un susurro de vida que sopla sobre lo que se ha convertido en rutina y tópico - es sentir las cosas plenamente en lugar de darlas por supuestas”.*

E. Runia

## RESUMO

Nesta dissertação, pretende-se analisar as representações sociais de Urraca I, rainha de Leão e Castela durante a primeira metade do século XII, a partir da crônica *Historia Compostelana* e de outros documentos coetâneos, como as Crônicas de *Sahagún* e os diplomários administrativos redigidos durante sua governança. Diante de uma vasta gama de representações produzidas em torno de Urraca I, ora valorizada por sua atuação governante, ora menosprezada por sua condição feminina, identificamos que sua representação está relacionada diretamente ao contexto de produção das obras que tratam dela. Assim propomos também uma viagem pela historiografia, na investida de compreender o papel feminino desta governante na corte leonesa do século XII, por meio da teoria da representação social explanada por Serge Moscovici. Nosso principal desafio é unir essas múltiplas representações num objeto de aprendizagem que sirva para orientar a formação continuada dos profissionais dedicados ao ensino de história na educação básica. No caso, optamos por desenvolver um curso na plataforma *Moodle* que trabalhe na análise e produção de narrativas históricas sobre a mulher Ibérica na Idade Média, afim de unir a reflexão documental e historiográfica no ensino de história na educação básica.

**Palavras-chave:** Urraca I. Historiografia Ibérica. *Historia Compostelana*. *Moodle*.

## ABSTRACT

This dissertation intend to analyze the social representations of Urraca I, queen of Leon and Castile during the first half of the twelfth century, from the chronicle *Historia Compostelana* and other contemporary documents such as the Chronicles of *Sahagún* and the administrative diplomats written during her governance. Faced the multiple representations produced of Urraca I, sometimes valued for her government performance, sometimes underestimated by her feminine condition, we identified that her representation is directly related with production context of the works about her. Thus we propose a journey through the historiography, in the invested of understanding the feminine paper of this ruler in the Leonese court of the twelfth century, through the theory of the social representation explained by Serge Moscovici. Our main challenge is to unite these multiple representations into an object of learning that serves to guide the continuing education of professionals dedicated to teaching history in basic education. In this case, we chose to develop a course on the *Moodle* platform that works on the analysis and production of historical narratives about the Iberian woman in the Middle Ages, willing to unite source and historiographical reflection in the teaching of history in basic education.

**Keywords:** Urraca I. Iberian historiography. *Historia Compostelana*. *Moodle*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estilos de ensino correspondentes à aprendizagem .....	101
Figura 2 – Incidência dos tipos de avaliação.....	105
Figura 3 – Incidência dos tipos de avaliação.....	105
Figura 4 Gráfico dos estilos de aprendizagem atividades propostas em relação ao curso ....	106
Figura 5 – Página inicial do curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média.....	110
Figura 6 – Antes de começar – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média ...	111
Figura 7 – Antes de começar sequência – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	112
Figura 8 – Apresentação do Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	113
Figura 9 – Semana 1 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	114
Figura 10 – Semana 2 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	115
Figura 11 – Semana 4 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	116
Figura 12 – Semana 6 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	117
Figura 13 – Semana 7 e 8 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média .....	118
Figura 14 – Semana 11 – Avaliação Instrucional.....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados do Curso .....	81
Quadro 2 – Cronograma das atividades do projeto do curso.....	85
Quadro 3 – Composição do custo do curso. ....	87
Quadro 4 – Mapa de atividades. ....	90
Quadro 5 – Tipos de avaliação das atividades práticas. ....	104

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Tipos de avaliação das atividades práticas. ....	103
Tabela 2 - Teorias pedagógicas .....	106
Tabela 3 - Tipos de recursos utilizados. ....	108

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAS – *Crónicas Anónimas de Sahagún*
- HC – *Historia Compostelana*
- HECHOS – *Historia de los hechos da España*
- SB – *STORYBOARD*
- USC – *Universidad de Santiago de Compostela*
- FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
2	<b>URRACA I, RAINHA DE LEÃO E CASTELA: ENTRE A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA</b> .....	21
2.1	REVISITANDO A HISTÓRIA DAS MULHERES .....	21
2.2	A HISTORIOGRAFIA EM TORNO DE URRACA I, RAINHA DE LEÃO CASTELA.....	26
2.2.1	<b>Doña Urraca de Castilla de Francisco Navarro Villoslada</b> .....	26
2.2.2	<b>A Urraca de Lourdes Ortiz</b> .....	28
2.2.3	<b>Uma Urraca para além da História das Mulheres</b> .....	31
2.2.4	<b>O Gênero enquanto categoria de análise</b> .....	34
3	<b>A HISTÓRIA DA GOVERNANÇA DE URRACA I NAS CRÔNICAS IBÉRICAS</b> .....	46
3.1	A ESCRITA DA HISTÓRIA NO SÉCULO XII .....	46
3.2	A CRÔNICA COMO FONTE HISTÓRICA .....	48
3.3	URRACA I NA HISTORIA COMPOSTELANA .....	53
3.4	A URRACA NAS CRÔNICAS ANÓNIMAS DE SAHAGÚN .....	66
3.5	URRACA ENTRE SANTIAGO E SARAGÚN .....	69
4	<b>A GOVERNANÇA FEMININA FEMININA MEDIEVAL IBÉRICA E O MOODLE – ALGUMAS POSSIBILIDADES</b> .....	73
4.1	META-CURSO – AS VISÕES SOBRE A MULHER NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL .....	80
4.1.1	<b>Dados do Curso</b> .....	81
4.1.2	<b>Cronograma do Curso</b> .....	83
4.2	ORÇAMENTO DO CURSO .....	86
4.3	CONTEÚDO – REPRESENTAÇÕES DA MULHER IBÉRICA NA IDADE MÉDIA.....	88
4.3.1	<b>Mapa de Atividades</b> .....	88
4.3.2	<b>Storyboards</b> .....	109
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	116
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123



## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende investigar as formas de representação de figuras femininas nas cortes ibéricas do século XII, com ênfase no governo de Urraca I, rainha de Leão e Castela. O que nos interessa é entender como a atuação dessa figura feminina se deu diante de uma visão historiográfica que apresenta esse ambiente de poder como predominantemente masculino. O questionamento sobre o papel social das governantes Ibéricas Medievais surgiu do interesse de compreender como contemporaneamente está cristalizada uma visão pejorativa da mulher nesse período histórico. Desse questionamento inicial, surgiu a vontade de investigar a notoriedade social de algumas figuras femininas, em particular, da rainha Urraca I, que atuou como governante de vastos territórios da Península Ibérica durante o século XII. Lidamos com uma ideia de feminino caracterizada como naturalmente submetida ao julgo masculino, que foi veiculada por inúmeras produções historiográficas. Diante dos limites impostos por essa historiografia, buscamos novas possibilidades de interpretação da atuação governante de Urraca I a partir do uso da historiografia do gênero como categoria de análise.

Invisível durante séculos, somente nos anos 1980, a História das Mulheres emergiu como um campo definido de pesquisa para os historiadores. Um grande número de publicações demonstrou o crescimento expressivo do interesse no tema, da mesma forma que atestou o paulatino interesse dos historiadores em interpretar o problema da representação da mulher nas sociedades históricas. No que diz respeito especificamente à história da mulher medieval, foi a terceira geração dos *Analles*, com destaque para os trabalhos de Georges Duby, que apresentou tais figuras até então pouco vistas, pouco ouvidas ou raramente estudadas. A primeira impressão que temos é que, na Idade Média, existiram mulheres importantes, porém, elas estavam subjugadas a uma organização social coordenada por homens, de forma que a mulher não tinha espaço em funções influentes como o ato de governar. Em última instância, elas estavam sempre subjugadas às vontades e às determinações masculinas.

A prerrogativa dessa pesquisa é revisitar essa produção historiográfica, que não incorporou as discussões da história do gênero, a fim de problematizar a noção de uma “Idade Média Masculina”. Alguns documentos históricos coetâneos ao medievo atestam lugar ao exercício de poder feminino, como o caso de Urraca I, mas não dão conta de suas complexidades, visto que esse exercício de poder está submetido ao esquema explicativo da inferioridade feminina.

Parte do nosso objetivo é fazer uma leitura sobre os documentos históricos que tratam de Urraca I, como a *Historia Compostelana* e as crônicas de Sahagún, contextualizar os fundamentos dessas narrativas no que diz respeito a quem e por quem foram patrocinadas; quais demandas esse tipo de texto respondia; por fim, analisar esse conjunto documental para buscar compreender se a representação da rainha Urraca I ali veiculada já não está previamente deturpada por interesses políticos outros que não sejam necessariamente os relacionados a apresentar ou explicar o papel de uma governante mulher para aquela sociedade.

A história dessas figuras femininas apresenta muitas lacunas, mas é possível investigar como essas personagens conseguiam espaço para negociar e exercer poder dentro de uma sociedade marcada pelo exercício de poder majoritariamente masculino, assim, nos perguntamos: o único papel social relevante da mulher medieval era o de progenitora? Esta era sua função e seu lugar naquelas sociedades? No caso da Urraca I, a corte lhe entrega o reino, permite que ela exerça o poder como rainha por 16 anos, somente porque ela era a mãe do herdeiro legítimo? Será que essa definição é suficiente para explicar a emancipação, o poder, a força de Urraca I na qualidade de rainha de Leão e Castela, visto que ela se rebelou contra um segundo casamento, não se curvou ao jugo do bispo, entre outros atos.

Nos aventuraremos a investigar como se dá a representação de Urraca na historiografia e nos documentos históricos que tratam dela a fim de desnaturalizar a dicotomia entre o homem e a mulher no exercício do poder nas sociedades medievais. Joan Scott nos alerta para a necessidade da construção de um arcabouço teórico que dê conta de responder por que as mulheres foram excluídas da história. No caso da História Medieval, a resposta pode estar na superação das dicotomias do sexo e na tentativa de compreender, de forma mais ampla, as representações sociais da governança. Partindo desses questionamentos, nos propomos a compreender como governantes femininas conseguiram exercer poder em ambientes fortemente marcados pelo poder masculino, dimensionando a multiplicidade de versões narrativas sobre sua atuação social e seu legado monárquico.

Buscaremos demonstrar como um conceito é reformulado a partir da ideia de representação social em Serge Moscovici e entender se essas mulheres são ou não referência de fragilidade. Para além dos temas como a institucionalização da religiosidade e a fundamentação teológico-filosófica das práticas de poder, vê-se como a diversidade cultural constitutiva se apresenta na formação da Península Ibérica, nas suas variadas dimensões, tais como costumes, hábitos, tradições jurídicas. Além disso, em nosso caso, o entendimento da mulher medieval, que tem certa notoriedade, possibilita a compreensão do processo de aprendizagem por intermédio da interpretação.

Nosso estudo pretende construir conhecimento acerca de Urraca I, dada certa notoriedade em um mundo administrado por homens. Seus feitos são narrados de maneira contraditória em mais de um texto e suas representações divergem daquelas formadas a partir figura da mulher que recebemos nos bancos escolares. Tal divergência dá fôlego para nos debruçarmos sobre os documentos históricos, na tentativa de traçar os contornos das ações dessa mulher.

Os documentos que apresentam Urraca I nos possibilitam um entendimento relacionado à naturalização da representação dessa figura e, para uma melhor compreensão dessa naturalização, propomos contextualizar discursos historiográficos e documentos históricos da Península Ibérica com intuito de perceber as nuances relacionadas às representações desta governante mulher, mãe, administradora, amante, dentre outras facetas. Após identificarmos um relevante número de obras nas quais Urraca I se faz presente, partiremos para a sua inserção em contextos mais amplos de análise. Esse processo demandou a delimitação de categorias analíticas que se mantivessem por toda a narrativa. Assim, desenvolvemos um estudo comparativo das fontes e entre as diferentes abordagens historiográficas ibéricas sobre as representações de governantes femininas medievais produzidas no século XX. Para tanto, observamos dados de natureza geral e formal. Em seguida, passamos a explorar as diferenças em domínios terminológicos precisos, aqueles que identificam, caracterizam e qualificam as ações de Urraca na posição de rainha de Leão e Castela no XII. A princípio, pretendíamos evitar entrar em uma discussão na perspectiva do gênero e as implicações desse conceito nas reminiscências medievais. Porém foi fundamental compreender a concretude de tal conceito e considerá-lo como aporte teórico para a pesquisa. Neste ponto, conhecer Joan Scott foi elementar para nossa pesquisa, pois percebemos que os *Annales* não “dariam conta” de nos auxiliar com a identificação dos papéis femininos naquela sociedade.

Assim sendo, a Dissertação de Mestrado está dividida em 3 capítulos. O Capítulo 1 – Urraca I, rainha de Leão e Castela: entre a História e a Historiografia, versará sobre as colaborações da terceira geração dos *Analles* para a compreensão da história das minorias, o gênero como categoria analítica e as visões historiográficas de Urraca I produzidas durante o século XX. Os itens do capítulo correspondem a uma revisão historiográfica de vários conceitos e dados que serviram de base para a interpretação a ser realizada no capítulo seguinte. Buscamos, dessa forma, oferecer referências de algumas possibilidades de análise e interpretação do documento histórico que foi trabalhado. Este capítulo teve como objetivo reunir um referencial teórico que seria útil para a posterior interpretação da representação de Urraca I nas obras *Historia Compostelana* e *Crônicas de Sahagún*.

No Capítulo 2, intitulado “A História da Governança de Urraca I na crônicas Ibéricas”, realizamos a análise dos documentos históricos na busca de identificar como se deu a representação de Urraca I nessas diferentes crônicas. O referencial teórico para tal análise teve como base a representação social segundo a psicologia social. Logo, procedemos à apresentação da obra por meio da análise do próprio documento, assim como de materiais que nos auxiliaram a compreender os contextos de produção dessa documentação. Neste capítulo, foram apresentadas as correlações entre os conceitos apresentados no primeiro capítulo e os aspectos contidos nas fontes.

Essa análise culminou no desenvolvimento do terceiro capítulo, “A Governança feminina medieval Ibérica e o *Moodle* – algumas possibilidades”. Interessados em refletir sobre as relações entre a pesquisa acadêmica e seu ensino na educação básica, produzimos um curso na plataforma *Moodle* como objeto de Aprendizagem dessa dissertação. Esse objeto de aprendizagem, apresentado de forma essencialmente descritiva no terceiro capítulo, foi desenvolvido como uma proposta de dialogar com os professores da educação básica. O curso “Representações da Mulher Ibérica na Idade Média” aborda algumas possibilidades na desconstrução de determinados conceitos que, por senso comum, estão engessados no cotidiano dos alunos. Esse processo de desconstrução possibilita a releitura de vários textos apresentados nos diversos recursos educacionais utilizados nos ensinos fundamental e médio. Desde já, informamos que o curso foi criado, desenvolvido, projetado, porém, não aplicado. Isso porque, já na descrição do curso, informamos os custos para colocar o curso em prática. Desse modo, será disponibilizado via repositório da Universidade Federal de Alfenas e futuramente esperamos que seja utilizado por professores de qualquer local na construção do conhecimento histórico. A apresentação *online* facilitará o acesso e derrubará barreiras impostas por horários, locais físicos etc.

Convido você, leitor, a se aventurar por uma possível desconstrução do conceito de sexo frágil e dos papéis do feminino e do masculino na Idade média, além de avaliar a possibilidade de aplicar os mesmos métodos de análise em outras situações de aprendizagem correntes na educação básica brasileira.

## 2 URRACA I, RAINHA DE LEÃO E CASTELA: ENTRE A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA

Este capítulo abordará algumas das colaborações feitas pela terceira geração dos *Analles* no estudo das história partindo da visão das minorias, aqui bordaremos o gênero enquanto categoria analítica e as representações de Urraca I produzidas no século XX. Os itens desse capítulo correspondem a revisão historiográfica onde foram observados alguns conceitos e dados que auxiliaram a interpretação a ser realizada no capítulo seguinte. Ofereceremos referências e algumas possibilidades de análise e interpretação do documento histórico que foi trabalhado.

### 2.1 REVISITANDO A HISTÓRIA DAS MULHERES

Desde 1970, historiadores se dedicaram ao estudo dos sujeitos marginais da história. Alguns desses sujeitos têm sido objetos de estudo com maior frequência. Do embate com o paradigma tradicional, surge a oportunidade de observar uma “história vista de baixo”<sup>1</sup> onde a perspectiva de análise parte da visão desses marginais a narrar a história dos oprimidos e esquecidos, dos esmagados, emerge uma nova possibilidade para os historiadores ampliarem seus horizontes de pesquisa. Após os anos de 1970, historiadores passaram a buscar por aspectos do cotidiano para compreender figuras que não tinham destaque. Normalmente, notamos essas minorias por meio de ecos que surgem, aqui e ali, em documentos que tratam de assuntos diversos. Percebemos o surgimento de um novo modo de fazer história e, de forma contundente, Burke afirma que a Nova História é aquela praticada como uma reação deliberada

---

<sup>1</sup> A denominada História vista de baixo é uma corrente historiográfica oriunda da Inglaterra, onde os principais expoentes E. P. Thompson, Christopher Hill, Natalie Zemon Davis. O método de trabalho consiste em produzir conhecimento histórico a partir do ponto de vista daqueles considerados comuns até então, mas que foram apontados como sujeitos do processo histórico tanto quanto políticos e líderes militares que habitualmente protagonizam o estudo da história. A história passa a ser vista como ciência social a partir da interdisciplinaridade, historiadores ingleses - influenciados pela discussão da Escola dos Annales sobre a crise do historicismo - se propõem a contextualizar os fatos históricos sem haver necessariamente uma análise social do período estudado. Resumidamente história vista de baixo produziu estudos sobre um processo histórico focando naqueles que, para Thompson, faziam parte da "massa de esquecidos" a exemplo dos camponeses, artesãos, operários, etc. Ver: E. P. Thompson, "A história vista de baixo", Editora da Unicamp, 2001

contra o paradigma da História Tradicional, afinal, a narrativa histórica e a narrativa literária (a ficção) podem não ser tão distintas assim.

Com a modificação nas maneiras de escrever a História, esses novos temas são evocados com intuito de que o historiador caminhe na contra mão da história denominada tradicional. O renascimento da narrativa, a história das mulheres e a história oral são antigos temas debatidos vez por outra, mas que, a esse tempo, são retomados e ganham força em uma história não tão nova, uma vez que já teria havido perspectivas similares em outros tempos. Temos nessa nova História, tal como afirma Burke (1992) uma "Nova História que é praticada como uma reação deliberada contra o paradigma da História dita Tradicional". Seguindo essas premissas, os historiadores passam a considerar em relação à Nova História:

[...] 1º a reiteração de uma história total, em que toda atividade humana pode ser analisada pelo viés histórico; 2º suas análises deveriam se centrar nos aspectos estruturais dos fatos; 3º empreender uma visada mais plural, incluindo a história da cultura popular; 4º a recepção de outras espécies de documento, incluindo testemunhos de pessoas do povo; 5º atenção aos movimentos sociais e às tendências em processo nas sociedades; 6º e por fim há uma desconfiança sobre a razão pura, positivista e sobre a possibilidade de uma objetividade total para se pensar a história (BURKE, 1992, p. 10).

Os *Annales* consubstanciam parte dessa pesquisa ao propor que a narrativa histórica e a narrativa literária (a ficção) podem não ser tão distintas e que seriam possíveis modos de pensar o passado. Problemas fundamentais relacionados ao sujeito histórico são retomados por meio dos movimentos que acreditam poder ser útil confrontar esses "problemas e situá-los no contexto de mudanças de longo prazo na escrita da história" (BURKE, 1992). Perceba, caro leitor, que os pesquisadores dos anos 70 e 80 nos abrem os olhos insistindo em nos apontar a frequência com que o paradigma do senso comum – pensem no contexto escolar – é considerado a melhor maneira de se fazer história, inclusive na educação básica, em vez de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado.

Georges Duby, historiador francês comumente vinculado à terceira geração da escola dos *Annales*, buscou exaustivamente aplicar as teorias da então denominada Nova História, renovando a forma de pesquisar o medievo e atuando de forma contrária à “História velha e positivista”. A novidade do movimento conhecido como a 3ª geração dos *Annales* está na renúncia à ideia da história total. Neste momento, o desejo é dar voz aos emudecidos se dá por meio dos documentos. A obrigação a escrever sobre uma história das estruturas sociais, ou mesmo dos processos globais, é substituída por temas contextualizados influenciados pela História Social. Seu interesse pela história das minorias, do cotidiano e do privado, abriu espaço

para uma nova forma de construção histórica, que, agora, apesar de ainda pesquisar sobre grandes feitos, batalhas e figuras imbuídas de valores morais a serem reproduzidos, busca a identidade daqueles esquecidos até então. Percebemos uma renovação dos métodos, dos problemas e dos objetos, e as relações tornam-se mais interessantes que os fatos que as apresentaram. História das minorias, história da mulher, história das mulheres, gênero são apenas algumas das vertentes que têm colocado a mulher como objeto de estudo e, com esse posicionamento, temos realizado descobertas e averiguações que nos possibilitam desconstruir estereótipos tanto no passado quanto no presente. Mesmo os textos das décadas de 1980 e 1990 deram destaque para as mulheres medievais, demonstraram uma tentativa de reconstrução da cultura medieval, notadamente do cotidiano, das representações simbólicas, da vida privada, do imaginário, das estratégias familiares e das relações entre os homens e as mulheres pertencentes aos grupos sociais dominantes.

No meu caso, essas pesquisas me possibilitam levar o debate e a desconstrução desses estereótipos para a sala de aula – meu ambiente de trabalho e, em decorrência disso, já percebo uma mudança no meu comportamento como profissional da educação. Desconstruir em mim certas verdades enraizadas por disciplinas apresentadas de forma positivista e engessada me levam a questionar quais tipos de histórias desejo construir com os alunos com quem trabalho. Falaremos mais sobre isso no terceiro capítulo no qual apresentarei o objeto de aprendizagem construído a partir das pesquisas realizadas durante o mestrado.

Observamos que a história se apresenta mais problematizadora e preocupada em alcançar outros níveis das experiências humanas nos quais o homem se apresenta em suas diversas estruturas, em diversas dimensões, em sua imensa fragilidade, mas em sua enorme capacidade de criar e inventar, de tornar possível de suportar a vida que, por vezes, parece impossível. Esses aspectos tão fundamentais da psique humana devem ser trabalhados no ambiente escolar. Passado e presente encontram-se na sala de aula em todas as disciplinas, mas, principalmente, na área das humanidades. Por acreditar nesta relação e vivenciar grandes embates nesse espaço, cheio de “verdades prontas”, inquestionáveis, pautadas no senso comum, me instigaram como professora. O tema dessa pesquisa surgiu em meio a um desses acalorados diálogos: qual o papel da mulher na sociedade medieval? Uma enxurrada de respostas surgiu:

\_ “Elas costuravam”...

\_ “Cuidavam da casa”...

\_ “Bordavam”...

\_ “Assistiam torneios”...

Pude perceber que o modelo construído pelos alunos baseava-se em produções midiáticas, sobretudo cinematográficas. Ainda perguntei a eles: Será que era somente isso? E a resposta me assustou:

\_ “Professora, elas eram ‘preparadas’ pra casar, como hoje!”

“Como assim? Questionei mais uma vez”.

\_ “Professora, é como lá em casa, mamãe cuida da casa e meu pai sai pra trabalhar”.

Esse pequeno diálogo me motivou a pesquisar, buscar entender esse processo de naturalização da história que muitos dos meus alunos apresentavam. Continuei minhas conversas com os pequenos (alunos do sexto ano do ensino fundamental) na tentativa de identificar a origem dessa naturalização e desconstruir a imagem da mulher como “do lar” que hoje é tão combatida. Neste momento, percebi que, mais do que uma questão de papéis a serem desempenhados, a desconstrução de estereótipos deve combater as representações criadas ao redor do sujeito mulher.

Os alunos do ensino fundamental atribuem papéis às mulheres e, sejam elas suas mães ou as mulheres medievais, esses papéis se assemelham: cuidar, limpar, alimentar etc. Esta construção da mulher intriga e aplicá-la a mulheres que viveram a 10 séculos atrás, me intriga mais ainda. Basicamente, o que os alunos consideram seria o denominado “História das mulheres” em que a História está centrada na figura da mulher e tem a sexualidade como marco fundamental. Situações como esta me transformaram: continuei professora, mas senti necessidade de dar um passo a mais. Foi neste momento que me deparei com a pesquisa.

E assim gostaria que lessem o meu texto: Sou uma professora/historiadora que sentiu necessidade de se dedicar à pesquisa acadêmica, a fim de promover uma educação histórica por meio da qual os alunos procurem saber sobre as relações entre feminino e masculino são construídas. Abordaremos mais a esse respeito no capítulo três. Acreditamos que este seja o ponto a ser explorado na História escolar e, por isso, tanto a História das mulheres quanto o gênero como categoria analítica nos orientam em nossas pesquisas. Será que as mulheres de hoje desempenham as mesmas funções sociais que as mulheres medievais? Esse processo de naturalização da história, que atribuiu, a sociedades diferentes, os mesmos mecanismos de interpretação é que se deve enfatizar. Quase 1000 anos separam e também unem essas mulheres e elas permanecem sendo definidas como sujeitos de segunda categoria, submissas, desconsideradas politicamente. Será que é isso mesmo? Scott (1992) nos alerta à existência de certa conexão entre a história das mulheres e a política e que é, ao mesmo tempo, óbvia e complexa.

A pesquisa me proporcionou conhecer a história das mulheres, primeiro marginalizada, para, em seguida, tornar-se interessante, a mulher como objeto de análise e o gênero como categoria analítica, observe que não se trata de categorias, digamos, sinônimas. Percebi que, mais do que debater o papel da mulher na história, eu desejava compreender se dentre as mulheres medievais seria possível encontrar boas governantes e o que as qualificava politicamente, e também quem e o que as desqualificavam. Um dos maiores desafios nessa proposta é ter que fazer esse tipo de análise baseada na escrita de clérigos medievais. Em minha busca, me deparei com pesquisadores como Duby, Vainfas e Mary Del Priori, os quais demonstram em seus estudos que é possível analisar alguns sujeitos por meio da escrita coetânea a essas figuras históricas. Neste caso, teríamos a possibilidade de visualizar ecos das atitudes daqueles que, de forma geral, foram deixados de lado durante a escrita de fontes como a *Historia Compostelana*<sup>2</sup> por meio de uma análise que faz uso da história dentro da sala de aula, em que

o problema intelectual que uma técnica [...] será familiar aos historiadores sociais: o de situar um acontecimento social dentro de seu contexto cultural pleno, de forma a ele poder ser estudado mais em um nível analítico que apenas em um nível descritivo (BURKE, 1992, p.58).

Dessa forma, Urraca I é nosso objeto de análise dentro do contexto escolar: tratamos de uma mulher que fora filha de rei, rainha e mãe e que, com maior intensidade, foge dos estereótipos normalmente atribuídos à mulher medieval, isto é, longe da imagem da mulher dedicada a bordar, cuidar do lar e de se preparar para o matrimônio. Assim, Urraca apresenta-se como uma governante central para a definição dos rumos da política de Castela na primeira metade do século XI. Além disso, destaca-se que Urraca não é um caso único já que, durante a Idade Média, outras mulheres se mostram astutas governantes, a irmã de Urraca - Teresa, Beatriz e Matilda de Canossa colocaram-se como figuras femininas e centrais, desempenhando funções de governo no século XII, em diferentes regiões da Europa. Mas, antes, é preciso compreender qual o lugar – se é que existe um – dessa mulher na qualidade de objeto de análise histórico e historiográfico.

---

<sup>2</sup> A *Historia Compostelana* é uma crônica Cartulário escrita no século XII que tinha por objetivo alavancar os feitos do arcebispo durante o processo de legitimação da diocese de Compostela. A personagem feminina com a qual trabalharemos – Urraca I – aparece nesta obra ora como amiga e ora como inimiga do senhoril episcopal desta região e suas ações, notadamente, têm relação – segundo os escritores do texto – com o peso que a governante traz em si: a descendência de Eva. No segundo capítulo, dialogaremos e nos deteremos nos pormenores dessa obra.

## 2.2 A HISTORIOGRAFIA EM TORNO DE URRACA I, RAINHA DE LEÃO E CASTELA

Este subitem tem como objetivo reunir um referencial teórico que será útil para a posterior interpretação da representação de Urraca I nas obras *Historia Compostelana* e Crônicas de Sahagún.

### 2.2.1 Doña Urraca de Castilla de Francisco Navarro Villoslada

A análise de algumas obras pode contribuir para compreender a figura feminina em si. Na verdade, a ideia de representação social pode nos auxiliar a entender a retomada de uma figura histórica como a de Urraca, de forma romanceada, durante a Revolução Gloriosa, em uma tentativa de invalidar a postura feminina daquele período. Exemplo a ser verificado é o texto *Doña Urraca de Castilla* de Francisco Navarro Villoslada, publicado em 1849.

Villoslada, para escrever seu romance, faz uso do prólogo da *Historia Compostelana* e o assume como verdade pronta e acabada. Não há busca por um rigor histórico, uma vez que se trata de uma visão romanceada de Urraca I, mas, como já apresentado no transcórre deste texto, tal visão, por se tratar de uma obra encomendada, pode ser considerada parcialmente tendenciosa tanto no que diz respeito à figura apresentada da rainha assim como ao seu desempenho como governante. O texto tem um certo aspecto moralizante, observamos que a figura apresentada não é a de uma regente e sim de um ser volúvel, de caráter duvidoso, que não se privava de ter seu leito aquecido com amantes diversos e que pode levar as pessoas a sua volta à danação:

Era, pues, Doña Urraca cuan hermosa podía ser una mujer por cuyas venas corría fresca y pura la sangre de los godos, y con ella aquel vigor de una raza no degenerada, aquella sencillez y delicadeza de contornos, aquella finura de cutis que hace parecer a las criaturas humanas como recién salidas de las manos del Creador, con la tersura de una estatua de cera, al desprenderse, todavía tibia, del molde en que se ha vaciado. Lo airoso y gentil de su elevado talle contrastaba admirablemente con lo suave y menudo de sus manos y pies; de manera que, con el continente de una diosa, parecía tener rasgos de niña y en un rostro de ángel toda la seducción de Lucifer, cuando arrastró de una sola

mirada cien angélicas legiones a los abismos (NAVARRO VILLOSLADA, 1849, p. 17).

No final da obra, porém, Urraca colocaria seu compromisso institucional acima de seus desejos e de sua felicidade como mulher em prol da manutenção do reino. Tal modelo deveria ser seguido por Isabel II, que passava por um governo conturbado em que as expectativas eram de que ela abdicasse do trono em benefício da nação. Uma leitura atenta do texto de Navarro nos leva a conjecturar que, em busca de uma história da nação, Urraca I teve sua atuação denegrida (usa-se somente a *Historia Compostelana* como fonte) e depois retificada no momento em que a aristocrata eleva seu filho – homem, varão, viril – à condição de rei da Galícia, conforme desejo do arcebispo de Santiago de Compostela, tutor do rapaz. A representação de Urraca surge alguns anos mais tarde em uma novela de Lourdes Ortiz intitulada “*Urraca*”.

Aqui, Urraca aparece como alguém presa que deseja se libertar do confinamento – teoricamente ocorrido em 1123 – e que, dali da torre, narraria seus feitos na condição de rainha e mulher.

Desde la celda puedo escuchar el cántico de los monjes y sé que pronto amanecerá. Una reina no puede dejarse consumir por la melancolía, me recuerda el hermano Roberto, y se oculta para que yo no pueda percibir ese destello, que es, entre otras cosas, piedad, compasión que humilla. Nadie debe, ni puede compadecer a Urraca. Todavía no estoy vencida... A veces, cuando oigo el rezo de los monjes que se adormece y asciende desde el claustro, como si se restregara en cada piedra, me parece percibir aún el ruido de los cascos del caballo; siento el palpito de las armas que supe defender y sé que, antes o después, se me hará justicia. Ellos saben que no deben hablarme y, sin embargo, en sus rezos se murmura mi nombre, mientras se eleva hasta mis oídos el "Señor ten piedad"; son pacientes guardianes que conocen el valor de su presa y, dóciles como corderos, serán los primeros en abrirme las puertas el día de mi venganza. El abad se inclina ante mi obstinación y ya ha renunciado a sus intentos de los primeros días para lograr que me sometiera a una confesión pública de lo que llama mis pecados y moverme a esa figura que detesto: el arrepentimiento. No hay nada de qué arrepentirse sabe muy bien Urraca: uno es dueño hasta el fin de cada uno de sus actos. Por eso no hay compasión posible y no soporto sus ojos tiernos cuando me contempla y me gustaría gritar, interrumpiendo sus salmodias: guardaos vuestros rezos. Urraca sigue en pie (NAVARRO VILLOSLADA, 1849, p.601-2).

A escrita da novela em questão coaduna com o surgimento da chamada primeira onda do feminismo. As escritoras caminham por terrenos até então trilhados por homens e as heroínas apresentadas tendem a servir de exemplo na reivindicação do movimento feminista que está em pleno fervor durante os anos da criação do romance. Em suas obras, muitas vezes, resolve

problemas do ponto de vista do feminismo, outras muitas recorre a mitos clássicos ou da história, como no caso deste romance.

A partir desta perspectiva, atitudes e sentimentos que movem Urraca seriam de vingança, solidão, desejo, dor e saudade tudo isso na tentativa de enfatizar a importância da mulher no curso da história. Apesar de a romancista ainda respeitar os papéis tradicionais reservados ao homem e à mulher, o texto apresenta-se tal qual um apelo para o feminismo que busca a igualdade ou a defesa das mulheres como seres que podem executar as mesmas tarefas que os homens. Neste trecho, Urraca torna-se cronista de sua própria história na tentativa de contar as verdades que Gelmírez tentava ocultar:

Una reina necesita un cronista, un escriba capaz de transmitir sus hazañas, sus amores y sus desventuras, y yo, aquí, encerrada en este monasterio, en este año de 1123, voy a convertirme en ese cronista para exponer las razones de cada uno de mis pasos, para dejar constancia – si es que fuera la muerte la que me espera – de que mi voluntad se vio frustrada por la traición y tozudez de un obispo ambicioso y unos nobles incapaces de comprender la magnitud de mi empresa. Para Urraca tanto el reinar como el escribir su historia es una subversión de las reglas de su tiempo. Ella escribe desde el punto de vista femenino, y a la vez del monarca. Ella es el rey y la reina fundidos en uno. Su intento de escribir historia cuando la historia era (y todavía es) escrita por el varón, es un reto a la historiografía de su época. Ella dice: “... y sé que necesito recuperar la gallardía, el orgullo, para que mi crónica sea tal y no lagrimeo de mujercita angustiada” El que ella asuma la escritura es un desafío a la tradición, a la ‘Historia’. Urraca entra ideológicamente en una batalla contras las formas establecidas (NAVARRO VILLOSLADA, 1849, p. 95).

Dessa forma, deve-se lembrar que as figuras históricas que têm sido as mulheres, continuamente, foram retratadas por homens e eles sempre deram a elas uma imagem de mulher má, promíscua, calculadora etc. Esta é a ilustração feminina que vem ocorrendo em todas as crônicas escritas sobre Urraca.

### **2.2.2 A Urraca de Lourdes Ortiz**

O texto inicia-se informando ao leitor que não se trata de análise histórica. Este romance é categorizado pela autora como "romances de sonho com uma base histórica". Como o parágrafo de abertura diz, as batalhas nada mais são do que as paixões, os sonhos, os desejos, mais ou menos, inconfessáveis e memórias – sim, aqui Urraca narra sua história. É interessante

notar que, na obra, apenas Afonso VII está presente, os filhos “fora do matrimônio” não são citados. A autora já manifesta em sua fala que a história de Urraca seria digna de uma saga, o que é interessante pois já demonstra a importância da figura de Urraca para história espanhola. (Período repetido)

Assim, percebemos, no decorrer do texto, que Urraca atrai os homens, que o sexo seria sua principal arma, além disso, é apresentada livre de paixões, como se não tivesse amado nenhum de seus companheiros. Ainda assim, salienta a possibilidade de a rainha ter se enamorado de um jovem monge, porém não há referencial histórico para tal fato. Logo, nota-se que o imaginário e a história se misturam no texto e tudo é visto através do véu dos vestidos da amante de seu pai Afonso VI, a mãe de Sancho: Zaida. Urraca ainda é apresentada como bruxa, chegando a ser iniciada e expondo os rituais com ricos detalhes.

Ademais da bruxaria, todos os outros fatos narrados têm cunho histórico, dessa forma, é possível notar que as figuras históricas femininas continuamente foram retratadas por homens e eles sempre deram às mulheres uma imagem de má, promíscua, calculadora. Esta é a imagem que vem ocorrendo em todas as crônicas escritas sobre Urraca e ainda estão presentes em Ortiz. Para María Gómez Martín,

los personajes históricos que retratan se benefician de la concesión de una segunda oportunidad, puesto que gracias a las páginas literarias reviven en todo su esplendor y magnificencia ajenas a la marginalización a la que las habían condenado tanto la Historia como los hacedores de historia. No hace falta observar con detenimiento las estadísticas para comprobar que las autoras españolas dedicadas a las ficciones históricas presentaban unas cifras considerablemente inferiores a las brindadas por sus colegas masculinos. [...] El incremento en los números no había sido producto del éxito de un día sino más bien fue un proceso de larga duración cuyo pistoletazo de salida se dio en 1981 con la publicación de Urraca y no cesó de crecer en los años siguientes, comenzando los cambios más reseñados a observarse en la década posterior (GOMEZ MARTIN, 2011, p. 14).

Urraca de Lourdes Ortiz foi o primeiro romance histórico escrito por uma mulher e, a partir desse momento, muitos escritores vão buscar recuperar a verdadeira história dessas mulheres que foi injustamente contada ao longo da história. Nas palavras de Maria Gomez Martin,

si pensamos detenidamente en las opiniones vertidas por las fuentes primarias no podemos dejar de sospechar las serias dificultades a las que tuvieron que enfrentarse autoras como Lourdes Ortiz o Ángeles de Irisarri a la hora de acudir a la historiografía para documentar sus novelas Urraca (1981) y La Reina Urraca (2000). La particular visión que ambas legaron de la reina no hizo otra cosa más que contribuir, justo a la labor de los historiadores e historiadoras recientes, a la reelaboración de una imagen

muy nítida en la mentalidad colectiva pero que como se ha demostrado en la actualidad, estaba sustentada mediante juicios manifiestamente falsarios (GOMEZ MARTIN, 2011, p. 14).

Assim, se ainda não era possível falar de um encontro com o feminino, ao menos a linguagem das escritoras das novelas busca ganhar terreno em um campo até então explorado por homens.

Na obra de Ortiz, Urraca é revisitada às vistas da teoria e da crítica feminista pelas quais a mulher luta para sobreviver em um mundo dominado, em vários sentidos, pelos homens, tal qual a época vivida pela própria escritora. Em ambos os casos, Urraca é tida como um ser que deve obediência e que cede suas vontades ao homem e, uma vez submissa e dedicada ao seu marido e à sua família, torna-se modelo tal qual a virgem. Do contrário, ao não exercer o seu papel de mãe, a igreja constrói um outro papel ideal para essa mulher que, vivendo em reclusão, ascetismos e celibato, distancia-se da sociedade afim de que siga os caminhos da religião.

Portanto, teríamos dificuldades de analisar essa questão hierárquica à vista dos Annales, por isso buscamos na história social e na Historiografia do gênero como categoria de análise uma nova abordagem que iria além dos papéis “determinados”. Tal como afirma Izilda Matos, nossa busca acontece em favor de uma redescoberta de situações inéditas, como a aqui analisada, que serviriam, não para apontar o excepcional, mas, para descobrir o que até então era inatingível por estar submerso. Bem como sinalizar Joan Scot:

Gostaria de argumentar que a narrativa necessita de alguma reflexão crítica, não apenas por não ser tão simples, mas também porque representa mal a história da história das mulheres e seu relacionamento, tanto com a política, quanto com a disciplina da história (SCOTT, 1992, p. 67).

Com isso, podemos pensar, por exemplo, qual teria sido a atuação de uma governante que, ao se entregar ao matrimônio, não cedeu às “rédeas” do governo Castelhana e às de seu consorte? Nossa problemática principal feita à historiografia e também às fontes é: Urraca, apesar de ser mulher, governou e administrou o reino de Leão e Castela seguindo os objetivos almejados para um bom governante que cumpre seu papel? Percebemos então uma situação que poderia ser considerada inatingível por estar submersa em um mundo onde o registro da história era realizado, em sua maioria, por homens e, especificamente, vinculados à estrutura eclesiástica. Talvez, por não haver um registro histórico da atuação dessa mulher produzido por outras mulheres, esse trabalho possa parecer hercúleo, porém, em nossa busca, descobrimos uma gama de documentos que nos possibilitaram alcançar, ao menos de forma parcial, a atuação de Urraca como rainha de Leão e Castela.

Observamos, desse modo, como se definem os papéis entre masculino e feminino nos mais diversos personagens sociais, neste ponto, a história das mulheres torna-se limítrofe do nosso processo de pesquisa e necessitamos ir além. Em um primeiro momento, pensamos em Urraca e a comparamos com seus equivalentes masculinos à vista da história das mulheres e, ao utilizar o sexo como parâmetro de comparação, esbarramos na questão dos papéis a serem desempenhados. Nosso segundo momento é a observação dessa mesma figura histórica e de seu papel na sociedade, logo observamos como o masculino e o feminino são definidos nos personagens sociais. No caso de Urraca, por exemplo, a governante está diretamente envolvida nas reiteradas revoltas da aristocracia. Além disso, ocupa uma figura de agente central – vilanizada, mas, ainda sim central, este é considerado o topo da sociedade senhorial, a fina flor da elite. Apesar disso, os escritores de seu tempo não foram mais “maleáveis” ao retratá-la. E o que implicaria tal postura? Essa reflexão demonstra a necessidade de nos aventurarmos pela Historiografia do gênero.

### **2.2.3 Uma Urraca para além da História das Mulheres**

Ao ler as obras dos historiadores que fizeram parte da terceira geração dos *Annales*, podemos perceber uma tentativa de reconstrução do modelo que deveria ser seguido pela mulher aristocrata da sociedade medieval. Notadamente, em seus textos, aparece uma mulher idealizada, comparada à realidade. O estudioso parte para o exame de como a interpretação de determinado modelo poderia sofrer influências, dada a consciência da relatividade dos fatos e da influência dos sistemas ideológicos sobre a construção do fato histórico, tal consciência tornara-se importante para o desenvolvimento da narrativa do pesquisador.

Citamos Duby (2011) como exemplo, este pesquisador passara a se preocupar com a história social, relacionando suas investigações ao cotidiano, aos hábitos, às crenças e aos costumes de grupos sociais particulares. O privado tornou-se interessante e um espaço fecundo para compreender a forma de organização da sociedade medieval. Partindo disso, não tardou a pesquisar as mulheres e as possíveis imagens que as representavam àquele tempo. O Historiador tenta um resgate da memória feminina, porém deixa claro que não pretende apresentar verdades. Afirma, ainda, que essas mulheres podem ser vistas somente por meio do olhar masculino, de tal forma que seria impossível alcançar os feitos dessas figuras e teríamos somente ecos de suas ações.

Por conseguinte, a história dessas figuras femininas apresenta muitas lacunas, mas é possível investigar como essas personagens conseguiam espaço para negociar e exercer poder dentro de uma sociedade marcada pelo exercício de poder majoritariamente masculino. Dessa forma, segundo Duby,

na verdade, o destino [...] não difere muito do das mulheres de alta linhagem que o acaso, ao privá-las de um irmão, transformava em herdeiras de um domínio senhorial. As esperanças de poder de que eram portadoras ataçavam as cobiças. Os candidatos ao casamento as disputavam entre si, rivalizando para se estabelecer em sua casa e explorar seu patrimônio até a maioridade dos filhos que elas lhes dariam. Assim, sem descanso, elas casavam e se tornavam a casar, enquanto fossem capazes de ter filhos (DUBY, 2011, p. 25).

Isto posto, questiona-se se o único papel social relevante da mulher medieval era o de progenitora. Estes eram sua função e seu lugar naquelas sociedades? No caso da Urraca I, a aristocracia laica entrega-lhe o reino, permite que ela exerça o poder como rainha por 15 anos, basicamente, porque ela era a mãe do herdeiro legítimo? Será que essa definição é suficiente para explicar a emancipação, o poder e a força de Urraca I como rainha de Leão e Castela, visto que se rebelou contra um casamento, não se curvou ao julgo do bispo, entre outros atos que podem representar a dinâmica dos poderes políticos naquela sociedade (FALQUE, 1994; PALARES, 2005)?

Fazemos aqui um convite: que o leitor acompanhe a trajetória dessa figura, Urraca I, enquanto objeto de pesquisa. Partindo desses questionamentos, tentaremos elencar as transformações ocorridas à época dessa rainha mediante a representação social apresentada nas obras em que “*la reina*” é objeto de análise historiográfica. Para além da impossibilidade apresentada por Duby, pretendemos traçar contornos mais nítidos dessa figura pública e sua atuação na qualidade de governante no século XII.

O pioneirismo de Duby apresenta, porém, um limite. Essa historiografia sempre viu a mulher como uma figura representada por homens, portanto uma figura que não tinha lugar. Durante um colóquio nos anos de 1980, Duby fala sobre esse limite, sobre o estudo da condição feminina e levanta diversos pontos a serem considerados. O pesquisador via, naquele momento, a impossibilidade de separar a história das mulheres de seus equivalentes masculinos, já que se falava sobre a importância da evolução de cada sexo e nas relações de poder que permeavam o relacionamento dos casais nas famílias. Logo, podemos perceber, nas obras de Duby que trazem a mulher como objeto de estudo, um resgate de traços de como o sistema medieval de valores visivelmente masculinos representava de maneira tão hostil a mulher do seu tempo.

Para os contemporâneos, as mulheres eram objetos que deveriam ser controlados pela parcela masculina, acreditava-se que elas traziam em si o pecado original, eram possuidoras de certo veneno e, além de mentirosas, também eram dissimuladas. Justamente por isso, deveriam ser temidas. Ainda seguindo esta lógica, as mulheres eram também possuidoras de uma natureza frágil e amorosa, nelas estariam presentes alguns valores como força e capacidade para amar de forma que, segundo a teoria agostiniana, possuíam uma parcela de razão que deveria ser orientada pelos homens.

Entretanto, as pesquisas caminham para o estudo da divisão dos papéis sociais no espaço público e no privado e que, ao analisar esse cotidiano medieval, é preciso atentar-se para as distorções inerentes à documentação disponível, pois este material fora escrito por homens que falaram sobre as mulheres, ou seja, sempre os homens criando a representação feminina. É necessário cuidado para não se deixar influenciar totalmente pelas fontes e, com discursos universais sobre a posição da mulher, o pesquisador já nos alertava que as fontes nos informam mais sobre a ideologia dominante do que sobre a realidade do período quando afirma que,

ao masculino, com efeito, pertence nessa sociedade tudo o que é oficial, tudo o que diz respeito ao público, a começar pela escrita. *Mâle Moyen Âge* [Idade Média masculina], *L'homme médiéval*, pelos títulos que deu a seus livros, o historiador confessa: somente os homens desse tempo são um pouco visíveis e eles lhe ocultam o resto, sobretudo as mulheres. Algumas aparecem de fato ali, mas representadas. Simbolicamente. Por homens, e por homens da Igreja em sua maior parte, portanto adstritos a não se aproximar muito delas. As damas do século XII sabiam escrever, e com certeza melhor que os cavaleiros, seus maridos ou seus irmãos. Algumas escreveram, e talvez algumas tenham escrito o que pensavam dos homens. Mas praticamente nada subsiste da escrita feminina. Resignemo-nos: nada aparece do feminino a não ser por intermédio do olhar dos homens (DUBY, 2011, p. 5).

Desta forma, caberia ao pesquisador medir essa distância, discernir as deformações que poderiam ocorrer dada a pressão da ideologia, pois, com esse cuidado, poderíamos observar as imagens mais ou menos estilizadas ou mais ou menos realistas de acordo com a fonte analisada. Percebemos que a relação entre os sexos acaba por intervir na história, uma vez que temos certa hierarquia sexual, principalmente durante a Idade Média. Observamos que a visão que se cria da mulher nesse período é de cunho patriarcal e cristão. Assim, podemos destacar algumas formas com as quais alguns autores representaram Urraca I. A mulher por muito tempo foi relegada a papéis coadjuvantes e, quando aparecia, normalmente o sucesso de seu desempenho estava atrelado a homens que colaboraram com conselhos que foram prontamente aceitos, dada a fragilidade da atuação feminina.

#### 2.2.4 O Gênero enquanto categoria de Análise

Aludindo ao movimento história das mulheres, vemos um conceito utilizado na tentativa de diferenciar as pesquisas de gênero das tentativas realizadas por pesquisadores anteriores – a exemplo da terceira geração dos Annales. A conexão entre a mulher e a política é óbvia, ainda que complexa na atualidade, entretanto, tentar compreender tal conexão durante a alta Idade Média pode chegar a ser uma tarefa hercúlea para não dizer paradoxal. Para tanto, parte-se da ideia do gênero como categoria de análise – gênero na qualidade de divisão natural do sexo<sup>3</sup> – e que não se baseia no movimento feminista político da atualidade (o que não deve ser encarado como um movimento de despolitização), nem mesmo na busca de heroínas ignoradas a seu tempo, já que o movimento feminista se encaminhou em busca por reconhecimento igualitário e realizou denúncias de tratamentos desiguais em campos variados de pesquisa:

A nova identidade coletiva das mulheres na academia anunciava uma experiência compartilhada de discriminação baseada na diferenciação sexual e também admitia que as historiadoras, como um grupo, tinham necessidades e interesses particulares que não poderiam ser subordinados à categoria geral dos historiadores (SCOTT, 1992, p. 69).

Esses ideais alcançaram as pesquisas na universidade, e as mulheres da história ganharam uma nova categorização de análise, o gênero, ao mesmo tempo em que ocorria uma redefinição da atuação profissional, na qual “as mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis” (SCOTT, 1992, p. 76). As novas categorias na pesquisa refletem o momento vivido por essas pesquisadoras.

Além disso, o conceito de política tem vários sentidos e, neste caso, trabalhamos com a ideia de um “apelo a formação de uma identidade coletiva, a mobilização de recursos, a avaliação estratégica e a manobras táticas” (SCOTT, 1992, p. 66). Dentro desta perspectiva, a política é fundamental para nossa análise, por representar as relações de poder e as tentativas de manter ou contestar uma situação, logo é utilizada como fundamentação para reproduzir uma

---

<sup>3</sup> Joan Scott explica que a evolução da história das mulheres passa de uma evolução do feminismo que segue as mulheres para então encontrar o gênero, de forma que saímos da política, passamos pela história especializada, para nos localizarmos, nesta pesquisa, em um momento de análise.

“ideologia” (SCOTT, 1992, p. 67). Assim, além de uma crônica Cartulário, nos defrontamos com uma narrativa política. Compreendemos, conforme afirma Scott, que

[...] não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido como relativo aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança (SCOTT, 1992, p. 87).

Pesquisar a *Historia Compostelana*, manter nosso foco nas estruturas sociais e utilizar o conceito de gênero no processo nos traz a esperança, não de buscar uma nova História dentro da História, mas, sim, inserir outros aspectos que se somam às pesquisas existentes. Não buscamos exatamente por semelhanças ou diferenças, procuramos uma complementação, uma integração da atuação da mulher na história. Dentro da obra analisada, a política é cerne dos conflitos apresentados, e vemos a mulher ser apresentada por meio de aspectos e adjetivos pejorativos. Tais adjetivos são comumente utilizados em momentos nos quais a coroa passa por situações de elevado estresse, em que o governante deveria se mostrar um solucionador de problemas e não um causador.

Na verdade, consideramos ponto relevante a tentativa de fragilização da mulher governante para justificar a debilidade em governar durante a Idade Média Ibérica. Necessitamos ir além da terceira geração dos *Annales* dessa forma reflexões teóricas acerca da história das mulheres estruturadas por meio do gênero, como uma categoria analítica, apresentam-se como uma nova possibilidade de análise, mas devemos tomar cuidado com o perigo das generalizações, por isso

a categoria de gênero não deve ser acionada como um substituto de referência para homem ou mulher. Seu uso designa, ou deveria fazê-lo, a dimensão inerente de uma escolha cultural e de conteúdo relacional. Por outro lado, traz embutida a articulação desse código, que se apropria da diferença sexual tematizando-a em masculino e feminino, com outros níveis de significação do universo, porquanto no que respeita, por exemplo, às sociedades primitivas – e não apenas nelas – o gênero interage com outros códigos” (HEILBORN, 1992, p. 41).

Devemos ir além de uma ordem modeladora de mulheres e homens, perguntando-nos, por exemplo, “ao exercer o poder régio, Urraca se masculiniza?” ou ,ainda, “sem jamais deixar de ser uma mulher, ela transita, incorpora ou reformula as práticas de masculinidade?” e,

principalmente, “o ‘senhoril episcopal’ deslegitima Urraca feminilizando a coroa?”. Em outras palavras, devemos ter em mente que o que denominamos homem e mulher não é um produto do sexo, do biológico, mas sim de relações sociais baseadas nas estruturas de poder relacionadas ao medievo.

A importância do gênero na qualidade de categoria analítica é que esse tipo de abordagem possibilitou que a história das mulheres fosse mais discutida no meio acadêmico, uma vez que passamos a debater sobre a construção social e cultural do masculino e do feminino para além da questão do sexo, trata-se, na verdade, da construção de uma identidade subjetiva dos sujeitos analisados. Logo, o que nos interessa em relação ao objeto de análise não é a mulher em si, mas, sim, o papel que ela desempenha e a variedade de representações sociais que o homem elabora sobre essa atuação social da mulher. Os papéis representados pela mulher partem de uma situação em que a demografia apresenta na história, para, depois, abordar as relações matrimoniais, a vida religiosa. Posteriormente, o corpo ganha espaço ao abordar questões como prazeres, maternidade, sexualidade e prostituição. O final dos anos de 1980 nos trazem a análise cultural que abarca o imaginário e alcança espaços além da academia: o medievo surge na literatura, nas mídias de entretenimento, os jogos, etc. O que podemos dizer é que concordamos com a fala de Santos (1996), quando afirma que

a historiografia sobre as mulheres vem caminhando no movimento de expansão contínua, provocando discussões e a revisão das categorias analíticas para uma estrutura da própria história. [...] o mesmo vem acontecendo na produção historiográfica sobre as mulheres medievais que buscam ao mesmo tempo debater por meio de encontros, seminários, publicações e também ocupação de espaços acadêmicos e institucionais com a criação de núcleos de estudo. (SANTOS, 1996, p.76)

E aqui está nosso caminho, buscar compreender a mulher medieval para além dos modelos aos quais deveriam servir nas cortes onde viviam. Nossa proposta é uma tentativa de ultrapassar o limite imposto por Georges Duby por meio da análise documental pautada na representação social sob os aspectos relacionados à psicologia social. Neste caso, estudar a mulher medieval ganharia novo fôlego, pois, segundo a ideia de representação apresentada por Serge Moscovici,

representar significa, uma vez ao mesmo tempo, trazer presentes coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integralidade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusa, pois não há outros meios, como exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar

e se adaptar a tais coisas. Consequentemente, o *status* dos fenômenos da representação social é de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema (MOSCOVICI, 2013, p. 216).

Portanto, uma representação é uma forma de assimilação da realidade que não tem nada de natural. As representações da figura pesquisada neste trabalho refletem valores sociopolíticos que estão em concorrência no ambiente social aristocrático ibérico. Por isto, a análise desse tipo de produção literária deve sempre levar em conta o contexto social de sua emergência e as finalidades de sua utilização. Por serem dirigidos a exaltar a memória de grupos sociais determinados, esses textos podiam deturpar a trajetória de determinados personagens históricos, curvando-se a situações exemplares que visavam ao elogio da memória e do grupo que encomendava a obra. Em princípio, durante a Idade Média, segundo algumas fontes, religiosos prezavam por suas almas inquietas e pecadoras. O corpo servia como forma de aliança por meio do casamento. Tentar vislumbrar a mulher que viveu durante o período medieval por meio das obras coetâneas a essas mulheres é um grande desafio. Apesar dos atualíssimos lançamentos da historiografia nessa área, que apresentam a "história das mulheres", é um trabalho homérico compreender quem foram essas mulheres, levando em consideração documentos escritos por seus equivalentes masculinos.

Nas obras de autores consagrados, como Jacques Le Goff, e, para essa pesquisa principalmente, Georges Duby, as mulheres têm uma ínfima visibilidade, muitas vezes, dividida com a atuação dos monarcas, governantes e senhorios, sendo relegada à condição de coadjuvante da história. Assim,

[...] em parte sincera, todos esses homens estão convencidos de que a mulher lhes é inferior. Aos olhos deles, a natureza feminina distingue-se por duas características, a *infirmitas* em primeiro lugar, a fraqueza, e depois o peso do carnal que as atrai para baixo (DUBY, 2011, p. 239).

A mulher sairia das vistas de seu pai, que a entregaria a um parceiro responsável para garantir que suas necessidades, conforto e comodidade, fossem atendidas. Podemos dizer então que a mulher medieval seria o perfeito exemplo de mulher “bela, recatada e do lar”? As fontes do século XII não nos oferecem falas das aristocratas da época, porém outras obras podem nos auxiliar a traçar os contornos de quem foram essas mulheres e qual teria sido sua atuação. Por ocasião da morte dos maridos, dos irmãos e, na impossibilidade de que outros assumissem o trono, mulheres aristocráticas, no transcorrer dos séculos XI, XII e XIII, assumiram a condição

de governantes. Apesar disso, a historiografia normalmente interpretou tais ocorrências como um sinal da “virilidade” dessas escolhidas da “providência”:

Se descobrem em uma mulher a força, ou uma das três outras virtudes cardeais, prudência, justiça, temperança — e isso por vezes acontece —, essa vantagem excepcional lhes parece provir de um benefício da providência, da complacência de Deus que colocou nela algumas sementes de virilidade (DUBY, 2011, p. 239).

Mesmo quando rainhas, estas mulheres deveriam dar aos seus esposos o direito sobre as terras e bens, a fim de que esses parceiros reinassem e administrassem os espaços pelos quais elas seriam responsáveis. Devemos recordar que tal situação, segundo alguns pesquisadores como George Duby, era endossada tanto pela Igreja quanto pela aristocracia local.

Vê-se, então, os padres mais eruditos do século XII postos diante de Eva e suas desditas. Incontestavelmente, ela é inferior a Adão. Assim Deus decidiu. Criou o homem à sua imagem, a mulher, de uma parte mínima do corpo do homem, como uma impressão sua ou, antes, um reflexo. A mulher nunca é mais que um reflexo de uma imagem de Deus. Um reflexo, como bem se sabe, não age por si mesmo. Apenas o homem está em situação de agir. A mulher, passiva, tem os movimentos comandados pelos de seu companheiro. Essa é a ordem, primordial. Eva abalou-a ao curvar Adão à sua vontade. Mas Deus interveio, recolocou-a em seu lugar e agravou sua submissão ao homem como punição de sua falta (DUBY, 2011, p. 233).

A "história das mulheres" é hoje um campo de pesquisa consolidado em universidades do mundo todo (ainda que, em cada país, ocorram níveis diferenciados de desenvolvimento e aceitação do campo). Percebe-se, cada vez mais, que a mulher não apenas tem história, mas também fez e faz (a sua) história. Analisar como se deu a trajetória dessa transformação da mulher em objeto de estudo pode contribuir significativamente para traçar contornos de figuras até então marginalizadas. Essa história busca compreender a mulher pelas obras contemporâneas ao período em que viveram, porém, ao contrário do limite apresentado por Duby, no qual só poderíamos enxergar a mulher pela ótica masculina, atualmente, pesquisadores se debruçam sobre as mesmas obras que apresentariam tais limites e extraem delas um pouco mais do que contornos opacos da atuação dessas mulheres no público e no privado.

Com novo fôlego frente à modificação da abordagem do método historiográfico, a história marginal e a história do gênero cedem espaço para uma possibilidade de pesquisa para além do sexo ou do gênero. Analisemos essas figuras que governaram durante o século XII sob olhar cuidadoso das obras para pinçar aspectos que corroboram com a teoria de que o que importa é a capacidade e o desempenho dessas governantes que são figuras avocadas com certa

frequência no imaginário contemporâneo, pois, até metade do século XX, ainda percebemos que a mulher não é representada como a encarnação do próprio poder.

Os pesquisadores do final do século XX e início do XXI veem essas mulheres para além do sexo e do gênero, a análise agora se pauta na responsabilidade política, no desempenho na qualidade de administradora que atuou tal qual seus equivalentes masculinos, em contextos nos quais problemas cotidianos eram superados não por atuação de agentes externos mas sim pela própria ação da governante. Assim, as ações de “*la reina*” são vistas como atitudes não enxergadas pelos religiosos que escreveram a *História Compostela*, Urraca não governara de forma equivocada por não atender aos conselhos masculinos ou por ser indomável e irresponsável, as situações vividas pela rainha poderiam ser atribuídas a qualquer governante do início do século XII, dada a crise do período. A representação de Urraca I surge no século XXI, diferente das tratativas anteriores. Gordo Molina (2006) apresenta uma soberana que não pode ser desconsiderada quanto à sucessão do trono Castelhana-leonês e, mesmo que as fontes não afirmem tal situação, percebemo-la pois

las fuentes y la documentación del aula regia dejan ver la aceptación entre la nobleza y el clero de la llegada al gobierno de una mujer. No sé podía ignorar la herencia de la Infanta ni su ascendencia, que en definitiva, era la que le dio acceso a la función soberana (GORDO MOLINA, 2006, p. 2).

E, ainda, aborda a necessidade de “*la reina*” legitimar-se frente à aristocracia e mesmo à igreja de Santiago:

Sin embargo, y si se puede hablar de un hecho persistente dentro del reinado efectivo urraqueño, éste fue el carácter legitimador constante de la situación de la reina producto de las circunstancias en que ella se encontró: no como la mujer del rey, sino que como *el rey* (GORDO MOLINA, 2006, p. 2).

A releitura de Urraca realizada por Gordo Molina nos permite entender o contexto dos fatos narrados em fontes como a *Historia Compostelana*. A herdeira de Alfonso VI estava no meio da pressão interna do reino, cercada por forças temporais, de um lado a Igreja de Santiago que estava em processo de consolidação do poder senhorial-episcopal e tentava, conseqüentemente, estender sua jurisdição sobre certas áreas geográficas e urbanas. Além disso, a região sofrera tentativas de ocupação territorial pelos lusitanos. Tal tentativa ocorria também por parte do ex-companheiro Afonso I de Aragão, e, ocasionalmente, o papa poderia estar entre os fatores externos que a rainha teve de enfrentar para consolidar o seu mandato. Somado a essas situações apresentadas, surge ainda a ameaça almorávida e os problemas

relacionados à manipulação sofrida por seu filho Alfonso Raimundez para ser aclamado como rei da Galícia.

Diversas alianças são realizadas e rompidas pela rainha, principalmente com o arcebispo de Santiago e com sua irmã Teresa, domina do condado portugalense. Essas alianças também são apresentadas na *Historia Compostelana*, porém, com uma leitura diversa da apresentada por Gordo Molina, 2007:

Urraca I sabía que había que estar negociando continuamente para mantener las alianzas; vigorizarlas, extenderlas o romperlas era la manera de poder mantener equilibrada la balanza a su favor. Si alguno de los grupos competidores lograba mejorar la oferta a la parte contraria, Urraca podía ver socavada rápidamente toda su jurisdicción y verse privada del dominio efectivo que tanto le estaba costando mantener (GORDO MOLINA, 2007, p. 10).

É relevante pensarmos que estamos lidando com um universo feminino de visões diferentes, mas é possível identificar personagens que vão assumir o governo e o que esperar delas é um bom governo e não um governo transitório. A abordagem histórica muda novamente e agora existe uma historiografia mais recente que faz apontamentos sobre a interpretação de uma Urraca como peça transitória no governo por se tratar da progenitora do herdeiro do trono de leão e castelã. Os apontamentos caminham para a insuficiência de tal interpretação.

Maria del Carmen Pallares segue na mesma direção de Gordo Molina em sua obra intitulada “La reina Urraca”. A autora busca conhecer a trajetória de Urraca I como rainha, domina responsável por um reino que passava por crise no século XII. Talvez aqui a desvinculação da historiografia galego-portuguesa em fazer uma história da nação ceda espaço para o traçado de novos contornos de figuras como “la reina”, agora sim como administradora e não como simplesmente mulher. Os contemporâneos a esta pesquisa buscam, nas mesmas obras analisadas, em outros tempos, compreender a figura da rainha.

É provável que a proximidade com esses autores não nos possibilite, ainda, perceber as suas motivações, o que percebemos é uma transformação nos resultados obtidos de forma que o método de pesquisa também se modificara no decorrer do processo. A abordagem empregada nessa pesquisa está pautada na tentativa de compreender a apropriação de figuras como Urraca I por meio da representação social pautada na psicologia social de Moscovici. A estratégia nos permite imprimir novo fôlego no trabalho de compreensão quanto às diversas formas que a rainha espanhola aparece mediante as necessidades de quem evoca sua figura de tempos em tempos.

Urraca I (1095-1126) foi a primeira filha da segunda união de Afonso VI e a rainha Constança de Borgonha. A primogênita teve mais dois irmãos, Sancho, que em princípio assumiria o trono de seu pai apesar de não se tratar de um filho legítimo e Tereza (mãe do futuro rei de Portugal). Afonso VI casa suas filhas e cada qual assume uma região do reino, Urraca vai para a Galícia e Tereza para o condado portugalense. Sancho morre na batalha de Uclés e deixa o reino sem um varão que pudesse assumir o trono, ao mesmo tempo, Raimundo de Borgonha, companheiro de Urraca, morre deixando a infanta viúva e seu filho Afonso Raimundez órfão. Com a morte de Raimundo de Borgonha, Urraca continua a administrar a Galícia e não haveria expectativa de mudança até a morte do irmão, em 1108, quando a condessa se torna a opção óbvia na sucessão do trono. Os filhos eram preferidos no lugar das filhas para receber o patrimônio principal do pai, mas nada impedia, na falta de um varão, que uma mulher herdasse o bem em terras, o sucedesse frente aos demais senhorios e que, posteriormente, viesse a transmitir todos os bens aos seus filhos e filhas (GUERREAU-JALABERT, 2006). Se até aquele momento Urraca era a senhora da Galícia, uma pequena região que recebera como dote no casamento, agora, esta mesma mulher se tornaria a figura mais eminente de um vasto território como sua rainha.

Com a proximidade da morte, Afonso VI informa seu desejo de que Urraca assumisse o trono. Contudo, a aristocracia laica, preocupada com a incapacidade nata de uma mulher governar, exige que Urraca se case, constituindo uma aliança com Afonso de Aragão. A corte castelhana acreditou ser necessário não deixá-la sozinha na administração de seu território, e a melhor aliança que se apresentava era com o rei de Aragão e Pamplona. Por parentesco, Urraca assumiria o trono legitimamente, porém a preeminência social dos homens sobre as mulheres exigia que a rainha adquirisse novas núpcias. Desta forma, cumpriria seu papel de mulher, esposa, gestora do lar e sombra de seu marido, afinal o modelo régio exaltava e privilegiava a sucessão masculina e quase excluía as mulheres. Estas, mesmo quando governantes, deveriam viver sob os cuidados de um homem, pois era um “ser fraco”, portanto, submissa ao seu poder.

O sistema de parentesco cognático é recebido como benção duas vezes: a primeira ao permitir a ascensão de Urraca ao trono e a segunda quando atesta o incesto entre Urraca e seu segundo esposo Afonso I. A união deles foi anulada em 1114, não sem antes provocar uma guerra civil entre os esposos. Urraca, com apoio da aristocracia laica e do episcopado de Santiago, tentava anular a união, enquanto Afonso I insistia em administrar o trono castelhanoleonês na qualidade de consorte da rainha. Já a Igreja de Santiago vira tal união como incestuosa, dado o grau de parentesco entre Urraca e Afonso Baleador. Urraca, que não desejava se casar, mais que depressa vê a união como nula, pois não se via como esposa do rei, mas, sim,

o próprio rei, porém, Afonso, já casado e desejoso de atuar e estender seus domínios, não aceita a separação e entra em guerra contra sua esposa a fim de assumir o trono.

O receio externo fazia com que a aliança mais fecunda trouxesse à região de Leão e Castela uma quantidade significativa de homens armados prontos a proteger as fronteiras. Os almorávidas testavam, a todo tempo, os limites das fronteiras agora que o imperador morrera e uma aliança por casamento ampliaria as chances de proteção do reino. Assim, Urraca se une a Afonso de Aragão com as bênçãos da aristocracia castelhana e contra vontade da Igreja local, que vê em tal união um relacionamento incestuoso afinal

a Igreja, na metade do século XII, acabava de fazer do casamento um dos sete sacramentos a fim de assegurar seu controle. Ela impunha ao mesmo tempo jamais romper a união conjugal e, contraditoriamente, rompê-la de imediato em caso de incesto, ou seja, se se verificasse que os cônjuges eram parentes aquém do sétimo grau. O que permitia à autoridade eclesiástica, na verdade ao papa quando se tratava do casamento de reis, intervir à vontade para atar ou desatar, e assim tornar-se senhor do grande jogo político (DUBY, 2011, p. 10).

Urraca, durante seu governo, viu-se em conflito com o ex-companheiro, com o cunhado e com a irmã, além da ameaça almorávida que buscava avançar sobre as terras de Afonso VI, uma vez que o monarca estava morto e o trono tinha sua legitimidade contestada. Além disso, sua relação de negociação como a Gelmírez era outro aspecto a ser considerado frente às alianças feitas e desfeitas. Aqui, a ótica apresentada por Duby parece se reproduzir sem maiores ressalvas: as mulheres, segundo seus pares, não tinham condições de governar. Eram apresentadas como frágeis e incapazes de trazer a estabilidade necessária ao reino. Os partidários da rainha e de seu filho Afonso Raimundez – Afonso VII após a morte da mãe em 1126 – fazem uso de elementos eclesiásticos que impediriam a união no plano da consanguinidade,

[...] o limite do sétimo grau canônico, enunciado desde a época carolíngia, equivale a proibir a União matrimonial com qualquer consanguíneo até o 14º grau Romano; proibições desconhecidas na época Romana foram feitas aos aliados, primeiro ao irmão ou a irmã do cônjuge falecido, em seguida a todos os aliados no limite do 7º grau canônico, em virtude do princípio da unidade da carne dos esposos que possibilita similar seus respectivos parentes [...] no século XII, o conjunto destas proibições atingem sua máxima extensão e complexidade, proscrevendo na prática o casamento com qualquer consanguíneo conhecido, e também como um grande número de agregados e parentes espirituais. Na mesma época, o casamento passou a ter caráter sacramental e tudo que tocava questões matrimoniais, inclusive os assuntos patrimoniais delas derivadas, dependia doravante da jurisdição eclesiástica. Enfim, parece que a insistência quanto à necessidade de tornar os ritos

públicos impôs pouco a pouco um aspecto suplementar do controle da igreja (GUERREAU-JALABERT, 2006, p. 327).

No caso da obra em questão, são narrados os feitos do arcebispo de Santiago de Compostela. A legitimação do poderio senhorial-episcopal de Diego II Gelmírez está relacionada à própria legitimação do poder de Raimundo de Borgonha, primeiro esposo de Urraca, quando ambos administravam a região da Galícia. Gelmírez aparece como notário, bispo portador da justiça em alguns diplomas assinados por Raimundo e Urraca.

A atuação de Gelmírez arcebispo de Compostela condiz com o aumento do número significativo de posses e territórios para a diocese da qual era responsável e, posteriormente, para a Arquidiocese de Santiago. A relação do bispo com a aristocracia galesa, segundo ÁLVARO (2013), é de interdependência, em que alianças entre os lados legitimam e ampliam o poder senhorial-episcopal frente a situações cotidianas que tanto o bispo quanto o casal citado enfrentavam na primeira metade do século XII. Em 1100, quando Gelmírez assume efetivamente a Arquidiocese de Santiago, Urraca I contava com seu primeiro ano como rainha, que realizara segundas núpcias com o rei de Aragão. A expectativa era o fortalecimento das aristocracias Castelhanas-leonesas e Aragonesas e a geração de um herdeiro, ambas frustradas. Então, Urraca I entra em confronto com o companheiro Afonso I Batalhador na tentativa de anular o matrimônio, entretanto a relação fora considerada incestuosa uma vez que ambos teriam grau de parentesco fato que impediria a união.

As crônicas apresentam o companheiro da rainha como alguém violento e Urraca como mulher fragilizada que necessitava de auxílio de um equivalente masculino, mas que não fosse seu atual companheiro. A relação de interdependência e aparente negociação entre a Arquidiocese e a aristocracia castelhana fazem e desfazem alianças no sentido de talvez garantir a manutenção senhorial-episcopal por meio da influência que poderia ser exercida sobre a monarca castelhana. Em meio a essa situação, o arcebispo de Compostela, Diego Gelmírez, deseja e obtém a tutela do filho de Urraca, Afonso Raimundez e exige que a mãe permaneça regente somente enquanto o filho fosse infante. O que o arcebispo consegue, na verdade, é a proclamação de Afonso Raimundez como rei da Galícia, o que colabora com sua atuação senhorial-episcopal frente à Igreja de Santiago de Compostela. Em meio a esses embates, Urraca I, rainha de Leão e Castela, governou de 1109 a 1126, quando morre no parto de sua última filha.

Urraca I foi apresentada, até agora, como uma figura que teve o seu papel definido como o de uma mulher originária da medievalidade, que cumpriu suas funções de filha e mãe e que,

na sua atuação na qualidade de governante, apresentou mau desempenho, pois não conseguiu manter a autoridade de seu pai, tendo a sua condição feminina colaborado em boa medida para o caos que se abateu entre os reinados de Alfonso VI e Alfonso VII.

A *Historia Compostelana* é a fonte que mais apresenta as ações, as paixões e suas deficiências como rainha. Foi responsável por cativar e seduzir, atitudes próprias da maldade e luxúria da condição feminina, levando os homens que a rodeavam ao erro e à ganância. Os escritores da obra não fizeram referência direta à rainha, mas se ocultavam atrás de generalizações feitas acerca do papel a ser desempenhado pela mulher na sociedade castelhana do século XII. Se trata de uma obra encomendada, como dito anteriormente, porém, tal fato não diminui infinitas possibilidades a serem analisadas sobre o papel da aristocracia Castelhana pelas situações apresentadas ou omitidas na obra. Assim, conforme afirma Álvaro (2013), a *HC*

[...] é um documento cuja pertinência é fundamental para entendermos as nuances que caracterizaram as relações entre o episcopado gelmiriano e a monarquia. Sua riqueza de detalhes e seu teor narrativo nos permitem diversas possibilidades de estudos e abordagens (ÁLVARO, 2013, p. 173).

A historiografia fez uso desse documento para apresentar Urraca em seu papel de filha, mãe e esposa. A análise histórica de sua atuação como governante não foi muito revista até meados dos anos 2000. Esse interesse coincide com diversos fatores sociais, tentativas de justificar a atuação ou não das mulheres em diferentes períodos e também a tentativa de justificar a busca por igualdade como o caso das ondas feministas ocorridas entre os séculos XIX e XXI, quando o gênero torna-se objeto de estudo com o fim de compreender as mulheres em seus espaços de atuação.

Com as mudanças socioculturais, a mulher gradativamente adquire os mesmos direitos em relação ao homem e, com isso, adquiriu também as mesmas responsabilidades e obrigações frente às diversas atribuições, passando a dominar e assumir praticamente todas as situações e áreas: arte, ciência, tecnologia, casa, trabalho, decisões, iniciativas, política etc. E, apesar destas mudanças, manteve suas funções naturais de mãe. Todas essas alterações na história da mulher fizeram com que ocorressem profundas transformações psicológicas, resultando em uma pessoa livre, independente e autônoma, ao invés de submissa, dependente e obediente (MALLARD, 2008). As peças e pesquisas historiográficas passam a buscar legitimação dessas ações do presente no passado medieval e, assim, personalidades como Urraca voltam a ser analisadas.

Uma leitura mais atenta pode demonstrar que a mulher, durante o século XII, não fora tão submissa tal qual costuma ser apresentada pelo senso comum e mesmo seu lugar ou seu papel não tinham as delimitações apresentadas em alguns recursos midiáticos. Note que, vez

por outra, a ausência de informações sobre essas mulheres pode nos sugerir tentativas de omissão de uma administração eficiente frente a crises internas e externas.

### 3 A HISTÓRIA DA GOVERNANÇA DE URRACA I NAS CRÔNICAS IBÉRICAS

A forma de registrar a história sofreu mudanças significativas durante o século XII. A negação do homem medieval em relação ao seu passado imediato nos leva a ponderar que a forma clássica “pagã” de escrever já não atendia às necessidades daqueles que realizavam as gestas e os registros durante a Idade Média. Não se trata mais de assinalar aquilo que realmente aconteceu. Na verdade, a partir do século XII, o que observamos são discursos autorreferenciais que, à revelia de seus autores, buscavam legitimação para as ações realizadas por aqueles que encomendavam esta ou aquela obra e, assim sendo, podemos entender a história como representação da própria História.

#### 3. 1 A ESCRITA DA HISTÓRIA NO SÉCULO XII

As fontes daquele tempo têm historicidades próprias, o que leva o historiador a considerar mais o contexto vivido e a intenção dos escritos do que os fatos descritos em si, dessa forma, “o modo de narrar se torna tão importante quanto o fato narrado” (ALMEIDA E DELLA TORRE, 2015, p.10).

O historiador, portanto, só tem acesso a ele [Passado] por meio de uma cadeia de mediações, construída por todas as representações, desde aquelas que os documentos expressam até as suas próprias, que o separa desse passado (SCHMITT, 2014, p. 17).

Assim, a Igreja aqui é reconhecida como uma instituição não teológico ou mesmo eclesiológico. Ou seja, tal como nos explica Rust (2010), entendemos por igreja uma instância de agentes, normas, lugares institucionalizados. Neste contexto, as noções de verdade e o registro da história como “um tipo muito específico de memória” (ALMEIDA E DELLA TORRE, 2015, p. 11) – aquela memória coletiva que deveria permanecer para além daquele tempo – mudaram. Se na antiguidade clássica a preocupação consistia em registrar a verdade, durante a Idade Média, a intenção se volta à produção de sentidos já que superam a preservação de certas memórias. Seu alcance passa a ser um caminhar as produções dos textos históricos.

Devemos nos lembrar que o registro dos acontecimentos locais estavam a cargo dos religiosos relacionados à Igreja de Compostela, que também passava por um período de

legitimação da Cristandade. A Igreja Compostelana segue essa tendência na modificação de seus registros, então ainda existe uma tradição exegetica, porém, em vez de trabalhar com a tradução da bíblia, os textos buscam uma forma de legitimar as atitudes das autoridades eclesiásticas. As ações passam a ser narradas e o próprio termo “indivíduo” nos apresenta o rumo que essas produções escritas buscaram alcançar. Assim, devemos considerar o indivíduo tal como nos apresenta Schmitt ao afirmar que

Mauss corretamente insistiu na etimologia e nos sentidos antigos de *persona*: equivalente ao grego *prósopon*, que designa {o que está colocado diante dos olhos}, *persona* pertence ao campo semântico da visão. Significa primeiramente a máscara do ancestral para representar seu papel. A *pessoa* é antes *um fato de organização* religioso e social, que absorve toda singularidade: como bem disse Pirandello, *uma pessoa real pode não ser ninguém, um personagem sempre é alguém* (SCHMITT, 2004, p. 229).

O ambiente intelectual eclesiástico era favorável para a produção escrita e as biografias dos reis passam a dividir espaço com um novo tipo de registro: as ações, os grandes feitos e os bons exemplos praticados pelos bispos, abades e monges católicos. A Igreja Compostelana, a este tempo, possuía grandes líderes que poderiam ser comparados a grandes figuras como reis e imperadores. Certos homens religiosos combateram inimigos e realizaram feitos notáveis. Por vezes, milagres eram atribuídos a esses homens e tais atitudes, aos olhos da própria Igreja, seriam capazes de suscitar a virtude naqueles que os contemplassem (ALMEIDA e DELLA TORRE, 2015, p. 33).

Devemos nos lembrar de que a casa de Deus passa a amplificar seus domínios institucionais durante os séculos medievais. O que percebemos, segundo Rust (2010), é que há o desenvolvimento de “elites regionais da Cristandade senhorial”, com isso, ocorre “um aprofundamento dos fundamentos sociais da noção de autoridade eclesiástica” em que temos por resultado um maior controle das almas e também das terras.<sup>4</sup> A acumulação ocorria tanto

---

<sup>4</sup> A Igreja aqui é entendida como grupo dos eclesiásticos (ordem eclesiástica) passa por processo de institucionalização e alargamento do exercício coletivo de um poder decisório durante os séculos medievais. Deixamos de lado a ideia de Igreja enquanto entidade homogênea e passamos a pensar as especificidades de uma instituição composta e comandada por homens que lidavam com as relações de poder segundo a sua própria perspectiva finita de tempo. Não lidamos mais com o tempo de Deus, o que rege os mandos é o tempo do homem e esse tempo é finito. Assim como afirma Rust, 2010 “Deparamo-nos com relações sociais onde o poder figurava como atributo interior dos agentes históricos, como algo maleável, fluido, reversível, e que tinha no uso da voz e da justificação pessoal elemento fulcral de sua história. Tanto a temporalidade quanto os modos de decidir e comandar eram grandezas morais, decorriam do movimento sinuoso e volteante dos estados de consciência revelados por uma persona.” (RUST, 2010, p.10). Cabe-nos ressaltar também que a, ecclesia, podia tratar ao mesmo tempo da noção de grupo, mas incluir a comunidade dos cristãos e o edifício onde essa

no campo espiritual quanto no campo material e o registro da história corroborava com a existência da Sé assim como o reconhecimento da importância de sua existência, afinal: “possuir uma história seria o meio de existir” (ALMEIDA e DELLA TORRE, 2015, p. 14). O registro da história dos representantes eclesiásticos acabou por colaborar para a aquisição de bens móveis e imóveis por meio de doações feitas por ricos aristocratas que, de uma forma ou de outra, sofreram influência da escrita.

### 3.2 A CRÔNICA COMO FONTE HISTÓRICA

Existe dentro da História uma diversidade quase cósmica quando tratamos da produção do conhecimento histórico. A partir dos trabalhos da terceira geração dos *Analles*, pesquisadores se deparam diariamente com inúmeras possibilidades de fontes a serem discutidas e analisadas. Durante as pesquisas sobre um determinado tema, vez por outra, “esbarramos” em outras fontes que nem sabíamos existir até aquele momento, enquanto realizamos leituras, percebemos a história dentro da História, pesquisamos sobre uma determinada situação e dentro dela nos deparamos com outros questionamentos que, em alguns casos, nos levam inclusive a mudar o rumo da pesquisa.

Ao realizar leituras das crônicas escritas no século XII, observamos que o termo em si pode ser considerado uma verdadeira polissemia histórica e a obra trabalhada durante esta pesquisa traz essas indagações. Percebemos a riqueza desse documento só por receber a alcunha de Crônica, e, segundo Marcella Lopes Guimarães, é possível elencar alguns traços que compõem o gênero como “perspectivação do passado, Reconquista, traduções, memória de um reino e justificação narrativa, sucessão, tradição e verdade [...] seguiu em direção à memória, à propaganda régia, à importação de modelos e à justificação” (GUIMARAES, 2011, p. 68). A crônica, segundo o dicionário *Michaelis online*, de forma bem simplificada, é uma “compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo [Originalmente, a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; a partir do século XIX, passou a refletir tb. a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc.]” e ainda “*p.met.* biografia de um soberano”.

---

comunidade se reunia para os cultos. Nesse sentido, vale a pena usar o plural igrejas e institucionalidade para dar conta dos procedimentos formalizados pelos grupos eclesiásticos sediados em diferentes sés episcopais, monasteriais para estender seu espaço de atuação social.

Na sua acepção mais antiga, ela [Crônica] se relaciona à Idade Média e às crônicas históricas, cujo conteúdo era documental; sendo assim, o cronista era, antes de tudo, um documentarista da sua época, do seu contexto histórico e social. Ainda que o gênero tenha se afastado da ideia de documento, uma relação com a temporalidade fortaleceu-se – noção evocada pela etimologia da palavra: “O sentido tradicional do termo decorre da sua etimologia grega (khronos = tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica (BECKER, 2013, p. 12).

Nosso trabalho depende do tratamento que damos a esses materiais e, segundo Bloch, (2001, p. 69), a fonte pode falar, ou, como acontece nesta pesquisa – até mesmo calar –, sobre aquilo que lhe é perguntado. Como uma criança bem educada, o documento responde às perguntas feitas pelo pesquisador, contudo, nossa abordagem está na observância daquilo que o documento “cala”, daquilo que omite e, no nosso caso, o silêncio gira em torno das mulheres.

Mesmo ocultando as ações da governante, cuja trajetória analisaremos, as situações vivenciadas pelos escritores nos dão uma boa visão do contexto estudado. A esse termo, temos dois pontos a considerar: o primeiro é que as ações de Urraca não estão expressas na *Historia Compostelana* e, segundo, que, no caso das crônicas apresentadas, os bispos espanhóis buscaram legitimar suas atuações frente à Santa Sé Católica, por meio de textos propagandísticos. Durante o século XII, na região de Santiago e Oviedo, percebemos a elevação dessas igrejas que obtiveram isenção, tornando-se sujeitas, imediatamente, à Sé Apostólica. Esses fatos são narrados tanto na *Historia Compostelana* – encomendada por Dom Diego Gilmirez – como no *Liber Testamentorum* – encomendada por Pelayo, o bispo de Oviedo – e na Crônicas Anônimas de Sahagún.

Com intuito de traçar a trajetória de Urraca na figura de governante, este texto trabalha com duas obras que apresentam momentos da vida da rainha e a comparação entre elas apresenta subsídios de seus atos de governança, porém gostaríamos de esclarecer que tais obras não tratam de uma História oficial dos reis. Vez por outra, o passado é retomado no presente de forma a nos auxiliar a compreender as relações interpessoais. Visitar o passado longínquo nos possibilita compreender como se dá a construção das representações sociais.

As relações construídas por Diego Gilmirez, os monges de Sahagún e Urraca I, expressas na *Historia Compostelana* e nas Crônicas Anônimas de Sahagún, servem de exemplo sobre este tipo de construção. A *Historia Compostelana* – HC – será nossa obra principal, e as obras secundárias: a História de *Los Hechos de España – Hechos* –, Já La reina Urraca e as Crônicas Anônimas de Sahagún – CAS – servem como documentos históricos para esta pesquisa e, a seguir, será apresentada uma breve contextualização dessas obras. A HC foi elaborada na primeira metade do século XII, na cidade de Compostela, provavelmente, entre os

anos de 1109 e 1149. A obra se aproxima de uma biografia em que percebemos, até certo ponto, existir uma preocupação central dos seus autores em registrar as realizações de Dom Diego Gelmírez como bispo e, depois, arcebispo da Igreja de Santiago de Compostela.

César Augusto da Silva Foga, em sua dissertação de mestrado, relembra que “até o século XII essas biografias faziam referência, sobretudo, aos monarcas e a partir desse momento personagens que não pertenciam a esse segmento também tiveram suas biografias elaboradas” caso do próprio Diego Gelmirez com a *HC*, dessa maneira, vemos

[...] os primeiros exemplos conhecidos na Península Ibérica de biografias de personagens que não pertenciam à realeza, caso do bispo Diego Gelmirez, ampliando-se assim em geral o panorama temático e os sujeitos históricos ao longo do período em questão (FOGA, 2015, p. 15).

A obra conta com registros dos sucessos que aconteceram no seu tempo, constituindo-se numa fonte historiográfica de grande valor ao transcrever documentos históricos no próprio texto. Esta pesquisa trabalha com a tradução de Emma Falque, de 1994, e com algumas citações do original em latim. Segundo Falque Rey (1994, p. 23), encontramos na *HC* “uma combinação de gesta e *registrum*”. Gesta pela descrição das atividades de Gelmírez realizadas em benefício da Igreja de Santiago e *registrum* pelos autores da obra terem desenvolvido tanto comentários quanto à anexação de documentos. Cabe salientar que a transcrição dos documentos possuía como propósito apresentar provas daquilo que narraram, oferecendo, dessa forma, uma ideia de veracidade. Assim, a escrita da história garantiria a eternidade dos bons exemplos e grandes feitos de Gelmírez.

No caso da *Historia Compostelana*, temos um tipo muito específico de crônica: *Chartular-chronik*. Chamamos de Cartulário um volume em que estão copiados os documentos procedentes dos arquivos de um estabelecimento eclesiástico, porém, já na Baixa Idade Média, havia os cartulários de municípios, de hospitais, de senhorios, de universidades, além daqueles produzidos em ambiente eclesiástico, seja ele episcopal ou monástico. Os mais antigos Cartulários remontam ao século X. Esse tipo de documento se torna abundante a partir do século XII e, sobretudo, no século XIII. (BURGUIÈRE, 1991, p. 106-107). Assim, devemos distinguir os cartulários dos registros de chancelaria que passamos a conhecer a partir do século XII. Entendemos por chancelaria uma série mais importante de documentos relacionados aos registros dos pontífices e dos registros dos notários contendo as minutas dos documentos instrumentados por esses cartulários. Tais documentos estavam destinados, em primeiro lugar, a conservar informações para uso interno, registrando, por exemplo, os títulos de posseção do

estabelecimento. Serviam também para que os originais pudessem ser guardados, pois, poderiam se perder facilmente ou extraviar.

Quando esses documentos se tornavam públicos adquiriam valor comprobatório. De forma geral, o cartulário era destinado, principalmente, para administração dos bens do estabelecimento e apresentava cópias em seu interior que poderiam ser, com frequência, classificadas em ordem geográfica ou tipológica. Os documentos nem sempre eram copiados por extenso e, às vezes, fazia-se inclusão de extratos somando então as análises daqueles que realizavam o registro. Fato é que se tratava, no melhor dos casos, de cópia somada à análise que proporcionaria uma série homogênea de documentos preciosos aos historiadores da economia, da sociedade, dentre outros.

Uma vez compilados, em casos bastante excepcionais, como a *Historia Compostelana* – Crônica cartulário de valor ontológico para medievalistas – vários cartorários parciais, às vezes escritos por uma mesma pessoa, poderiam ligar vários aspectos do patrimônio de seu gestor e da aristocracia local. A transcrição dos documentos possuía como propósito apresentar provas daquilo que narraram, oferecendo uma ideia de veracidade. Tenhamos em mente que “[...] a representação por meio de “uma forma de apropriação da realidade”, “uma reelaboração do real”, e nesse sentido, “toda representação é constituída pelo real e não há razão para vê-la sob o signo do anti-realismo” (RUST, 2010, p. 93). E é nessa direção que podemos entender a *HC* como uma reformulação do real, o que não reduz a importância da obra, ao contrário, nos amplia a possibilidade de sua compreensão.

No que diz respeito a sua organização, a *Historia Compostelana*, inicialmente, foi dividida em duas partes: a primeira compreendia o período do bispado de Gelmírez e a segunda, do seu arcebispado. No entanto, essa segunda parte referente ao arcebispado foi dividida, posteriormente, em mais outras duas partes. A própria *HC* (1994, p. 65) expressa uma ordem de Gelmírez para que o trecho fosse dividido em duas partes, nos dizeres de Falque: “[Gelmírez] ordenou que este registro fosse dividido em dois volumes, sendo que um devia tratar sobre o episcopado, e o outro sobre o arcebispado”. Como o segundo trecho é demasiado longo, fora dividido novamente. Assim, *HC* é dividida em três livros: o primeiro apresenta o bispado de Gelmírez com duração de vinte anos, nesta introdução, há referências ao próprio apóstolo Santiago, pois há o relato do traslado de seu corpo da Judeia para a Galícia. Esse trecho da obra apresenta também relatos sobre as relíquias do apóstolo encontradas pelo bispo Teodomiro no início do século IX. Já o Livro II apresenta a elevação da igreja de Compostela à condição de arquidiocese e as realizações de Gelmírez. Por fim, o terceiro livro é uma continuação do

segundo e esclarece o leitor sobre os acontecimentos relacionados a Gelmírez como arcebispo de Compostela.

Sobre a escrita, não há um consenso entre os pesquisadores sobre a quantidade de autores que foram responsáveis pela produção da *HC*, todavia eles estão de acordo que eram pessoas próximas a Gelmírez que a compilaram, e, seguindo o pensamento de Lopez Alsina, bem como de Falque Rey, houve três principais autores responsáveis por compô-la: Nuño Alfonso (tesoureiro), Hugo (arquidiácono) e Giraldo (cônego), pessoas diretamente ligadas à igreja de Compostela e ao religioso. Todos muito próximos ao bispo.

A partir do ano de 1120, essa obra narra as empresas de Diego Gelmírez como arcebispo de Santiago de Compostela. Apesar de a escrita se voltar para os feitos do arcebispo, em várias passagens, aparecem desavenças e reconciliações de Urraca I com o religioso. Independentemente da quantidade de autores incumbidos da tarefa de produzir a *HC*, o que nos interessa, nesse momento, é que eram pessoas próximas ao bispo Compostelano as responsáveis pela compilação da obra. Outro ponto relevante é a função educativa que os escritores da *HC* objetivavam com a sua elaboração. A preocupação em narrar os logros e as adversidades sofridas por Gelmírez serviam de formação à posteridade, para que seguissem os seus exemplos, seus bons costumes e a sua virtuosidade, sendo perceptível, na obra, que a escrita da história serviria como instrumento de legitimação dos feitos do Arcebispo.

Assim, a elaboração da *HC* tinha um objetivo prático, qual seja: registrar as conquistas de Gelmírez para, enfim, alcançar a dignidade metropolitana. Nesse sentido, é perceptível na obra que a escrita da história objetiva ser instrumento de legitimidade e comprovação de feitos, por meio dos quais novos resultados podem ser alcançados tendo como base a sustentação por ela transmitida.

Nosso interesse em trabalhar com tal obra está na grande variedade de documentos que são inseridos nela além de ser coetânea a Urraca I. Gostaríamos de dizer que nessa obra percebemos o poder de Urraca I, as realizações de La reina, porém, como é de se esperar para a escrita da época, o que encontramos no texto é a figura de Jezebel, alcunha que, repetidas vezes, é atribuída à rainha no decorrer do texto. Temos ciência das limitações da escrita historiográfica contidas na *HC*. Durante a leitura, podemos notar uma escrita homogênea e linear, muito bem organizada, o que demanda um esforço hercúleo de organização e omite o processo de criação da obra em seus diferentes elementos constitutivos. A homogeneidade nos impede de saber quem seria o autor responsável por trechos determinados, para tanto, é necessária uma análise aprofundada dos trechos que nos interessam, assim como saber quem

seria o responsável pela escrita naquele tempo para, a partir de então, fazer uma análise satisfatória da elaboração e da finalidade daqueles escritos.

Só esta análise já seria trabalho suficiente para a escrita de uma dissertação, de forma que não pretendemos esgotar esse tema, e sim apresentar as inúmeras possibilidades da *HC* como fonte histórica. Além disso, temos outro ponto a considerar: a *Historia Compostelana* chega até nós através do filtro da primeira metade do século XII. Por esse motivo, já se discutiu muito a validade da obra, pois, atualmente, temos o conhecimento de que o objetivo da obra era a de validação dos atos relacionados a Dom Diego Gelmírez. Mas, se, por um lado, sabemos da impossibilidade de encontrar uma Urraca “real” nesse registro, por outro, permite-nos procurar, imbricados à obra, uma Urraca conceitualmente possível para época.

### 3.3 – URRACA I NA *HISTORIA COMPOSTELANA*

Antes de emprendermos tal tarefa, gostaríamos de esclarecer que nossa busca é por uma desconstrução. A trajetória de vida da governante aqui analisada busca desmistificar a importância do gênero no ato de governar durante o século XII. No caso de Urraca I, percebemos os âmbitos público e privado dialogarem entre si, mas, tal diálogo é impossibilitado na *Historia Compostelana*, pois, a obra apresenta a rainha não como força de um governo, e sim como uma figura transitória no trono espanhol. Ocorrem inúmeras tentativas de reduzir a participação de Urraca como governante por parte dos escritores Compostelanos dos séculos XII e XIII, e mesmo posteriores, como o caso da Crónica Latina de lós Reys de Castilla, cuja autoria é de Rodrigo Jilménez de Rada. Contudo, podemos perceber em documentos como o Diplomário da rainha e em documentos de chancelaria que, mesmo seu filho assinando como rei no mesmo documento, Urraca assina como rainha ou imperatriz de todas as Espanhas. O que demonstra que tanto a rainha quanto seu filho tinham consciência de como se daria a sucessão do trono e em que tempo. No caso de Afonso Raimundez, este assumiria o trono após a morte de sua mãe.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> PALLARES e PORTELLA, 2006 esclarecem um pouco mais sobre as assinaturas dos documentos régios. Ambos autores apontam que, por exemplo, no diplomário da rainha, há uma série de documentos os quais ela assina ora como rainha, como imperatriz ou ainda domina como mulher responsável por um feudo específico.

Urraca aparece na *HC* por meio da escrita de Giraldo, sua presença é notada no primeiro e no segundo livro. Nestes, ela é citada em cerca de 48 capítulos específicos notadamente como condessa, filha, mãe, rainha e mulher e cada qual desses substantivos se liga a sua história de uma forma bem específica. No início do documento, sempre que Urraca aparece, tem sua figura vinculada à imagem de um homem: Ela surge como esposa de Raimundo de Borgonha, tanto ao abordar a vida de Gelmírez na Galícia quanto ao abordar a morte de Raimundo de Borgonha ou ainda quando o texto aborda o relacionamento entre Raimundo e o bispo de Santiago de Compostela. A obra reconhece Urraca como senhora da Galícia e, com a morte de seu esposo, tornou-se responsável pelo território até que seu filho pudesse governar. E, assim, passou a governar e assinou os diplomas da época não mais como filha ou mulher de alguém, mas, sim, como responsável por toda uma região – Gallecie Domna ou ainda Gallecie Imperatrix (RECUERO, 2002 doc. 17).

Podemos observar que tais documentos apresentam uma transformação na forma de atuar de nossa personagem: aqui, Urraca sai da condição de esposa para se tornar a responsável por toda a região da Galícia e acreditamos que assim ela permaneceria não fosse pela morte de seu meio irmão, a quem Afonso VI escolhera como sucessor direto. Com a morte deste, Urraca torna-se a descendente direta de Afonso VI, que, antes de morrer, teria reconhecido os direitos de sua filha como sucessora legítima do trono leonês. Urraca, da mesma maneira que as mulheres de sua época, casa-se aos 13 anos e tal aliança se apresenta muito vantajosa para Raimundo de Borgonha, pois, ao casar-se com Urraca, estaria o conde mais próximo do reino de Leão e, no caso de algum infortúnio que ocorresse a Sancho, irmão de Urraca, ele governaria todo o território.

Neste enlace, Urraca tivera apenas papel de uma peça valiosa para uma possível sucessão ao trono leonês. No primeiro matrimônio, ganhara e cederá ao esposo Raimundo a terra da Galícia. Houve destaque, dentre as leituras realizadas para a construção deste texto, à vida de Urraca I, filha de Afonso VI com a rainha Constança de Borgonha, que servira de barganha e seu casamento fora uma aliança imposta por seu pai. A exemplo das tradições medievais, segundo Le Goff, como jovem, pela sua condição de mulher, exigia-se a obediência cega ao pai, ao irmão ou ao tutor, calando as suas íntimas aspirações para aceitar o homem que escolheram para ela (KLAPISCH-ZUBER, 2006).

Após o enlace, a infanta torna-se condessa, viúva e rainha em um curto período. Urraca vê seu destino atrelado ao reino após a morte de seu meio irmão Sancho na batalha de Ucles, ao se tornar a melhor candidata a suceder o pai. A corte aceita a designação real, porém exige que ela contraia novo matrimônio, pois ficara viúva um ano antes e, a fim de evitar o embate

entre os nobres castelhanos e leoneses Afonso VI, decide casar Urraca com Afonso I de Aragão, como vemos em:

A necessidade de proteger o reino do perigo muçulmano e a pressão da nobreza compelem a rainha D. Urraca a desposar Afonso I de Aragão, jovem cavaleiro e nobre. Esse casamento, que buscava a solução dos problemas da península, não teve o resultado esperado, do contrário: as consequências foram das mais atroz. D. Henrique rebelou-se violentamente e não reconheceu D. Urraca como rainha da Espanha e, além disso, preparou a independência do seu condado. O clero protestou pela intervenção do arcebispo de Toledo, primaz da Espanha, que exigiu a anulação do casamento por se tratar de parentesco em grau proibido pela Igreja (GALLI, 1997, p.29).

Assim, suas aparições como filha de Afonso VI se dão no momento da morte de seu irmão e de seu pai. Aqui, Urraca é somente citada na HC, o que é estranho, pois, com a morte de Sancho (p. 125), ela se torna herdeira direta ao trono e esta situação não é debatida na obra.

Contudo, o escritor Giraldo narra o mal que assola a região após a morte de Afonso VI e a coroação de Urraca (p. 153; 191). Suas aparições servem para mostrar aos leitores que a transição entre os reinados ocorreu de forma que nem mesmo Deus concordava com suas novas atribuições. Como dito anteriormente, a coroação de Urraca não é abordada no texto, ao contrário, o texto apresenta o momento que Afonso Raimundez – filho de Urraca – deveria retornar para assumir o trono (p. 156). Urraca teria mandado trazer de volta seu filho para que ele pudesse ascender ao trono. Contudo, o enlace com Afonso de Aragão colocaria abaixo a possibilidade de Afonso Raimundez subir ao trono e, por esse motivo, a união fora apresentada como incestuosa e ilícita, segundo carta enviada pelo papa Pascoal II (p. 148).

Portanto, a leitura da HC nos leva a crer que Urraca seria uma figura transitória no trono. Rodrigo Jimerez de Rada reduz a participação da rainha a 4 anos, apresentando-a como transmissora de uma legitimidade sucessória de seu pai para seu filho. Nas CAS, poucas são as vezes que Urraca tomaria decisões políticas. Desse modo, a rainha se vê em uma encruzilhada: ou ela deveria proteger os interesses do filho e entregar o trono a ele ou deveria sucumbir aos interesses do segundo marido, minando qualquer possibilidade de seu filho governar. Sabemos, atualmente, que, apesar do direito legítimo ao trono, os príncipes e barões súditos de Urraca exigiram que ela contraísse matrimônio com Afonso de Aragão. E assim o exigiram:

Tu non podrás gobernar, nin tener El reino de su padre e a nosotros regir, si non tomares marido. Por ló qual te damos por consejo que tomes por marido o Rey de Aragón, AL qual ninguno de nosotros podrá contrasta ni contradecir, mas todos te obedeceremos por quando el viene de generación real (UBIETO, 1987, p. 26).

Ademais de ter o direito sucessório, o casamento com o rei aragonês fora exigido pelos nobres dada a condição de mulher de Urraca, porém a igreja vê tal união como “maldito y escomulgado ayuntamiento [...] el reino de España, privado recientemente de tan gran rey, no se viese envuelto en algún tumulto de discórdia, los próceres iberos le habían obligado a unirse en matrimonio con aquel” (FALQUE, 1994, p. 191) e causa de todos os males que recaíram sobre a Espanha a partir de então. Urraca não concordara com o casamento e se casara por pressão política exercida pelos nobres de sua corte. Sua justificativa é que fora obrigada pela corte, porém se recusara a ir contra os diferes de Roma de forma que concordava com a nulidade do matrimônio. As três obras concordam que, no mínimo, existia certo caráter misógino no comportamento de Afonso de Aragão, e vários são os exemplos de atitudes violentas, física e verbalmente, com a rainha. Tal postura torna a relação insustentável, segundo palavras atribuídas à rainha:

Noble y sabio conde Fernando, a quien no sólo me unen especialmente lazos de consanguinidad con indisoluble cadena, sino también abundantes pruebas de distinción que siempre he tenido contigo, de tu liberalidad pido saludable consejo sobre qué deba decidirse acerca de mi hijo a quien el venerable obispo de Santiago intenta con todo su afán eregir en rey. Pues es conocido por ti y por todos los que habitan el Reino de España que mi padre, el emperador Alfonso, al acercarse la hora de su muerte me entrego me entrego en Toledo todo su reino y a mi hijo Alfonso, su nieto, Galicia, si yo me casaba y después de mi muerte le legó por derecho hereditario el poder sobre todo el reino. Así a casi todos los cónsules y otros que en España tienen poder, quienes por aquél entonces se habían reunido en Toledo para marchar en una expedición contra los almorávides, de los cuales anos había educado desde la niñez, a otro había enriquecido con abundancia sacándolos de la pobreza, a otros elevándolos desde su humilde origen los había hecho nobles, les ordenó que se presentaran ante el y benignamente los sometió a mi poder, para que me sirvieran y encomendó encarecidamente mi persona y el reino a su fiel custodia, prohibiéndome y advirtiéndome que no me atreviera a disponer en modo álbun nada grave o arduo sin la voluntad y común consejo de éstos. Y así sucedió que, después de la muerte de mi padre, según la disposición y parecer de aquéllos me casé contra mi voluntad con el sanguinario y cruel tirano aragonés, uniéndome infelizmente a él en nefando y execrable matrimonio (FALQUE, 1994, p. 191).

A violência do aragonês é expressa nas CAS quando mata um amigo e protetor de Urraca com as próprias mãos. O segundo matrimônio fora diverso ao primeiro. Apesar da diferença de idade, o casamento de Urraca com Raimundo teve um relacionamento tranquilo e, se não poderia dizer, amoroso, talvez feliz. Agora a situação era diferente e várias foram as ações violentas, que, com o passar do tempo, tornaram-se mais frequentes. A postura do consorte da rainha gerara preocupação quanto à vida de Afonso Raimundez, filho nascido do

primeiro matrimônio de Urraca, sucessor do trono. Devemos lembrar que, uma vez casada, os bens da mulher seriam dados ao homem, de forma que as obras lidas apresentam a pretensão de Afonso I em se tornar rei da Espanha, o que poderia despertar preocupações quanto à segurança de Afonso Raimundez. A Rainha acreditava que él [anhelaba con todas sus fuerzas aniquilarlo, considerando que seguramente podría apoderarse del reino si de algún modo el niño era asesinado] (PALLARES, 2005. p. 44), o que demonstrava, cada vez mais, a impossibilidade de convivência entre Urraca e Afonso I.

Dessa forma, a aliança não alcançou o resultado esperado e o casamento foi anulado pelo papa, pois ambos eram parentes em grau proibitivo. O esposo não se preocupara com a anulação, porém Urraca, que se casara contra vontade, aproveitou a situação para se ver livre daquele que pretendia desapropriá-la de seus bens e também do reino. Os membros da igreja tiveram outra postura frente ao matrimônio. Urraca tivera apoio de Pascoal II, que apontara tal união como incestuosa, e exigira a anulação do casamento cerca de dois anos após ocorrida a união.

Em princípio, a impressão que temos durante a leitura da HC é que o bispo de Santiago teria uma aliança com Afonso I de Aragão e esta se rompe quando o bispo adquire tutela do filho de Urraca e quando o papa exige a anulação da aliança entre Castela e Aragão. Acreditamos que o clero não se opôs ao casamento de Urraca e Afonso de Aragão por conta dos laços sanguíneos, mas, sim, porque este enlace prejudicaria a ascensão ao trono de Afonso Raimundez, pois o rei de Aragão desejava governar os territórios da esposa a todo custo, e aquilo que poderia ter se tornado uma união dos reinos na verdade se transformara em disputa acirrada por áreas de influência dos dois governantes:

Alfonso Raimúndez, en caso de que el segundo matrimonio tuviera descendencia, era aparado de la sucesión. Los clérigos reformistas, de inspiración cluniacense, que estaban al frente, desde Toledo a Santiago, de las principales sedes episcopales, no podían estar de acuerdo con que se truncara la carrera del hijo de Raimundo de Borgoña, del vástago de la casa que les era más cercana (PALLARES, 2006, p. 65-66).

O tratamento misógino que a rainha sofria chegou a ser citado na HC por meio de uma carta que ela teria escrito ao conde Fernando, um amigo próximo com quem Urraca compartilhava seus medos quanto à vida sua e de seu filho ainda pequeno. O abuso se mostra presente em várias partes da obra; aqui citaremos um dos trechos a título de exemplo:

Cuáles y cuántas deshonras, Dolores y tormentos padecí mientras estuve con él, ninguno mejor que tu prudencia lo sabe: pues no solo NE deshonra

continuamente con torpes palabras, sino que toda persona noble ha de lamentar que muchas veces mi rostro haya sido manchado con sucias manos y yo haya sido golpeada con su pie (FALQUE, 1994, p. 171).

No transcorrer do texto, Urraca pede ajuda a pessoas mais próximas, pois, o Aragonês não deseja terminar a relação. O texto chega a apresentar cartas encaminhadas ao conde Fernando, nas quais ela se “lamuria” pelos problemas que está enfrentando com Afonso de Aragão. Nem aqui – apesar da convocatória de Urraca –, percebemos Urraca como sólida governante na obra, pois convoca os aristocratas aliados e todos vêm em seu auxílio. A forma em que o texto é colocado dá a impressão que esses homens – varões – de suas casas, caminham para salvá-la, quando, na verdade, tratou-se de uma rainha convocando aliados para guerra a fim de libertar seu território do inimigo. O texto retoma o matrimônio ilícito ao abordar as perdas que a região vinha sofrendo. Segundo o escritor, as realizações maravilhosas realizadas por Afonso VI – abundância, riqueza, reinado de paz – que agora estariam nas mãos de Urraca – caíam por terra, dada a ilicitude do matrimônio. Neste trecho, porém, o autor omite as últimas derrotas sofridas por Afonso VI frente aos almorávidas, os contínuos saques que a região sofria antes da morte do rei.

Desde 1097, a pressão dos emires almorávidas sobre as fronteiras Castelanas se intensificou. Com a morte de El Cid, os almorávidas recuperaram a região de Valencia e mesmo Raimundo de Borgonha não obtivera êxito em seu intento de recuperar Lisboa. Ainda sobre os embates contra os almorávidas, temos a situação que elevou Urraca à condição de sucessora ao trono: na batalha de Uclés é que seu meio irmão Sancho morre.

Conforme afirma Pallares (2006, p. 59), a herança que chegava a Urraca estava diretamente relacionada à guerra, uma guerra que nem seu esposo, nem seu irmão e, menos ainda, seu pai haviam começado a vencer. Contudo, mesmo mediante ataques rotineiros às fronteiras, Urraca resistia a tais ataques. Um bom exemplo é o fato de conseguir manter Toledo sob seu domínio. Sabemos que a cidade fora uma importante capital de uma antiga taifa e, apesar de todas as adversidades, Toledo resistiu bravamente aos almorávidas (PALLARES, 2006, p. 60). Esta fora a campanha mais dura naquele tempo, porém Toledo permaneceu sob domínio cristão.

O texto afirma também que ela não sabia o que fazer em assuntos tão tumultuosos. Os inimigos atacavam a cidade diariamente e aqueles que antes, durante o reinado de Afonso VI, eram corajosos, agora não passavam de covardes (FALQUE, 1994, p. 201). Neste momento, Urraca suplicaria, novamente, ajuda ao senhorio de Compostela para colocar sua casa em ordem

e a impressão que o texto passa é que o próprio bispo pega em armas para resgatar a paz perdida na região.

Durante as batalhas contra Afonso de Aragão, Urraca chega a fazer um acordo com a guarnição do castelo de Burgos: caso o rei aragonês não mandasse mantimentos, ajuda e dinheiro, eles deveriam devolver o castelo para a rainha e teriam um dia para retornar a suas terras. Como tal ajuda não chegou, a guarnição devolvera o mando do castelo à rainha e todos retornam a salvo para suas terras, porém, dada a maré de boa sorte, a rainha desejava continuar a avançar em marcha para a retomada de outro castelo.

Segundo a obra, os soldados se recusaram, pois desejam retornar para seus lares. Urraca ROGA para que ajam de forma diferente e o bispo lhe aconselha a retornar com os cavaleiros para que a atual vitória não se transforme em derrota. Assim, Urraca ordena que todos retornem. A impressão que temos durante a leitura é que se tratava de um “capricho” que fora sabiamente contornado pelo bispo.

Com a separação de Urraca e Afonso de Aragão, a obra traz nova crítica à governante pois esta teve a terra devastada. Agora ela era uma mulher só e sem marido – mas este enlace não tinha aprovação da igreja. Então, por que o autor faz questão de apontar que a rainha não tinha aliança conjugal e que tinha ajuda de uns poucos? Dessa forma, concretizada a separação entre Urraca e Afonso de Aragão, a rainha cuidou de fortalecer as fronteiras e firmar alianças com intuito de evitar uma possível ocupação aragonesa. A Crônica Compostelana cita um pacto de amizade realizado entre a rainha e sua irmã Teresa no ano de 1110:

La reina de León se aseguró de mantener bajo su ámbito de influencia los dominios de Zamora, Salamanca, Ávila, Arévalo, Toro, Medina del Campo, Coria, Simancas, únicamente por mencionar algunos, a pesar de que éstos pasaban a la potestad directa de su hermanastra. Teresa, por su parte, se comprometió a defender esas tierras y sus gentes como una buena hermana de los enemigos moros y cristianos de su hermana Urraca, señora de León. El gobierno indirecto de esas importantes posesiones en el corazón del reino de doña Urraca le concentrarse más desahogadamente en sus estratagemas para extirpar la presencia aragonesa en sus territorios (RUIZ, 2003, doc 12).

Ao mesmo tempo, Afonso buscava aliança com conde Henrique de Portugal. Afonso prometera que, tomado o domínio de Urraca, todas as terras seriam divididas entre os dois. Em Astorga, Urraca I enviou pedido de ajuda aos nobres de Astúrias, Tierra de campos, Castilla e Extremadura para enfrentar a seu marido em Burgos. Os nobres reafirmam seus compromissos de fidelidade com a monarca. A leitura atenta de recortes das obras aqui citadas, como caso da Crônica Compostelana, demonstram que a rainha se ocupava pessoalmente de seu exército,

recrutava nobres, preparava-se para batalha contra seu esposo, passava por castelos e diversas cidades durante os embates e perseguições. A Crônica cita que

ese día y en adelante la reina, “(...) iam non in castellis seu ciuitatibus morabatur sed in tabernaculis habitabat, et congregauit exercitum magnum ualde et fortem et persecuta est crudelem regulum Aragonensem; castra sua et tentoria suumque exercitum circumponens eum Carrione obsedit obsessumque diuturno tempore tenuit” (FALQUE, 1994, p. 114).

Há muito o que se considerar da obra, principalmente, quanto à imparcialidade daqueles que a escrevem. No caso dos livros escritos por Giraldo, percebemos a falta de imparcialidade da obra, pois trata seus inimigos como perversos, diabólicos inimigos ímpios (HC, 1994a, p. 181), quando não sugerem que esses inimigos seriam fornicadores, adúlteros, ladrões que, primeiro, cercaram e, depois, ficaram, por um bom período, sitiados na fortaleza de Carrión. (p. 183). A rainha tem sua atuação diminuída no texto. A todo tempo, o autor a apresenta como alguém de “ânimo mulheril” próprio das descendentes de Eva e cujo papel seria transitório.<sup>6</sup> Outro aspecto constantemente apontado é o fato de Urraca tramar contra o bispo – encomendador da obra – e por isso ser tratada no texto como Jezebel, contudo é interessante notar que o autor não acusa diretamente a rainha, mesmo quando ela está a tramar com o bispo, atua de acordo com os inimigos de Gelmírez.

Houve uma série de batalhas durante o reinado de Urraca I, ora ela estava em embate contra os infiéis, sob bandeira da Reconquista, ora travava luta com Afonso de Aragão, a fim de não perder territórios. Por vezes, ainda ocorreram entraves com sua meia irmã Teresa, assim como as lutas contra o bispo de Compostela. Contudo, não observamos a governante como fraca. Durante a revolta em Santiago, nos anos de 1116-7, na busca de solucionar as questões pleiteadas pelos revoltosos, Urraca convocara uma assembleia e a presidira. Fazendo uso da vassalagem e dos juramentos prestados pelos nobres anteriormente, Urraca é apresentada como aquela que preza pela justiça e que a põe em prática.

Os documentos de chancelaria e o diplomário da rainha nos possibilitam analisar as inúmeras vezes que esta se apresenta como governante. O primeiro documento que ela assina

---

<sup>6</sup> Podemos perceber, contudo, que na documentação da rainha, por vezes, ela assina sozinha, principalmente enquanto Afonso Raimundez ainda era criança e, principalmente, após o ano de 1112 quando a rainha já rompera a aliança com Afonso de Aragão. Exemplo de tal situação os privilégios cedidos ao monastério de Lugo, Samos e Lorenzana onde o início do documento (doc. 72) conta com a assinatura de Urraca <<reina de España>> e por seu filho Afonso <<Rey de España>> também. Tais documentos ora eram assinados como rainha de Leão, Castela e da Galícia enquanto seu filho assinava como rei de Toledo e Extremadura.(doc. 136)

sozinha são os procedimentos funerários de seu pai. A partir de então, salvo os dois anos de matrimônio com Afonso de Aragão, a rainha assinara uma série de documentos concedendo inúmeros benefícios: terras e castelos cedidos às Igrejas de Santa Maria, Santiago, Sahagún, Oviedo, Lugo e Extremadura, dentre tantas outras; doações de villas e castelos a nobres em reconhecimento aos serviços prestados, como no caso de conde Pedro Fróilaz e sua esposa, responsáveis pela criação de seu filho, assim como acordos e pactos com a igreja e outros aristocratas, sendo apenas alguns exemplos encontrados no decorrer desta pesquisa. Ainda no transcorrer do texto, quando descobertas as inúmeras farsas que visavam prejudicar o religioso, Urraca aparece no texto sempre com lágrimas nos olhos e lamuriando, afirmando que nunca prejudicaria alguém que para muitos seria o protetor do reino e senhoril de Compostela.

Desse ponto em diante, o texto segue com uma grande quantidade de artimanhas por parte da rainha contra o bispo. Eles encerram dois pactos de concórdia (p. 217e 360) e entram em discórdia quatro vezes (pp. 251, 253,257 e 350). A rainha trama uma série de maquinações contra o bispo – com destaque para as páginas 242, 411 e 412 – e, por fim, jura fidelidade de forma explícita em documentos – reproduzidos nas páginas 243 e 382. Esta é a principal sequência que aparece na relação entre a rainha e o bispo: a rainha trama contra o religioso, causa a discórdia, para, em seguida, repetidamente – com lágrimas nos olhos – fazer juramentos de fidelidade que são concluídos com pacto de amizade. Tudo sempre registrado pelos autores da obra que, ao final do texto, apresentam suas impressões sobre os reis da Espanha:

Después de Alfonso, Rey de las Españas, nieto Del Rey Alfonso de veneranda memoria, con quien el compostelano había tenido paz y fiel amistad, obtuvo el reino de España tras la muerte de su madre la reina doña Urraca, nunca dejo de molestar e inquietar a la iglesia de Compostela siguiendo el ejemplo de aquélla (FALQUE, 1994, p. 511).

Tal fala nos leva a pensar que os escritores da obra nutriam certa antipatia pela rainha, afinal ela fora considerada culpada de todos os malefícios que atingiram seu reino durante seu governo. Uma mulher reinar sozinha parecia, aos olhos de muitos, inclusive da igreja, algo inapropriado, para dizer o mínimo. Devemos recorda que, a esse tempo, as mulheres, antes de qualquer coisa, eram corpos consignados à igreja ou à família, de forma que uma governante feminina que alcançasse sucesso no ato de governar representaria um perigo a mais no que diz respeito à partilha de bens e terras neste período, assim, mesmo que inconscientemente, os autores do texto, a todo tempo, tentavam fazer com que Urraca estivesse atrelada a uma figura masculina, porém outros textos podem nos esclarecer um pouco mais sobre as questões de governança: Os diplomários e as chancelerias.

Apesar da obra aqui analisada se recusar a apresentar a independência da soberana leonesa, no âmbito privado, sabemos que a rainha manteve ao menos dois afetos após o fim do relacionamento com Afonso de Aragão, Gómez González que faziam parte da corte de Afonso VI, mesmo antes do primeiro matrimônio de Urraca. Apesar de especulações sobre o desejo de matrimônio por parte do nobre, morrera em Candespina, e do segundo relacionamento da rainha, agora com Pedro González de Lara, do qual nasceram dois filhos, ao menos que se tem registro, em uma doação ocorrida em 1123, de um espaço para conversão em hospital. Entre os presentes, estariam Urraca e seus filhos Afonso, Sancha e Fernando Perez.

Urraca cumprira seu papel de mulher e mantenedora da linhagem real. Seu relacionamento com Afonso Raimundez, no entanto, é de difícil entendimento. A *Historia Compostelana* apresenta, muitas vezes, o filho contra a mãe, porém, este, sendo criança, não utilizaria termos como alguns que foram aplicados a sua fala, a exemplo: “hasta los ciegos y los barberos saben que mi madre se ha regocijando con el tálamo nupcial” (FALQUE, 1994, p. 255). Tal fala não seria empregada por uma criança, conforme afirma o cronista. Na verdade, acreditamos que esta seja, na verdade, a impressão daquele que escreve a obra e o mesmo ocorre em outros trechos ali presentes.

No mais, é interessante perceber a importância dos documentos e a presença dos filhos gerados fora do matrimônio, o que demonstra que a rainha não tinha interesse em ocultar sua vida privada. Os documentos dispostos nas obras aqui apresentadas citam várias aparições dos filhos junto à rainha, o que comprovaria que, após rompimento com Afonso de Aragão, a vida reestabelecera seu rumo. O relacionamento com conde de Lara perdurou até a morte da rainha, aos 44 anos, no momento do parto de sua segunda filha. Seu falecimento ocorre em 8 de março de 1126, em Saldaña.

Notadamente, a mulher é apresentada como indivíduo frágil durante o período medieval, porém, ao contrário do habitual, uma leitura direcionada desses documentos possibilita perceber que Urraca tomara as rédeas de seu destino e governara de forma equivalente a seus pares contemporâneos e masculinos com caráter, maturidade. Porém, em uma época em que a submissão estava relacionada a controle de fronteiras, tal postura não era vista com bons olhos e, por vezes, os escritores do período foram duros em suas críticas à rainha. Não é de se estranhar que, a exemplo da *Historia Compostelana*, Urraca fora apresentada com traços, na maioria das vezes, negativos e não como governante hábil e estrategista.

A encarnação do poder político no território aos olhos dos redatores, tanto da CAS quanto HC: Urraca é Leão e Castela. Nenhum dos documentos trabalha para deslegitimar seu governo, e, sim, para desqualificar o poder a ela delegado, pois agora não se tratava, como em

outras épocas, de poder exercido por uma rainha-mãe ou rainha-consorte em nome de seu equivalente masculino, circunstancialmente impedido de desempenhar a função régia que legitimamente lhe cabia, conforme afirma Pallares:

Hay evidencias más que suficientes de energía, independencia, constancia, capacidad de amar, es decir, de rasgos de carácter que poco o nada tienen que ver con el papel social que los forjadores principales de la mentalidad colectiva, los clérigos en la plenitud del feudalismo, asignaron a las mujeres. No extrañan, por tanto, las reacciones adversas. No bastan para eclipsar la realidad de diecisiete años de reinado intensos y ricos en contenido político, que, desde muchos puntos de vista, constituyen un alegato en contra de la marginación de la mujer (PALLARES, 2010, p. 177).

A Idade Média com seus cavaleiros, suas damas, reis e grandes cortes é apresentada na educação básica por meio de um aspecto muito específico: as relações sociais. Suserania e vassalagem adentram as salas de aula para mostrar como determinadas situações ocorriam em um passado muito distante do estudante, já que os aspectos sociais corroboram para a formação da identidade do educando. No caso do feudalismo, temos por tradição escolar apresentar ao aluno aqueles que guerreavam, os que lutavam e os que serviam. As damas, normalmente, estavam encasteladas e costuravam, cantavam e se preparavam para o matrimônio. Tais apontamentos geram uma visão estreita do papel da mulher na sociedade medieval. Mais do que costuras e instrumentos, as mulheres poderiam aprender as estratégias de governança e, com isso, comandar todo um reino.

Urraca I é exemplo dessa possível desconstrução da fragilidade do sexo feminino. Sua atuação vai além do que a obra aqui analisada propõe demonstrar. Ela reinou “mulher” em um espaço destinado a homens e o fez de forma brilhante, logo, em nada se parece com as mulheres submissas que necessitavam de proteção, tão difundidas nos livros didáticos, nos jogos ou nas séries televisivas. A guerra ocupou seu tempo durante todo seu reinado e se o que se espera é que a rainha se protegesse em um de seus castelos, o que ocorre é justamente o contrário: Por meio de armas, pactos, legitimações, Urraca permanece no poder, indo contra os desejos de alguns que a cercavam. A leitura realizada até o momento permite afirmar que, no início do século XII, havia lugar para a representação historiográfica do poder como atributo legítimo de uma mulher. Apesar das tentativas dos redatores dos documentos de construir uma desqualificação dada a parâmetros de uma feminilidade incapacitante para o poder – e mesmo que essa representação pudesse ser substancialmente negativa –, Urraca exercia esse poder em seu próprio nome.

Este é somente um dos muitos exemplos de êxito da governança feminina na Península Ibérica, durante o período medieval. Analisá-lo e compará-lo com o conceito de sexo frágil aplicado pelo senso comum possibilita perceber que o senso comum baseia-se em uma teoria há muito ultrapassada, porém, ainda assim, trata-se de uma teoria e isso deve ser explicado em sala de aula, o quando, o como, o porquê da sua utilização e a benefício de quem, pois, dessa forma, o aluno pode refletir e construir o conhecimento de forma crítica.

Esse é o tipo de análise que deveria chegar à sala de aula, os alunos devem ter condições de analisar obras como as aqui apresentadas, excertos ao menos e, a partir disso, levar a cabo todo o processo reflexivo, que conduz à construção do conhecimento histórico pautado em situações vividas. Outros pré-conceitos poderão ser reavaliados, descartados ou não, porém a relevância está na aplicação do processo que fora apreendido, afinal, na vida, nem todo conteúdo deve ser recebido como pronto ou acabado. E, sobre isso, falaremos mais no próximo capítulo, ao abordar o objeto de aprendizagem que constitui parte prática na realização desta pesquisa.

A Idade Média foi considerada a infância dos povos e o berço da legitimação dos Estados Nacionais Europeus. O nacionalismo europeu do século XIX e XX buscou, na Idade Média, a justificativa para as ações e a legitimação de poder que se sustentaram por tradições linguísticas seculares. A história científica, especificamente a filologia do século XIX e, depois, a etnoarqueologia foram usadas para fazer referência ao pertencimento territorial dos povos europeus, sua posse, de fato, sobre um espaço geográfico europeu. Assim,

embora a etnicidade política seja algo novo, a etnicidade cultural é bastante antiga. Em outras palavras, os povos já eram povos antes de terem consciência disso, e suas línguas são, ao mesmo tempo, os símbolos e as realidades essenciais de sua identidade imutável (GEARY, 2005 p. 47).

Dessa forma, a governança exercida por mulheres não fora fato coetâneo ao século XII. Desde a passagem dos Visigodos pela península, mais especificamente pela região de Leão e Castela, há relatos da transmissão de poder hereditariamente de forma matriarcal.

Desde temprano el reino leonés había abandonado la experiencia de la monarquía electiva visigoda por una de carácter hereditaria en la que primero las regencias femeninas habían sido cruciales para mantener el linaje gobernante para luego dar paso en el siglo XI al reinado heredero y propietario. Se ha establecido que desde Fernando I, quien recibió todos sus derechos hereditarios para gobernar el reino a través de mujeres, de su madre doña Munia en Castilla, y en León por su matrimonio

con doña Sancha, la sucesión hereditaria femenina era una capacidad jurídica y un hecho aceptado (GORDO MOLINA, 2008, p. 10).

À mulher leonesa cabia transmitir a posse dos bens ao marido. Nada a impedia de herdar o trono, porém alianças estratégicas costumavam ser forjadas a exemplo do segundo matrimônio da personalidade trabalhada nessa obra. Urraca está presente na obra em vários momentos e, por mais enevoados que sejam os fatos narrados, é possível perceber fragmentos de sua atuação como governante. Amostra disso é a tentativa de apresentar a rainha como alguém que governara apenas quatro anos e não vinte e seis como é conhecido pela literatura atual (PALLARES, 2005). A rainha está presente, principalmente, no segundo livro, que trata da administração de Gelmírez.

Ao observar a *HC*, podemos verificar uma tentativa de apresentação de Urraca como uma figura transitória no trono leonês. Seu reinado, no entanto, durou por 17 anos e, como já foi apresentado, ela morreria de parto e somente então fora sucedida por seu filho, Afonso Henriques. Na *Historia Compostelana*, Urraca é apresentada em quatro momentos distintos: como jovem na corte de Afonso VI, depois na figura de esposa, primeiro, de Raimundo de Borgonha e, depois, de Afonso de Aragão e, por fim, como mãe do futuro rei da Espanha.

Ao nos debruçarmos sobre esse material, em uma leitura desatenta, podemos enxergar uma mulher que necessitava ser conduzida por um homem, fosse seu marido ou mesmo o arcebispo de Compostela que, de bom grado, cederia seus conselhos para a rainha. A leitura desatenta da *HC* faz parecer que Urraca, em um primeiro momento, estivesse de acordo com a união com Afonso de Aragão, porém estudos mais recentes [La reina Urraca] e mesmo Los ecos da Espanha apresentam o testemunho contrário e o segundo traz em seu texto [toda la tierra casi sin hallar resistencia, ya que le respondía a su esposo por derecho de sucesión] (RADA, 1989, p. 265).

Já em leitura atenta da referida obra, podemos perceber uma tentativa de representação de Urraca como figura transitória no trono leonês em detrimento de uma mulher que exerceu a plenitude do poder real. Várias são as páginas que tratam das artimanhas empregadas pela rainha, a fim de manter a manutenção do reino: intrigas, traições, aproximação e afastamento de Gelmírez, ora apresentando seu desejo de permanecer governante e ora apresentando a inaptidão de Urraca em governar. Isto tudo banhado pelas incansáveis tentativas de Gelmírez de defender os interesses da Galícia e também do futuro rei Afonso VII.

### 3.4 A URRACA NAS CRÔNICAS ANÔNIMAS DE SAHAGÚN

As Crônicas de Sahagún – denominadas CAS pelos pesquisadores – são dois textos escritos pelos monges beneditinos de Sahagún. A vila de Sahagún localiza-se na Província de León (Comunidade Autônoma de Castilla-León), às margens dos rios Cea e Valderaduey. O primeiro texto é datado de dois séculos após os fatos, diferente da *Historia Compostelana* que é coetânea a Urraca I. O texto não aborda a rainha especificamente, porém ela aparece em alguns excertos, o que nos auxilia na constituição da história de vida da rainha.

Atualmente, as Crônicas de Sahagún sobrevivem apenas em cópias do século XVI. A versão que utilizaremos é um estudo crítico realizado por D. Julio Puyol Y Alonso – a tradução da obra do século XVI – datada de 1920. Este estudo crítico conta com 156 páginas divididas em duas crônicas. Urraca aparece na primeira crônica. Dentre os 75 parágrafos da primeira crônica, Urraca aparece, direta ou indiretamente, em 34 parágrafos e, nesses excertos, são abordados os excessos cometidos pela burguesia de Sahagún entre os anos de 1109 e 1117, durante a chamada revolta de Sahagún.<sup>7</sup> Nesta obra, também é relatado que Afonso VI morre e que, pouco antes, reafirmara seu desejo de que Urraca o substituísse na figura de rainha, já que era sua primogênita e sua descendente direta.

Os oito primeiros anos do governo de Urraca aparecem em excertos da crônica, o que possibilita, novamente, a reconstrução do seu governo, principalmente, quando comparada com a *Historia Compostelana*. Já a segunda parte da crônica nos parece menos interessante, do ponto de vista histórico, para essa pesquisa, por se tratar de um período posterior ao governo de Urraca I e Afonso VII. As CAS estabelecem uma relação quase alegórica de repetição entre as humilhações sofridas por Urraca nas mãos de seu segundo companheiro e dos nobres de sua corte – tais nobres são responsáveis pelo casamento que, posteriormente, será anulado pela Igreja. Diversos infortúnios caem sobre a região como mau presságio do enlace, a começar por

---

<sup>7</sup> São denominadas revoltas de Sahagún as lutas entre a burguesia e os abades pelo Senhorio da cidade de Sahagún. A cidade, durante os anos de 1109 e 1117, esteve em guerra civil. O texto de Julio Puyol *El abadengo de Sahagún* nos auxilia a compreender o ocorrido entre os anos de 1109 a 1116, depois, entre os anos de 1116 e 1117, o conflito fora intensificado e tem seu registro em um texto, disponível na internet, denominado *La revolucion comunal de Compostela entre los años de 1116 y 1117*. O primeiro texto está disponível no seguinte endereço: [https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/catalogo\\_imagenes/grupo.cmd?path=10072433](https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=10072433)> já o segundo está disponível em: [https://www.boe.es/publicaciones/anuarios\\_derecho/abrir\\_pdf.php?id=ANU-H-1945-10068500703\\_ANUARIO\\_DE\\_HISTORIA\\_DEL\\_DERECHO\\_ESPA%2526%25231103%253BL\\_L\\_a\\_revoluc\\_i%25F3n\\_comunal\\_de\\_Compostela\\_en\\_los\\_a%25F1os\\_1116\\_y\\_1117](https://www.boe.es/publicaciones/anuarios_derecho/abrir_pdf.php?id=ANU-H-1945-10068500703_ANUARIO_DE_HISTORIA_DEL_DERECHO_ESPA%2526%25231103%253BL_L_a_revoluc_i%25F3n_comunal_de_Compostela_en_los_a%25F1os_1116_y_1117)>.

um ano infértil para as plantações e da péssima qualidade das vinícolas – todo vinho parecia azedo –, seguem-se os relatos sobre repetidos saques orquestrados pelos aragoneses e com os desmandos dos revoltosos vizinhos de Sahagún, que se recusavam a continuar a respeitar e pagar os direitos e privilégios instaurados por Afonso de Aragão.

A Espanha tem uma tradição que mistura mito – como representação da realidade – e a realidade em si ao tratar do papel das mulheres ibéricas durante a Alta Idade Média. Obras como HC apresentam as mulheres tendo um caráter débil (FALQUE, 1994, p. 251-252), cobiçoso de poder (FALQUE, 1994, p. 241-242), a exemplo de Urraca I, rainha de Leão e Castela, Galícia. Os documentos que abordam os feitos dessa figura histórica de forma superficial, muitas vezes, esbarram na misoginia e apresentam uma figura excêntrica, indisposta a entregar o poder ao seu filho, sucessor de Afonso VI.

Todavia é constante a tentativa de desqualificar e deslegitimar o poder exercido pela rainha mesmo que, atualmente, a historiografia trabalhe a partir da perspectiva por meio do cruzamento de fontes históricas nas quais observamos que Urraca I governara tal qual seus equivalentes masculinos. Urraca aparece em diversos documentos oficiais da época de seu reinado e tais documentos equivalem a fontes documentais, assim como as obras anteriormente citadas. Porém esses registros contam com menos impressões por se tratarem de documentos de doação, ainda que possibilitem esboçar a biografia da rainha de forma mais factual e impessoal do que os registros cronísticos da época.

Concordamos com Bloch (2001) quando o autor afirma que, no decorrer da Idade Média, o gênero feminino foi representado e entendido, muitas vezes, por meio de imagens e estereótipos que, em simultâneo, pensar a mulher na Idade Média faz com que o historiador esbarre em certos lugares-comuns que se validam na predestinação feminina, que tem sua máxima expressão na inferioridade da mulher. A representação feminina fora elaborada por agentes da Igreja Católica, inspirados e fundamentados no pecado que envolveu a mulher desde Eva, a partir de então, Eva se tornara o modelo para todas as suas descendentes. A mulher é apresentada como um risco à hierarquia masculina, fazendo uso de todos os subterfúgios e artimanhas para alcançar seus objetivos. Esse modelo de mulher foi muito difundido nos escritos medievais.

Os escritores clérigos destinaram à mulher funções e espaços distintos dos masculinos. A mulher tinha sua representação alternadamente entre a pecadora, descendente de Eva, e a santa, numa clara analogia à Virgem Maria que, posteriormente, serviria como modelo de conduta às mulheres que almejassem abandonar os resquícios da pecadora primitiva. E, dentre essas duas figuras icônicas, surge Madalena como representação do arrependimento.

Conforme afirma Bloch (2001), devemos ter em mente que os textos produzidos se tratavam de legitimadores do poder masculino. Assim, a mulher, constantemente, é idealizada como ser inferior, passível de ser controlada e que cede seu poder de mando ao homem porque é como deve ser. Tal representação é um ideário milenar e legitimado pela autoridade da religião e da cultura ocidental. Percebam que esse ideário misógino foi difundido muitas vezes pelas próprias vítimas e reforçado por comportamentos reproduzidos nas relações cotidianas entre homens e mulheres de todas as idades, nos espaços públicos e privados.

Este texto não é ingênuo em pensar que as crônicas, mesmo que coetâneas aos acontecimentos ou mesmo aquela escrita um século depois, darão conta de apresentar uma verdadeira Urraca, porém alguns autores como Gordo Molina e Thomas N. Bisson podem lançar certa luz acerca da vida da rainha. As fontes escritas trazem poucas informações sobre a experiência da mulher redigidas por elas mesmas. Porém a impossibilidade de conhecer a história da mulher por meio de suas próprias palavras não quer dizer que não haja registros seus feitos, assim como seus equivalentes masculinos.

As esferas públicas e privadas estão imbricadas à vida de inúmeras personalidades ibéricas. Dessa forma, o estudo sobre o cotidiano dessas mulheres não pretende negar ou recusar a tradição de pesquisa trazida pela terceira geração dos *Analles*, mas sim agregar conhecimentos relacionados à mulher medieval ibérica. A mulher medieval é normalmente apresentada por meio de ecos fragmentados e rascunhados pelos clérigos do período e nosso levantamento biográfico se propõe a realizar uma leitura da atuação política de Urraca I, alicerçada nas relações que ela constitui na qualidade de governante. Essa personalidade caminha pelas esferas pública e privada apresentando autoridade e autonomia política em detrimento dos poderes domésticos supostamente delegados à mulher da época.

As mulheres na Península Ibérica, desde muito cedo, tiveram papéis fundamentais na manutenção da governança. Fernando I reinara sob a concessão de sua mãe “Munia de Castilla”. Isto porque a mulher poderia herdar os direitos dos reinos:

Se ha establecido que desde Fernando I, quien recibió todos sus derechos hereditarios para gobernar el reino a través de mujeres, de su madre doña Munia en Castilla, y en León por su matrimonio con doña Sancha, la sucesión hereditaria femenina era una capacidad jurídica y un hecho aceptado. Si bien es cierto que nos encontramos con la figura clásica de reina, es decir, mujer noble vinculada, dependiente del soberano, pero no por ello poco activa, la idea que debe remarcarse es que la ley leonesa estipulaba que la mujer podía heredar y no sólo eso, llegar a poseer bienes que le transmitía a su marido (GORDO MOLINA, 2008, p. 10).

Afinal, a Península Ibérica tem um arcabouço de governantes femininas cujos papéis foram fundamentais no curso da História. Maria de Molina, Branca de Castela, Beriguela e Urraca I são alguns desses agentes históricos que orquestraram uniões monárquicas, como a dos reinos de Leão e Castela, e se destacaram quando o assunto eram questões políticas e administrativas. Segundo Le Goff, “Dar uma mulher à família com quem outra família se reconcilia, coloca a esposa no centro do entendimento. A esse penhor e instrumento de concórdia atribui-se um papel que ultrapassa o seu destino e as suas aspirações pessoais” (LE GOFF, 1989 p.194).

### 3. 5 URRACA ENTRE SANTIAGO E SAHAGÚN

Aron Gurevitch observa que não devemos aplicar nossos valores a outro tempo, o que nos lembra que as ações daqueles sujeitos foram motivadas pelos valores próprios da época e do contexto . “É claro que para compreender a vida, o comportamento e a cultura dos homens desse tempo, nós devemos esforçar-nos por constituir as representações e os valores que lhes eram próprios”( GURIÉVITCH, 1990, p. 28). Em outras palavras, ao tratarmos da governança de Urraca primeira, faz-se fundamental buscarmos compreender o que seria governar durante o século XII por meio do ponto de vista da própria sociedade medieval. Assim como acontece com o conceito de Idade Média, ocorrem apropriações e estereótipos sobre a mulher, caracterizando-a como “sexo frágil” que precisa ter sua submissão assegurada e orientada pelo homem ou, então, o seu extremo oposto, como figura indomada, arredia e praticante de feitiçaria.

O contato régio com a igreja é outra prova da qualidade de Urraca na qualidade de administradora, visto que, na busca de alianças, teve como um dos primeiros feitos a doação do Mosteiro de São Vicente de Pombeiro ao monastério de Cluny, buscando aceitação da sua posição de rainha. A Infanta registrou publicamente tal concessão como “[...] *sed mea propria uoluntate et consilio patris mei, imperatoris domni Adefonsi*” (RECUERO, 2002, p. 58). Essa atitude, assim como outras similares, colocam a Igreja ao lado de Urraca. Essa postura será fundamental, com o passar de alguns anos, quando ocorrer o problema de consanguinidade no seu segundo matrimônio e a anulação do casamento por parte do papa Pascal II.

Uma grande quantidade de diplomas apresenta doações da rainha para casas relacionadas a Cluny. Tais documentos datam, principalmente, entre os anos de 1110 e 1111,

período em que a infanta desejava a anulação de seu casamento com Afonso de Aragão. O matrimônio fora adquirido como exigência por parte da corte leonesa, a fim de que Urraca tomasse posse do trono, porém, ao se perceber o grau de parentesco entre os cônjuges, a rainha não poupou esforços nem doações para que o casamento fosse anulado:

Doc. 19 (18 de enero de 1111); Doc. 23 y 245, (5 de septiembre, 1111); Doc. 93 (19 de mayo de 1118); Doc. 121 (5 de julio de 1121); y Doc. 122 (5 de julio de 1121). El monasterio de Silos presenta cuatro instrumentos jurídicos reales que le benefician: Doc. 7 (13 de junio de 1110); Doc. 104 (26 de marzo de 1119); Doc. 147 (12 de julio de 1125), y Doc. 148 (12 de julio de 1125). De igual manera que Santo Domingo de Silos, la casa de San Isidro de Dueñas recibió cuatro documentos de la cancellería: Doc. 69 (20 de enero de 1116); Doc. 70 (20 de enero de 1116); Doc. 88 (4 de julio de 1117); y Doc. 108 (2 de septiembre de 1119). La casa madre cluniacense recibió dos sendas donaciones: Doc. 90 (4 de enero de 1118); y Doc. 116 (21 de agosto de 1120). Sin embargo, existen donaciones dobles cuyo destinatario era San Pedro de Cluny y luego otra casa hispana. Ocurre esto en el citado Doc. 108 a favor de Cluny y del monasterio de San Isidro de Dueñas, y en las dos donaciones que favorecen a Santa María de Nájera: Doc. 84 (22 de enero de 1117); y Doc. 142 (1124) (GORDO MOLINA, 2008, p. 9).

Com esta aliança significativa e um exército consideravelmente forte, em 1112, a rainha entra em embate com Afonso de Aragão tendo apoio nobiliárquico de Astúrias, Castela e Terras dos Campos. Tal aliança, associada à retomada da política de patrocínio a Cluny (já realizada por seu avô Fernando e seu pai Afonso VI), demonstrou a perspicácia administrativa da infanta desde o início de seu reinado. Na falta de riqueza para financiar a empreitada bélica, Urraca recorria à diplomacia e à doações de terras a Cluny, e, em contrapartida, Cluny, financiava economicamente as necessidades da rainha. Assim,

la Historia Compostellana registra que en cada visita hacía una pequeña donación o dones al capítulo catedralicio, y ella recibió sea bienes del tesoro de Santiago, es decir financiación, o soporte militar para sus campañas, o ambos a la vez. De todas las ofrendas urraqueñas a Santiago, la que sin duda fue más valorada y la que mayor repercusión causó en el pueblo y el clero fue la reliquia de la cabeza del Apóstol Santiago (GALLI, 1997, p. 26).

Desta forma, Urraca colabora com a desconstrução da figura da mulher como sexo frágil. Reinara por todo um período, enfrentou ataques do ex-cônjuge, defendeu territórios, subjugara a irmã, com o mesmo sucesso tal qual um par masculino teria feito, como visto em:

Teresa,[irmã ilegítima de Urraca I] mulher sagaz, desleal e bela, cuidou logo de explorar os conflitos dinásticos em favor de sua autoridade, induzindo Afonso de Aragão a romper com D. Urraca. Porém a crise, desencadeada pelo choque deste monarca como os nobres e burgueses de Castela, obrigou Afonso

a retirar-se para o seus domínios, em Aragão. D. Urraca ficou irada com a atitude da irmã D. Teresa, que, para aplacá-la, se declara sua vassala. Em 1115, vêmo-la nas Cortes de Oviedo como infanta submissa (41:75-7). Estabelece-se o tratado de Lanhoso, pelo qual D. Teresa se reconhece vassala, prometendo defender a irmã contra os inimigos e traidores cristãos e mouros. Em compensação, D. Urraca concedia à irmã muitas terras em Salamanca, Ávila, Toro e Samora, com rendas e direitos senhoriais destas cidades (GALLI, 1997, p. 31).

A exemplo das tradições muçulmanas, a rainha traz os benefícios da herança e de possíveis alianças e, apesar de ser forçada a casar-se por duas vezes, não transmitiu a seus maridos o poder régio, permanecendo rainha. Ao contrário do que alguns cronistas do período insistiram em apresentar, “ela ocupa lugar de destaque no mundo das decisões, porque os homens se ausentavam muito e morriam nos períodos de guerra, a condição das mulheres floresce...” (KRAMER; SPRENGER, 2007, p. 7).

Apesar de se legitimar como herdeira, seu cunhado D. Henrique não a reconheceu como rainha e passou a tramar a independência do condado portugalense. Urraca, porém, mais do que a mulher do rei, tornara-se o “rei” em si, responsabilizando-se pela administração do reino apesar dos esforços do marido em tornar-se soberano e responsável pelas terras leonesas e Castelhanas e, a todo momento, a infanta fazia questão de reafirmar sua legitimidade e capacidade jurídica de governar. Com intuito de contextualizar o início da governança de Urraca, Gordo Molina esclarece que

la heredera de Alfonso VI se encontró en medio de la presión interna del reino que tanto fuerzas seculares como eclesiásticas ocasionaban en su intento de consolidar su propio poder y jurisdicción sobre zonas geográficas y urbanas determinadas. Por otro lado, los intentos y ocupaciones territoriales por parte de los condes lusitanos, la ocupación aragonesa en tierras castellanas y leonesas, y ocasionalmente las presiones del Papa, pueden contarse entre los factores externos que la reina debió enfrentar y tratar de conciliar dentro de su periodo de gobierno.

Y todo esto sin mencionar los problemas personales que Urraca I tuvo con los más allegados a su entorno, a su vida íntima como mujer y madre, su malogrado, convulso e infecundo matrimonio con el rey de Aragón, y los problemas que le ocasionaron con su hijo Alfonso Raimúndez, comúnmente manipulado y puesto en su contra la debieron aquejar tanto o más que los problemas inherentemente propios de un reinado (GORDO MOLINA, 2008, p. 15).

Na maioria das vezes, as crônicas apresentam o ponto de vista do senhorio, o que dificulta ao leitor compreender a real participação da mulher na qualidade de governante. Mesmo aqui, em que as histórias concordam que a postura de Afonso de Aragão era misógina, Rodrigo Jiménez se põe ao lado do marido e adota seu ponto de vista “*la condujo hasta Soria*

y, repudiándola, la dejó libre de hacer lo que le placiera” (RADA, 1989, p. 266). Mas em alguns recortes, como nas crônicas de Sahagún, é possível perceber que a iniciativa do divórcio partira da rainha e não o contrário: “E entonces la reina, avido su consejo com los suyos, deliberó fazer ditorçio e separación del marido; e tornóse a León” (UBIETO, 1987, p. 33) e, ainda na *Historia Compostelana*, Geraldo reafirma que a decisão da rainha era firme (FALQUE, 1994, p. 172).

#### 4 A GOVERNANÇA FEMININA MEDIEVAL IBÉRICA E O MOODLE – ALGUMAS POSSIBILIDADES

Não basta apenas levar os modernos equipamentos para a escola, como querem algumas propostas oficiais. Não é suficiente adquirir televisões, videocassetes, computadores, sem que haja uma mudança básica na postura do educador, pois isso reduzirá as tecnologias a simples meios de informação (MORAIS, 2000, p. 38),

Em 2015, realizamos, na Diretoria de Ensino da cidade de Franca, uma pesquisa sobre a importância do estudo da Península Ibérica junto aos conteúdos programáticos atuais. Esta pesquisa foi realizada por meio de um “bate-papo” informal junto aos professores durante as *Horas de Atividades Coletivas* denominadas ATPCs, ocorridas dentro das escolas estaduais onde esta pesquisadora atuava. Esses ATPCs têm por objetivo a troca de informações entre os professores, suas práticas assertivas e o momento é utilizado para apresentar cursos, possibilidades de estudos e informes enviados pela Diretoria de ensino.

Tal pesquisa surgiu de conversas entre a pesquisadora – professora da educação básica na secretaria do Estado da Educação de SP – e colegas de trabalho durante essas interações nos ATPCs. Essas conversas nos fizeram perceber que o interesse na Península Ibérica Medieval era muito pequeno se comparado com outros temas. Os professores de História seguem o material didático ofertado pelo estado de São Paulo no qual Portugal e Espanha aparecem dentre os conteúdos curriculares somente a partir do século XVI. Assim, tal como afirma Bovo (2017, prelo), alguns colegas de trabalho veem a História como um conjunto

[...] de inventários factuais ou de contínuos acontecimentos pouco afeitos às problematizações tão caras ao conhecimento e aos procedimentos dessa disciplina que não se restringe, nas Américas, à Universidade, mas está presente em toda a Educação Básica e em uma cultura histórica comum e compartilhada (BOVO, 2017, PRELO).

Mesmo entre os professores de história percebemos que esse tema se resumia ao que era apresentado nos livros didáticos e, às vezes, nem mesmo isso. A pesquisa realizada nas escolas estaduais revelou que o nosso público alvo – professores da área de humanas, principalmente os de História – tem grande dificuldade em compreender a relação entre a península Ibérica Medieval e o Brasil fora da periodização pré-fabricada utilizada na educação básica. As respostas se apresentaram sempre formatadas a partir do século XVI, porém o que veio antes das grandes navegações não costuma ser abordado na sala de aula. A discussão de um tema que

interesse aos educandos pode facilitar a explicação do arcabouço teórico atrelado a essa região e sua relação com a formação da identidade histórica brasileira.

O que percebemos após nossa conversa informal é que os professores na educação básica se veem de forma diferente dos historiadores que fazem pesquisas na área, então podemos observar a questão talvez crucial para o ensino de história: A transposição didática. É latente, portanto, nossa necessidade de desconstruir a ideia de que a história serve para fazer a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar. Ela – História – ensinada na escola seria diferente da história acadêmica pesquisada pelos historiadores em sua própria disciplina. E, de forma geral, os professores

em sua maioria, não se preocupam em demonstrar aos seus alunos o que História é, ou como ela nasce enquanto conhecimento científico. Da não compreensão do que é a história, do não entendimento de como esse conhecimento é produzido cientificamente, aliado a uma metodologia de ensino que escamoteia sua condição de reinterpretação e reescrita constante, temos as principais barreiras que impedem o encontro entre a produção do conhecimento histórico e sua desnaturalização nas escolas (BOVO, 2017, PRELO).

Mas, desde já, gostaria de salientar que não penso como meus pares, sim, meus pares, pois, a pesquisadora que vos fala é professora de história na rede estadual de ensino do estado de São Paulo. Ao me aventurar pelo mundo medieval acadêmico, o que percebi foi uma profunda relação entre a história da escola e a história da academia para o desenvolvimento de uma autoconsciência dos alunos. Na verdade, vejo sentido em lecionar somente se for capaz de aplicar e

[...] considerar minha pesquisa e escrita como meios específicos de realizar aquelas operações da consciência histórica que proporciona aos seres humanos segurança e auto-persistência em face da mudança (RÜSEN, 2006, p. 9).

O que levo à sala de aula no dia a dia – independente da série em que leciono – são diretrizes do trabalho de Rüsen (2006) e Bovo (2017) no qual afirma que a “história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida” dentro da estrutura tempo, na qual “o tempo histórico é uma construção humana passível à reformulação”. Então, nossa busca constante é pela compreensão de como se pensa a história, quais são as origens da história na natureza humana e quais são seus usos para a vida humana. Assim, esse curso tem por objetivo “instrumentalizar” os professores para a discussão de um tema interessante e que está presente no cotidiano dos alunos mas, principalmente, o que desejamos é reverter a ideia, ainda presente

e difundida pela história científica do século XIX, denominada por Rüsen de “irracionalização” da história”<sup>8</sup>.

Para tanto, necessitamos de maiores debates sobre temas da atualidade por meio da história, demonstrando como a forma como construímos a história está diretamente vinculada aos interesses e às intenções do momento de composição dessas narrativas. Como visto no capítulo 1 dessa dissertação, o interesse e a motivação para o início das pesquisas sobre a História das Mulheres e História do Gênero esteve diretamente vinculado ao contexto de luta por direitos civis de grupos femininos que, até o século XX, viram-se à margem dos direitos e dos poderes partilhados pelos grupos masculinos.

Logo, surge o questionamento de como abordar – na sala de aula – uma temática interessante que busque uma consciência histórica? A minha resposta sugere a discussão dos temas transversais em sala de aula como ações desafiadoras que motivam os alunos e assustam os professores. Esses temas transversais, segundo o MEC, correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana. Percebam que tal estudo vai além do conteúdo programático há muito elencado de forma positivista. Com base nessa ideia, o MEC definiu alguns temas que abordam valores referentes à cidadania: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural.

Neste ponto, o curso proposto é um diferencial no processo de construção do conhecimento e traz outros questionamentos: Qual é o lugar da mulher? E o lugar do homem? Por que eles precisam ter um lugar pré-definido? E, se precisam, o que ocorre quando um toma o lugar do outro? Partindo deles, enxergamos, nas interações entre os professores no ambiente virtual de aprendizagem, a chance de que percebam como a didática da história ou ciência do aprendizado histórico pode demonstrar ao historiador profissional as conexões internas entre história, vida prática e aprendizado, tal como nos apresenta Rüsen (2006, p. 10).

O curso aqui sugerido será, então, uma oportunidade para o professor-aluno caminhar, interagindo com colegas num ambiente virtual monitorado, discutir, perguntar e buscar compreender as indagações feitas anteriormente. Pensamos no *Moodle* como ferramenta que ajudará a professores e alunos a pensar a historicamente. O debate sobre o ensino de história

---

<sup>8</sup> Para compreender um pouco mais desse conceito ler o DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Onde Rüsen faz uma análise “ensaio teórico que expõe a trajetória histórica da didática da história na Alemanha, enfocando sua virada paradigmática nos anos 60 e 70. De uma disciplina pragmática e externa aos estudos históricos, a didática da história evoluirá para uma perspectiva reflexiva sobre a sociedade e o conhecimento histórico, desempenhando um papel analítico sobre a própria ciência da história, agindo como um recurso de autoconsciência desse campo descrevendo a configuração atual da didática da história a partir de seus novos objetos, questões principais e perspectivas futuras” (RÜSEN, 2006).

medieval – pensando o caso específico das mulheres seu papel como figuras históricas a serem recuperadas e trabalhadas – como ele pode colaborar para uma aprendizagem histórica ampla. Outro ponto relevante para a discussão sobre a consciência histórica é a possibilidade de trabalhar com fontes como as apresentadas no segundo capítulo dessa dissertação. No curso do *Moodle*, trabalharemos com as obras utilizadas nessa pesquisa – *Historia Compostelana* e Crônicas Anônimas de Sahagún. Assim, por meio desse curso, possibilitamos ao adulto aprendente trabalhar com

[...] fontes no ensino básico de História [...]. Ele não apenas desmistifica qualquer narrativa “pronta e acabada” de uma pretensa “história única e verdadeira”, como assinala um dos primeiros passos ao entendimento de que esse conhecimento, amplamente reconhecido como científico, tem um processo de produção intelectual que não se reduz ao ter visto ou ouvido falar de alguma coisa (BOVO, 2017, p. 2).

Aqui, a formação continuada do professor é uma prática necessária para a manutenção dos saberes que este profissional desenvolve e aprimora na sala de aula. Portanto, o educador precisa estar bem qualificado e atualizado e esta postura permite o uso de recursos diversos que sejam atrativos para os alunos, sejam também apropriados pelo educador e aplicados como novas possibilidades no processo de aprendizagem, proporcionando situações desafiadoras e envolventes. Neste sentido, a retomada da memória por meio da escrita corrobora para a significação de novos conteúdos a serem assimilados pelo educador. Tais memórias contribuem para “um processo de construção identitária que confere à memória um caráter diatômico” (PLACCO e SOUZA, 2006, p. 8).

No entanto, trabalhar com as TICs não é, contudo, um processo simples, a formação do professor tem que ser constante após a saída da universidade. Belloni (2001) enfatiza a realidade de perplexidade e despreparo dos professores na escola frente às mudanças trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, que representam um grande desafio a ser incorporado no cotidiano da escola. Assim, a reflexão sobre a prática do docente deve ser constantemente realizada na busca de uma melhor atuação.

Em relação à formação de professores para o uso das tecnologias, Vieira (2003, p. 99) relata que sua capacitação para o uso do computador “tem se caracterizado como sendo uma formação aligeirada”, em que recebem grande número de informações em curto espaço de tempo, sem levar em consideração que o tema ‘informática na educação’, na formação inicial desses profissionais, nunca foi abordado. Ainda segundo a autora, tal procedimento impossibilita a apropriação do conteúdo passado rapidamente em cursos livres ou de curta

duração. Há necessidade para o adulto professor de que a formação seja gotejada e experimentada. Para tanto, o professor pode realizar a formação continuada dentro do próprio espaço escolar, durante as horas de atividades coletivas, já que as trocas de experiências com colegas de trabalho podem ser muito proveitosas e colaborar de forma mais enfática para o aprendizado do professor, pois, segundo PLACCO e SOUZA (2006), o adulto professor aprende com o intercâmbio de conhecimento realizado entre ele e seus pares.

Leitura, discussão, reflexão, escrita de relatos de experiências somados à elaboração de sínteses e à produção escrita por parte do adulto professor seriam um bom caminho já experimentado por alguns pesquisadores que se dedicam a compreender como se dá a formação do adulto aprendente. Por isso nossa proposta de objeto de aprendizagem une professores de áreas diferentes para a construção de um artigo ou uma narrativa elaborados de forma coletiva, colaborativa e interdisciplinar.

Dessa forma, o professor, ao conscientizar-se de que a tecnologia nada mais é do que uma ferramenta para a aprendizagem, compreende que, para o uso de tais recursos, é necessário experimentá-los, pois no trato diário surgirão as condições adequadas para a construção das habilidades adquiridas tanto pelo professor quanto pelos alunos. Assim, conforme Valente enfatiza, existe certa necessidade de o professor vivenciar diferentes situações em que a informática é usada como recurso educacional, a fim de poder entender qual o papel do educador na qualidade de facilitador na construção do conhecimento do aluno, sabendo fazer opções quanto à metodologia a ser empregada (VALENTE, 1999).

Neste sentido, Moran adverte que “o primeiro passo é procurar de todas as formas tornar viável o acesso frequente e personalizado de professores e alunos às novas tecnologias” (2003, p. 50). Em seguida, deve-se priorizar a familiarização com tecnologias diversas, do computador aos aplicativos de celular, aprendendo a usá-los de forma crítica. Feito isso, o professor pode partir para a utilização desses recursos de forma pedagógica. Mas, para que isso aconteça, os espaços, tempos e organizações curriculares devem ser reformulados e o melhor laboratório para esses experimentos é o próprio ambiente escolar.

Um exemplo de tais aplicações é nossa proposta de objeto de aprendizagem em que diversos recursos podem ser utilizados para a formação continuada do professor por meio de um meta-curso. Tais recursos poderão adentrar o espaço escolar de diferentes formas, pois, a partir do momento em que o adulto professor compreender como funciona esta ou aquela ferramenta, elas poderão ser aplicadas e adaptadas à realidade do espaço escolar no qual esse educador desempenha sua função.

O estudo relacionado à Península Ibérica aqui proposto demanda utilização de áudios, textos digitalizados, arquivos originais que permanecem na Torre do Tombo ou em plataformas como a *Gallica*, pareceres de professores lusos e espanhóis, músicas, construção de textos reflexivos na forma de artigos, sínteses, narrativas e etc. A possibilidade de realização deste tipo de formação se dá graças aos recursos apresentados durante a disciplina de Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem, oferecida pela Unifal – Universidade Federal de Alfenas – no transcorrer do mestrado profissional em História Ibérica. A aprendizagem e aplicação prática dos recursos possibilitou a criação do curso que será apresentado a seguir.

Partimos da definição de educação a distância (EaD), que é uma modalidade de ensino cujos participantes da ação, alunos e professores, estão localizados em um espaço geográfico e tempo, local físico diferentes no momento da aprendizagem, mediados por recursos didático-pedagógicos como apostilas, livros, mídias interativas, internet, *web*-conferência, videoconferência, entre outros (ALMEIDA, 2000). De acordo com Litwin (2001), a educação a distância é considerada como uma modalidade de ensino com características específicas, diferenciando-se pela utilização de uma multiplicidade de recursos pedagógicos, objetivando a construção do conhecimento e apresentando excelentes possibilidades da modalidade para a educação permanente.

Dessa forma, o EaD promove a inclusão social, garantindo a oportunidade do conhecimento para pessoas que dificilmente ingressariam num curso presencial por diversas limitações. Esta modalidade de ensino vem para atender as necessidades de aprendizagem por meio de horários flexíveis, cabendo ao aluno ser responsável pela gestão do seu tempo de estudo e, conseqüentemente, pela construção do seu conhecimento. Sendo assim, proporciona a muitos a possibilidade real de estudo e aperfeiçoamento educacional que antes seria impossível, devido à necessidade de presença diária do ensino tradicional (ALVES, 2009).

Os participantes desse curso se tornarão facilitadores/mediadores de diálogos sobre estereótipos e representações sociais imbricadas na sociedade brasileira, por isso será apresentado um conteúdo que os adultos professores pouco conhecem acerca da história Ibérica relacionado a temas atuais. A proposta é ressignificar o conhecimento histórico a ser desenvolvido em sala de aula utilizando a *web* como ferramenta educacional. A ideia inicial trata-se de um projeto piloto que poderá ser oferecido para outros componentes curriculares e para toda a rede que atende a educação básica nacional.

É preciso acrescentar que cursar o mestrado em História Ibérica possibilitou identificar uma deficiência em seu conteúdo nas salas de aula brasileiras. Com essa informação, foi realizado um *checklist* disponível na plataforma da Universidade Federal de Alfenas

(UNIFAL), para obter informações do público-alvo, administração, recursos humanos e materiais, projeto pedagógico, programação, inclusão, cronograma e avaliação.

Assim, a apresentação do objeto de aprendizagem está organizada em duas partes. Na primeira, serão apresentados os dados do projeto, do curso e o cronograma, a parte de planejamento elaborada em torno da proposta. No segundo, serão apresentados os recursos fundamentais na execução do meta-curso proposto: a construção e o desenvolvimento do mapa de atividades, da matriz de *design* instrucional e o *storyboard* (SB). Ainda nesta parte, será apresentada a análise dos diferenciais e riscos para a execução do projeto. Por fim, serão realizadas algumas considerações sobre como se deu o desenvolvimento deste projeto e os resultados alcançados com sua aplicação.

Antes de continuarmos com a explicação do curso em si, seria interessante saber um pouco mais do *software*. O *Moodle* é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em *software* livre. Seu nome é a sigla para *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos) e se trata de um sistema gerenciamento para criação de cursos *online* nos quais podem ser anexados diversos recursos e ferramentas. Também conhecido como AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem, o *Moodle* é um *software* de apoio à aprendizagem, pode ser instalado em diversas extensões e plataformas. Seu desenvolvimento se dá de forma colaborativa em que membros de uma comunidade virtual fazem as melhorias do *software* conforme novas demandas surgem. Esta comunidade conta com *designers* instrucionais e gráficos, programadores, administradores, professores e usuários do mundo inteiro e está disponível em vários idiomas.

Devido a isso, a plataforma vem sendo utilizada como apoio a cursos presenciais, além do uso habitual na Educação a Distância, na formação de grupos de estudo e no treinamento de professores. Neste sentido, trabalhar com o *Moodle* para a formação continuada dos professores nos parece ser o recurso mais acertado, já que o *software* pode ser utilizado por professores no seu dia a dia como suporte a cursos presenciais, uma vez que é gratuito e existe um grande variedade de tutoriais na internet de como utilizá-lo, assim, qualquer professor com acesso à internet e a um computador pode tanto estudar quanto ensinar pelo *Moodle*, facilitando a administração de seu tempo para estudar/ensinar.

Encerrando esta sessão, asseguramos que Urraca I é somente um exemplo de governança que pode apresentar respostas interessantes para as indagações já propostas, existem muitas governantes fortes e realizadoras de façanhas na Idade Média. A troca de experiência no decorrer da análise de um “*case* norteador” utilizará a história medieval ao

mesmo tempo em que abordará um tema contemporaneamente valorizado, como é o caso da definição histórica, social e política, do papel da mulher como sujeito histórico e, tal qual afirma Bovo (2017), proporcionando “novas oportunidades de aprendizagem do pensamento histórico”.

#### 4.1 META-CURSO – AS VISÕES SOBRE A MULHER NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL

O curso virtual “As visões sobre a mulher na Península Ibérica Medieval” visa atender professores da rede estadual de ensino do estado de São Paulo. Os conteúdos, relacionados à Península Ibérica, foram selecionados porque tanto os dados levantados pela internet quanto a grade curricular que atende ao tema península Ibérica mostram que boa parte dos professores não tem familiaridade com o assunto. O objetivo principal desse curso é compreender como governantes femininas conseguiam exercer poder em ambientes fortemente marcados pela presença masculina.

O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) *Moodle* foi escolhido para implantar o curso proposto porque trata-se de um recurso gratuito e de *layout* agradável. A equipe de desenvolvimento trabalhará com uma série de profissionais a fim de que cada etapa do processo de criação do curso seja de responsabilidade de um profissional, mas que deve ter suporte dos demais. Uma parceria pode ser implementada entre o professor “conteudista” e o *Design* instrucional, tendo por objetivo melhorar a construção do conhecimento por parte do alunado. Para essa tarefa, faz-se necessário a presença de um tutor virtual e um professor mediador, além dos outros profissionais já citados.

Gostaríamos de salientar que o curso se trata de uma sugestão de trabalho, logo seu projeto não foi aplicado ainda, pois não tínhamos tempo hábil, durante o período do mestrado, para sua realização. Ainda assim nosso desejo é que este curso tome forma e, além de ser aplicado, acreditamos que, em futuras pesquisas, poderemos desenvolver uma plataforma colaborativa mantida por professores com esse tipo de recurso, visto que os pesquisadores aqui presentes são professores da educação básica na rede estadual de ensino no estado de São Paulo.

#### 4.1.1 Dados do curso

O Quadro 1 apresenta os dados do curso proposto. O público-alvo será composto por professores de história, sociologia, geografia, letras (espanhol) que atendam alunos do ensino médio, incluindo portadores de necessidades especiais. Neste caso, poderá ser necessária a presença de um cuidador<sup>9</sup>, um intérprete de libras ou ainda a produção de material que atenda à proposta de comunicação para deficientes auditivos, visuais ou com outras dificuldades como paralisia cerebral. Para se matricular, o adulto professor deverá ter acesso à internet em casa ou na escola.

Quadro 1 - Dados do Curso

<b>Nome do curso</b>	“As visões sobre a mulher na Península Ibérica Medieval”	
<b>Objetivo do curso</b>	<p>Compreender como governantes femininas conseguiam exercer poder em ambientes fortemente marcados pelo poder (pela presença) masculino.</p> <p>Dimensionar qual a imagem da mulher apresentada como sujeito histórico e/ou objeto de pesquisa.</p> <p>Observar como a história é múltipla nas possibilidades interpretativas, partindo dos locais onde essas obras são produzidas, para além das ideias de nação ou dos discursos produzidos anteriormente.</p> <p>Identificar como um conceito é reformulado a partir da ideia de representação social em Serge Moscovici.</p>	
<b>Carga Horária</b>	Presencial	10 horas de diálogos sobre temas transversais
	Virtual	100 horas
<b>Número de vagas</b>	40	
<b>Duração do Curso</b>	11 semanas.	
<b>Público-alvo</b>	Professores de História, Sociologia, Geografia, Letras (Espanhol) que atendam ao Ensino Médio	
<b>Pré-requisitos</b>	Conhecimento balizado na formação acadêmica dos participantes	
<b>Acessibilidade</b>	Acesso à internet, recursos tecnológicos para alunos em estado de deficiência	
<b>Ementa</b>	Mulher na Idade Média, Península Ibérica, Urraca I, Leão e Castela, internet, mídias na educação, mulher como sujeito histórico	
<b>Critério de Aprovação</b>	Frequência igual ou superior a 75% e 70% de aproveitamento na somatória das atividades propostas	
<b>Justificativa e relevância</b>	Os alunos, por vezes, desconhecem o conteúdo e ele será utilizado para além da escola em seu cotidiano	

<sup>9</sup> Cuidador é o profissional que acompanha o aluno deficiente, auxiliando-o no que for necessário no espaço escolar. Medida prevista no Projeto de Lei 8014/10..

Fonte: autor

O Quadro 1 mostra que o curso terá duração de 100 horas. A sugestão é de que o adulto professor estude de 1 a 2 horas por dia. A proposta prevê que o educando consiga ir além do conteúdo obrigatório e que, por meio do ambiente virtual de aprendizagem (*Moodle*), possa se aprofundar nos temas transversais. A aplicação do projeto piloto sugere uma escola da Diretoria de ensino de Franca. Como requisitos, esses professores-alunos têm que conhecer parte da historiografia apresentada na graduação em história e as possíveis relações com outras disciplinas, pois este professor será o facilitador do conteúdo junto aos colegas de outras áreas. Uma vez que o curso será disponibilizado em AVA, o educando poderá acessá-lo de qualquer lugar e a qualquer momento, desde que tenha acesso a computador e internet, isso possibilita o desenvolvimento de sua autonomia na construção do conhecimento. Ainda que o aluno não tenha acesso a computador em sua residência, há a possibilidade de desenvolver seus estudos no espaço ACESSA ESCOLA.<sup>10</sup>

O curso foi estruturado para atender pessoas deficientes: surdos, dificuldade motora, paralisia cerebral etc., além disso, está adaptado para atender esse público por meio de sistemas de comunicação com e sem ajuda, desde formas de apontamento para o aluno deficiente conseguir se comunicar até uma janela com tradutor e intérprete de libras, inserida nos vídeos e legendas, para aqueles que estão alfabetizados, mas que não utilizam libras. Ainda para atender a educação inclusiva, todos os gráficos e quadros têm uma descrição que o educando poderá acessar para compreender melhor o conteúdo de determinada imagem. Desta forma, pessoas com baixa visão ou cegueira poderão acessar o conteúdo por meio da descrição de todas as tabelas e gráficos do referido curso. Já os educandos com paralisia cerebral poderão interagir com o curso por meio de instrumentos relacionados à comunicação aumentativa/alternativa como apontadores, *laser points*, *mouses* adaptados etc.

Desse modo, os materiais serão produzidos de forma a adaptar o conteúdo mediante a necessidade do educando. A comunicação se dará por *chats*, mensagens enviadas pela plataforma, *e-mails*, entre outros, de forma que o tutor terá prazo de 24 horas para dar *feedback* aos alunos quanto às possíveis dúvidas, processo este que facilitará a realização das avaliações propostas no curso.

---

<sup>10</sup> O Programa ACESSA ESCOLA é uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, conduzida pela Secretaria da Educação, em parceria com a Secretaria de Gestão Pública, que tem por objetivo promover a inclusão digital e social, além de estimular o uso da internet para enriquecimento da formação cultural, intelectual e social dos usuários das escolas da rede estadual de ensino. Foi instituído pela Resolução SE - 37, de 25/04/2008. Acesso em: 05 ago. 2015. Disponível em: [http://estagios.fundap.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97&Itemid=129](http://estagios.fundap.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=97&Itemid=129)

Quanto às avaliações, o curso abrange três tipos específicos: a diagnóstica, a somativa e a formativa, sendo que esta última tem prioridade em todo o curso, uma vez que a proposta aqui é a construção do conhecimento por parte do aluno e não somente a assimilação de conteúdo. A fim de que essa avaliação ocorra de forma a atender às diferentes habilidades presentes em sala de aula, este curso apresentará diversas atividades como tarefas, questionários, dinâmicas, cruzadinhas etc. A aprovação ocorrerá mediante frequência (controle de acesso ao AVA) e realização de atividades em que os educandos devem alcançar um desempenho mínimo de 70% na somatória de todas as atividades. A proposta a ser apresentada à Secretaria Estadual da Educação do estado de São Paulo é de que o curso seja aceito como pontuação válida para evolução não acadêmica dos professores da rede na forma de curso extensão.

#### **4.1.2 Cronograma do curso**

O cronograma do curso está dividido em 5 fases (Quadro 2). A primeira referente à identificação das necessidades de aprendizagem e do público-alvo, o que ocorrerá no início do ano, no momento do planejamento escolar, que costuma acontecer em dois dias pré-determinados pela diretoria de ensino de cada região. Nesta etapa, o *Designer instrucional* (DI) terá uma reunião com os professores de História e Sociologia responsáveis por atender à escola piloto e juntos farão um levantamento dos temas transversais que necessitam de atenção. Para o desenvolvimento do piloto do curso, trabalharemos com o período final de governança de Afonso VI e, posteriormente, de sua filha Urraca I. Esse conteúdo auxilia com as explicações de outros temas vinculados à Idade Média Ibérica, como a formação do estado Português e o tema Reconquista Cristã, além da discussão que possibilita o diálogo sobre tolerância, pautado no papel da mulher no transcorrer da Idade Média.

Entre as semanas 2 a 7 ocorrerá a fase correspondente ao *design*, quando serão desenvolvidos o mapa de atividades, a matriz de *design* instrucional e o *storyboard* (SB) – estas três ferramentas serão detalhadas futuramente. Durante a fase do desenvolvimento (terceira etapa que ocorre entre as semanas 8 a 12), ocorrerá a produção do material didático, a adaptação desses recursos para o AVA, além da preparação de material adaptado para aqueles que têm algum tipo de deficiência. A quarta etapa será a de implementação do curso e esta ocorrerá entre as semanas 13 e 24, quando, primeiramente, serão disponibilizadas as unidades

de aprendizagem. Entre as semanas 12 e 18 o curso será oferecido aos alunos. A última etapa é a de avaliação do curso. Ela ocorrerá a partir da semana 25, com o preenchimento de um questionário pelos alunos. Nele, poderão dar seu parecer sobre a realização do curso, tendo espaço para críticas e sugestões para sua melhoria.

Quadro 2 – Cronograma das atividades do projeto do curso.

Fases	Atividades	Semanas																								
		11	22	33	4	35	66	67	68	69	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	220	221	222	223	224	225
Análise	Identificação das necessidades de aprendizagem e do público-alvo	■																								
Design	Desenvolvimento do mapa de atividades		■	■	■	■																				
	Desenvolvimento da matriz de <i>design</i> instrucional					■																				
	Desenvolvimento do <i>storyboard</i>					■	■	■																		
Desenvolvimento	Produção do material didático											■	■													
	Adaptação dos recursos para o ambiente virtual											■	■	■												
Implementação	Disponibilização das unidades de aprendizagem											■	■	■	■	■	■									
	Oferecimento do curso											■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Avaliação	Avaliação da efetividade do curso																									■

Fonte: o autor

## 4.2 Orçamento do curso

A proposta de orçamento para o planejamento e execução do curso “Representações da Mulher Ibérica na Idade Média” está apresentada no Quadro 4. Os custos foram pesquisados em bancos de referências da internet e *sites* próprios que tratam sobre remuneração, a exemplo do portal da Catho<sup>11</sup> e as bolsas disponibilizadas pelo Fundap.<sup>12</sup> O curso será viável em relação ao mercado por especificar conteúdos que já são implementados na sala regular, uma possibilidade de barateamento dos custos e também de se traçar uma parceria com a secretaria estadual da educação de São Paulo, região onde o curso será ministrado. O projeto visa ao aprendizado dos professores-alunos na rede pública de forma que seu viés é social também.

O curso terá um investimento de R\$ 47.690,00 que, ao ser convertido para o educando, na primeira turma, representará um custo de R\$1.167,73 para cada um. Uma vez que o curso ocorrerá em escola estadual como projeto piloto, os custos serão arcados parcialmente pelo estado e pela União. O investimento será ínfimo, pois, aprovado o projeto piloto, o curso poderá ser disponibilizado para as demais escolas e o custo por educando seria reduzido a um investimento de R\$ 1,30 /professor-aluno, ao atender escolas na região norte do estado de São Paulo. É necessário ter em vista que a proposta é atender toda a rede estadual de ensino e, desta forma, os valores por professor-aluno serão reduzidos cada vez mais, ou seja, o projeto, além de auxiliar uma melhor compreensão por parte do educando, ainda apresenta um investimento mínimo para sua execução.

---

<sup>11</sup> <http://www.catho.com.br/profissoes/>

<sup>12</sup> <http://www.fnde.gov.br>

Quadro 3 – Composição do custo do curso.

<b>DESIGN / DESENVOLVIMENTO</b>			
<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR UNITÁRIO (R\$)</b>	<b>VALOR FINAL (R\$)</b>
<i>Designer gráfico</i>	1	1300,00	1300,00
<i>Designer instrucional</i>	1	3000,00	3000,00
<i>Web designer</i>	1	1000,00	1000,00
Professor conteudista	1	1300,00	1300,00
Ilustrador	1	1300,00	1300,00
Roteirista	1	1000,00	1000,00
Programador	1	1300,00	1300,00
Animador e equipe de vídeo	1	3000,00	3000,00
Produtor de mídia	1	1000,00	1000,00
<b>CUSTO DE DESIGN/DESENVOLVIMENTO</b>			<b>13.900,00</b>
<b>APLICAÇÃO</b>			
<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR UNITÁRIO (R\$)</b>	<b>VALOR FINAL (R\$)</b>
Suporte TI	1	1300,00	1300,00
Professor formador	1	1300,00	1300,00
Tutor	2	867,00	1.734,00
<i>Design instrucional</i>	1	3000,00	3000,00
Revisor	1	867,00	867,00
Capacitação de equipe	1	2000,00	2000,00
Cuidador	1	1300,00	1300,00
Tradutor /intérprete de libras	1	1300,00	1300,00
Professor especialista	1	1300,00	1300,00
Diárias	1	5000,00	5000
<b>CUSTO DE APLICAÇÃO</b>			<b>19.101,00</b>
<b>INFRAESTRUTURA DE TI</b>			
<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR UNITÁRIO (R\$)</b>	<b>VALOR FINAL (R\$)</b>
Computador	1	1200,00	1200,00
Hospedagem	1	320,00	320,00
Servidor	1	320,00	320,00
<i>Software</i>	1	500,00	500,00
Equipamentos de comunicação	1	2000,00	2000,00
Impressora	1	400,00	400,00
Acesso à internet	1	70,00	70,00
<b>CUSTO DE INFRAESTRUTURA DE TI</b>			<b>4.810,00</b>
<b>GESTÃO / ADMINISTRAÇÃO</b>			
<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR UNITÁRIO (R\$)</b>	<b>VALOR FINAL (R\$)</b>
Administrador	1	1000	1000
Coordenador EaD	1	1000	1000
Coordenador Pedagógico	1	1000	1000
Secretária	1	900	900
Financeiro	1	900	900
<i>Marketing</i>	1	900	900
<b>CUSTO DE GESTÃO / ADMINISTRAÇÃO</b>			<b>5.700,00</b>
<b>DESPESAS DE FUNCIONAMENTO</b>			
<b>ITEM</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR UNITÁRIO (R\$)</b>	<b>VALOR FINAL (R\$)</b>
Material de Escritório	1	100,00	100,00
Certificados	20	10,00	200,00
Telefone	2	200,00	400,00
Energia Elétrica	1	100,00	100,00
Água	1	100,00	100,00
Correio	50	16,90,	845,00
Serviço de Limpeza	1	720,00	720,00
Aluguel de Salas	1	0,00	0
<b>CUSTO COM DESPESAS DE FUNCIONAMENTO</b>			<b>2.465,00</b>
<b>T2CUSTO TOTAL</b>			<b>R\$ 47.890,00</b>

Fonte: o autor

### 4.3 CONTEÚDO DO CURSO – REPRESENTAÇÕES DA MULHER IBÉRICA NA IDADE MÉDIA

O mapa de atividade (Quadro 5) é um dos principais recursos utilizados pelo profissional de *Design Instrucional* para o desenvolvimento, elaboração e a aplicação detalhada de um curso pelo sistema EaD e permite uma visão complexa sobre o seu desenvolvimento, sendo então utilizado para a orientação de todos os profissionais envolvidos na criação do curso. No mapa de atividade, pode-se encontrar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), o tema do curso e a carga horária geral, a quantidade de aulas e seus respectivos períodos (em dias) e duração (em horas), temas e subtemas (sobre o que abordará cada aula), tópicos detalhados sobre objetivos esperados com o educando em cada aula. Também são inseridas as atividades teóricas e práticas que serão desenvolvidas durante o curso. Sua confecção tem que se dar de forma detalhada, com todas as informações necessárias para a criação de atividades planejadas diretamente nas ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem por todos aqueles envolvidos no desenvolvimento.

#### 4.3.1 Mapa de Atividades

Para possibilitar uma melhor orientação no AVA, os temas principais, módulos, estão divididos em subtemas, tornando as atividades mais simples e descomplicadas, assim o pessoal responsável pelo desenvolvimento terá condições de planejar uma navegação eficiente e dinâmica neste espaço. O mapa de atividades conta com seis colunas. A primeira apresenta a quantidade de aulas/semanas em que o curso será disponibilizado, nesta aba é possível ver também a quantidade de horas que compõe cada semana do curso, tratando-se, neste caso, de 11 semanas que somam uma carga horária de 100h.

A coluna referente aos temas e subtemas possibilita à equipe visualizar conceitos principais que serão trabalhados no transcorrer do curso. Os objetivos específicos a serem alcançados compõem a quarta coluna do mapa de atividades e nela é possível visualizar onde o professor “conteudista” pretende chegar com o aquele material. Na quinta coluna do gráfico, é possível visualizar as *Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD*, nesta coluna, apresenta-se toda a parte teórica do curso, os tipos de mídias que serão utilizados atendendo às

necessidades dos estilos de aprendizagem. O mesmo ocorre na última coluna, porém referente à parte prática do curso. O mapa de atividades do presente projeto encontra-se no quadro 4 que será detalhado a seguir.

Quadro 4- Mapa de atividades.

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 1</b> 3 h 1/2 7 dias</p>	<p>Antes de Iniciar</p>	<p>Não há</p>	<p>Investigar/constatar/identificar as preferências do aluno quanto ao uso da Internet</p> <p>Utiliza a plataforma para envio de mensagens</p>	<p><b>Atividade 4:</b> Cronograma <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> arquivo .doc <b>Duração</b></p> <p><b>Atividade 5:</b> Informações importantes <b>Ferramenta:</b> texto <b>Mídia:</b> página <b>Duração</b></p>	<p><b>Atividade 1:</b> <b>Ferramenta:</b> Questionário <b>Mídia:</b> google.docs <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnóstica) <b>Valor: 10</b> <b>Peso: 2</b> <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 2:</b> <b>Ferramenta:</b> Questionário <b>Mídia:</b> google.docs <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnóstica) <b>Valor: 10</b> <b>Peso: 2</b> <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 3:</b> <b>Ferramenta:</b> Questionário <b>Mídia:</b> google.docs <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnóstica) <b>Valor: 10</b> <b>Peso: 2</b> <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 6:</b> Envio de mensagem <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> mensagem <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnóstica) <b>Valor: 10</b> <b>Peso: 2</b> <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 2</b> 3 h 7 dias</p>	<p>Recursos no A.V.A.</p>	<p>Perfil e comunicação</p>	<p>Aplicar conhecimentos adquiridos sobre recursos e ferramentas do A.V.A.</p>	<p><b>Atividade 7:</b> Assistir vídeo <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> <i>youtube</i> <b>Duração:</b> 4,28min.</p> <p><b>Atividade 9:</b> Leitura de texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> .pdf /.doc <b>Duração:</b> 5min.</p>	<p><b>Atividade 8:</b> Completar Perfil <b>Ferramenta:</b> perfil <b>Mídia:</b> AVA <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 4 dias</p> <p><b>Atividade 10:</b> Participação em dinâmica das “Cinco características” para romper a tensão inicial do grupo. <b>Ferramenta:</b> perfil/tarefa <b>Mídia:</b> arquivo .doc <b>Avaliativa:</b> sim (formativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 3 dias disponibilizar quarta-feira da semana da atividade DETALHAMENTO NA MATRIZ</p> <p>ATIVIDADES NÃO CONCOMITANTES</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 3</b> 5h 7 dias</p>	<p>Público e Privado Na Idade Média</p>	<p>Não Há</p>	<p>Compreender/aplicar conceitos de público e privado na Idade média.</p>	<p><b>Atividade 11:</b> Leitura do texto história das Mulheres <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> pdf livro digital</p> <p><b>Atividade 12:</b> Leitura de texto O Poder público e o poder privado. DUBY pp.16- 51 <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> .pdf livro digital</p>	<p><b>Atividade 13:</b> Interação entre o grupo <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 14: Texto colaborativo</b> <b>Ferramenta:</b> Wiki <b>Mídia:</b> Página <b>Avaliativa:</b> sim (formativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p>ATIVIDADES CONCOMITANTES</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 4</b> 14h 7 dias</p>	<p>A mulher e o trabalho</p>	<p>Papel da Mulher aristocrata e da mulher camponesa</p>	<p>Analisar o engajamento feminino nos espaços sociais da Idade Média.</p>	<p><b>Atividade 16:</b> Leitura do texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> livro digital material em pdf</p> <p><b>Atividade 17:</b> Leitura de texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> livro digital material em pdf</p> <p><b>Atividade 18:</b> Leitura de texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> livro digital material em pdf</p> <p><b>Atividade 19:</b> Leitura de texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> livro digital material em pdf</p>	<p><b>Atividade 15:</b> Interação entre o grupo <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor: 10</b> <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 20:</b> Interação entre o grupo <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor: 10</b> <b>Peso:</b> 3 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p>ATIVIDADES CONCOMITANTES</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 5</b> 12h 7 dias</p>	<p>Urraca I Contextualização</p>	<p>Novela nobiliárquica espanhola sec. XII</p>	<p>Conhecer / analisar a personagem histórica a ser trabalhada</p>	<p><b>Atividade 21:</b> Leitura do texto <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> material em pdf</p> <p><b>Atividade 22:</b> Áudio sobre Urraca I em espanhol <b>Ferramenta:</b> programa para ouvir áudio <b>Mídia:</b> mp3 Duração: 10min</p> <p><b>Atividade 23</b> Áudio sobre Urraca I em espanhol <b>Ferramenta:</b> programa para ouvir áudio <b>Mídia:</b> mp3 Duração: 10min</p> <p><b>Atividade 24:</b> Áudio sobre Urraca I em espanhol <b>Ferramenta:</b> programa para ouvir áudio <b>Mídia:</b> mp3 Duração: 5min</p> <p><b>Atividade 25:</b> Leitura de texto <b>Ferramenta:</b> página da <i>web</i> <b>Mídia:</b> <i>Wikipédia</i> <i>Link:</i> <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Urraca_I_de_Le%C3%A3o_e_Castela">https://pt.wikipedia.org/wiki/Urraca_I_de_Le%C3%A3o_e_Castela</a></p>	<p><b>Atividade 26:</b> Cruzadinha <b>Ferramenta:</b> hotpotatos <b>Mídia:</b> <i>blog</i> <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 3 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 27:</b> Interação entre o grupo <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> Não <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 28:</b> definição de personagens <b>Ferramenta:</b> glossário <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p>ATIVIDADES CONCOMITANTES DISPONIBILIZAR <i>LINKS</i> PARA BAIXAR PROGRAMAS PARA OUVIR O AUDIO</p> <p>Já deixar uma atividade explicando que o próximo passo será a escrita do trabalho de conclusão da disciplina e explicar como se dará a formação das duplas. No próximo fórum, os alunos já têm que saber como devem se portar. ALUNOS SE APRESENTAREM QUANTO A SUA FORMAÇÃO. PARA FORMAR DUPLA: UM HISTORIADOR E UM SOCIOLOGO.</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 6</b> 14h 7 dias</p>	<p>Artigo 1</p>	<p>Etapa I Introdução</p>	<p>Escrever o escopo/introdução do trabalho de conclusão de curso</p>	<p><b>Atividade 30:</b> assistir ao vídeo de escrita científica <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> youtube <i>Link:</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW">https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW</a> <b>Duração:</b> 27:13</p> <p><b>Atividade 32:</b> <b>Ferramenta:</b> artigos <b>Mídia:</b> pasta</p>	<p><b>Atividade 29:</b> formação de duplas <b>Ferramenta:</b> escolha de grupo <b>Mídia:</b> não se aplica <b>Avaliativa:</b> não <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 31:</b> Interação entre os alunos <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnostica) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 33 :</b> Escrita do artigo <b>Ferramenta:</b> Wiki <b>Mídia:</b> página <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 34:</b> Entrega do escopo do trabalho <b>Ferramenta:</b> Tarefa <b>Mídia:</b> .doc ou .pdf <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 6 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 7</b> 14h 7 dias</p>	<p>Artigo 2</p>	<p>Etapa II Desenvolvimento</p>	<p>Escrever o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso</p>	<p><b>Atividade 35:</b> assistir ao vídeo de escrita científica <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> youtube <i>Link:</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=exM8rHnvp7c&amp;index=3&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW">https://www.youtube.com/watch?v=exM8rHnvp7c&amp;index=3&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW</a> Duração: 31:05</p> <p><b>Atividade 37:</b> assistir ao vídeo de escrita científica <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> youtube <i>Link:</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=-awveTSmmIM&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW&amp;index=4">https://www.youtube.com/watch?v=-awveTSmmIM&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0T1SozFW&amp;index=4</a> Duração: 27:42</p> <p><b>Atividade 41:</b> <b>Ferramenta:</b> artigos <b>Mídia:</b> pasta</p>	<p><b>Atividade 36:</b> Interação entre os alunos <b>Ferramenta:</b> forum <b>Mídia:</b> <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 38:</b> Escrita do artigo <b>Ferramenta:</b> Wiki <b>Mídia:</b> página <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 40:</b> Entrega do desenvolvimento do trabalho <b>Ferramenta:</b> Tarefa <b>Mídia:</b> .doc ou .pdf <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 6 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p align="center"><b>Aula 8</b> 14h 7 dias</p>	<p align="center">Artigo 2.1</p>	<p align="center">Etapa II.I Desenvolvimento II</p>	<p align="center">Escrever o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso</p>	<p><b>Atividade 42:</b> assistir ao vídeo de escrita científica <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> youtube <i>Link:</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=FnQt4be0WCk&amp;index=6&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0TISozFW">https://www.youtube.com/watch?v=FnQt4be0WCk&amp;index=6&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0TISozFW</a> Duração: 29:17</p> <p><b>Atividade 44:</b> assistir ao vídeo de escrita científica <b>Ferramenta:</b> página <b>Mídia:</b> youtube <i>Link:</i> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=4ZLg8GABq3Q&amp;index=8&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0TISozFW">https://www.youtube.com/watch?v=4ZLg8GABq3Q&amp;index=8&amp;list=PLkRY1UknxTS0exb3ccUBJS1_e0TISozFW</a> Duração: 33:59</p> <p><b>Atividade 47:</b> <b>Ferramenta:</b> artigos <b>Mídia:</b> pasta</p>	<p><b>Atividade 43:</b> Interação entre os alunos <b>Ferramenta:</b> fórum/depoimento <b>Mídia:</b> <b>Avaliativa:</b> Sim (diagnóstica) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 45: wiki</b> <b>Mídia:</b> página <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 46:</b> Entrega do desenvolvimento do trabalho <b>Ferramenta:</b> Tarefa <b>Mídia:</b> .doc ou .pdf <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 6 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 9</b> 14h 7 dias</p>	<p>Artigo 3</p>	<p>Etapa III Conclusão</p>	<p>Escrever a conclusão do trabalho de conclusão de curso</p>	<p><b>Atividade 48:</b> <b>Ferramenta:</b> artigos <b>Mídia:</b> pasta</p>	<p><b>Atividade 49:</b> Interação entre os alunos <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 2 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 50:</b> Escrita do artigo <b>Ferramenta:</b> Wiki <b>Mídia:</b> página <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor:</b> 2 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 51:</b> Entrega da conclusão do trabalho <b>Ferramenta:</b> Tarefa <b>Mídia:</b> .doc ou .pdf <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 6 <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 10</b> 6h 7 dias</p>	<p>Artigo 4</p>	<p>Etapa IV</p>	<p>Apresentar texto pronto</p>	<p><b>Não há</b></p>	<p><b>Atividade 52:</b> Interação entre os alunos <b>Ferramenta:</b> fórum <b>Mídia:</b> <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor: 1</b> <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 53: Ajustes finais</b> <b>Ferramenta:</b> <i>wiki</i> <b>Mídia:</b> página <b>Avaliativa:</b> Sim (formativa) <b>Valor: 1</b> <b>Peso:</b> 1 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 54:</b> Entrega final do texto <b>Ferramenta:</b> Tarefa <b>Mídia:</b> .doc ou .pdf <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor: 9</b> <b>Peso:</b> 2 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>HÁ NECESSIDADE DE APRESENTAÇÃO? A PARTIR DE ENTÃO, COMO SE DARÁ A APLICAÇÃO DO CURSO PARA O ALUNO DO ENSINO MÉDIO?</b></p>

Aula/Semana (período)	Unidade (Tema principal)	Subunidades (Subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e mídias/ferramentas de EaD	Atividades práticas e mídias/ferramentas de EaD
<p><b>Aula 11</b> 30 min. 7 dias</p>	<p>Apresentação dos resultados</p>		<p>Analisar conhecimento obtido</p>	<p><b>Não há</b></p>	<p><b>Atividade 55:</b> Apresentação da dupla <b>Ferramenta:</b> <i>hangout</i> <b>Mídia:</b> <i>Google</i> <b>Avaliativa:</b> Sim (somativa) <b>Valor:</b> 10 <b>Peso:</b> 2 <b>Duração:</b> 7 dias</p> <p><b>Atividade 56:</b> Apresentação institucional <b>Ferramenta:</b> <b>questionário</b> <b>Mídia:</b> <b>página</b> <b>Avaliativa:</b> não <b>Duração:</b> 7 dias</p>

Perceba que, no caso desse curso, propõe-se 56 atividades que abrangem todos os estilos de aprendizados representados na Figura 1, para atender a um público que aprende de forma heterogênea e para o qual se espera encontrar ao menos os grupos como demonstrado a seguir:

ESTILOS DE ENSINO CORRESPONDENTES A CADA ESTILO DE APRENDIZAGEM	
Estilos de aprendizagem preferida	Estilo de ensino correspondente
Sensitivo	Percepção Concreto Conteúdo
Intuitivo	
Visual	Informação Visual Apresentação
Verbal	
Indutivo	Organização Indutivo Organização
Dedutivo	
Ativo	Processamento Ativo Participação dos estudantes
Reflexivo	
Sequencial	Compreensão Sequencial Perspectiva
Global	

Figura 1 – Estilos de ensino correspondentes à aprendizagem

Fonte: OLIVEIRA, s.d.

O centro de produções técnicas apresenta uma tabela síntese sobre os estilos de aprendizagem em relação aos vários tipos de ensino (OLIVEIRA, s.d.). Após análise desta figura e leituras realizadas sobre o tema aprendizagem, foi possível perceber que a melhor estratégia para o planejamento de uma aula é a utilização da combinação de trocas de experiências, sínteses escritas dessas trocas produzidas com atuação mútua dos participantes, encontros virtuais e/ou presenciais, a critério do aluno, com ferramentas e materiais diversos (inclusive tecnológicos). Essa diversidade permitirá aos professores-alunos se desenvolverem em atividades que explorem diferentes estilos. Dessa forma,

mediante essa perspectiva, pode-se dizer que a aprendizagem decorre da consciência da necessidade de mobilizar recursos pessoais e sociais, internos e externos, para garantir determinados objetivos claramente definidos.[...] O adulto nesta condição reconhece a inter e heteroformação, ou seja, de se engajar em grupos de discussão em seu ambiente de trabalho, para participar de cursos, seminários, congressos e demais espaços de reflexão (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 20);

Além disso, uma sequência de atividades pode abordar um mesmo tema diversificando-o, o que melhorará o aproveitamento dos alunos devido à exploração de diferentes estilos que colaborarão para o aprimoramento e aprofundamento de ideias ancoradas na experiência do adulto professor e significadas por meio da linguagem. (PLACCO; SOUZA, 2006, p. 24).

O uso das TICs tem se ampliado no ambiente educacional na tentativa de tornar mais atrativas as aulas no ensino fundamental e médio. Cada vez mais, o profissional que atua na área educacional necessita de formação específica a fim de atender essa clientela conhecida como geração Y. A velocidade da informação, somada à monotonia do espaço escolar e ao desinteresse do educando na escola regular, traz à tona uma nova forma de estudar que alia necessidade de formação a horários flexíveis, o que culminará em uma nova clientela: estudantes virtuais.

Durante as descrições das atividades, no mapa de atividade, são inseridas as ferramentas (*fórum*, exercícios, cruzadinha, tarefa, *wiki*, glossário etc.) e recursos (vídeo, *hyperlink*, hipertexto, áudio, extensões de arquivos) que cada atividade utilizará. Essas atividades pretendem atender a um público heterogêneo no que se refere aos vários estilos de aprendizagem.

<b>Ferramenta</b>	<b>Atividades</b>	<b>Porcentagem</b>
Perfil	18	3.5%
Fórum	13, 15, 20, 27, 31, 36, 44, 49, 52	30%
Glossário	28	3.5%
Formação de grupos	29	3.5%
Tarefa	10, 34, 40, 46, 51, 54	20%
Questionário	1, 2, 3 e 6	9%
Wiki	14, 33, 38 45, 50 e 53	20%
<i>Hot potatoes</i>	26	3.5%
<i>Mensagem</i>	6	3.5%
<i>Hangout</i>	55	3.5%
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Tabela 1- Tipos de avaliação das atividades práticas.

Fonte: o autor

É importante identificar também qual o tipo de avaliação estará presente em cada aula, os seus respectivos valor e peso, e duração para a realização de todas as atividades propostas, em dias. O quadro 5 mostra os tipos de avaliações presentes em cada aula.

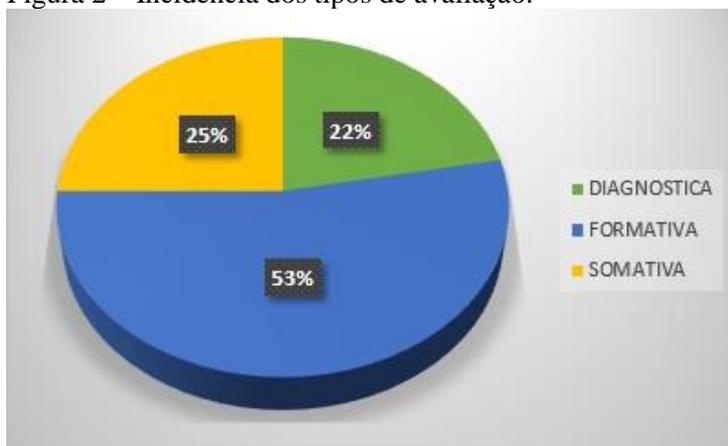
Quadro 5- Tipos de avaliação das atividades práticas.

AULA	ATIVIDADES PRÁTICAS	TIPOS DE AVALIAÇÃO
1	Questionário 1	Diagnóstica
	Questionário 2	Diagnóstica
	Questionário 3	Diagnóstica
2	Completar perfil	Diagnóstica
	Enviar mensagem	Diagnóstica
3	Fórum.	Formativa
	<i>Wiki.</i>	Formativa
4	Fórum	Formativa
	Fórum	Formativa
5	<i>Hotpotatos</i>	Somativa
	Fórum	Não avaliativa
	Glossário	Formativa
6	Formação de duplas	Não se aplica
	Fórum	Diagnóstica
	<i>Wiki</i>	Formativa
	Tarefa	Somativa
7	Fórum	Formativa
	<i>Wiki</i>	Formativa
	Tarefa	Somativa
8	Fórum	Diagnóstica
	<i>Wiki</i>	Formativa
	Tarefa	Somativa
9	Fórum	Formativa
	<i>Wiki</i>	Formativa
	Tarefa	Somativa
10	Fórum	Formativa
	<i>Wiki</i>	Formativa
	Tarefa	Somativa
11	<i>Apresentação Hangout</i>	Somativa

Fonte: o autor

O gráfico, a seguir, mostra a porcentagem relacionada ao tipo de avaliação utilizada no decorrer do curso. Observa-se que a maior parte do curso visa à avaliação formativa e esta baseia-se na teoria de aprendizagem do adulto em que as atividades ocorrem por meio de trocas de informações e resignificação de conceitos já aprendidos pelo adulto em sua vida.

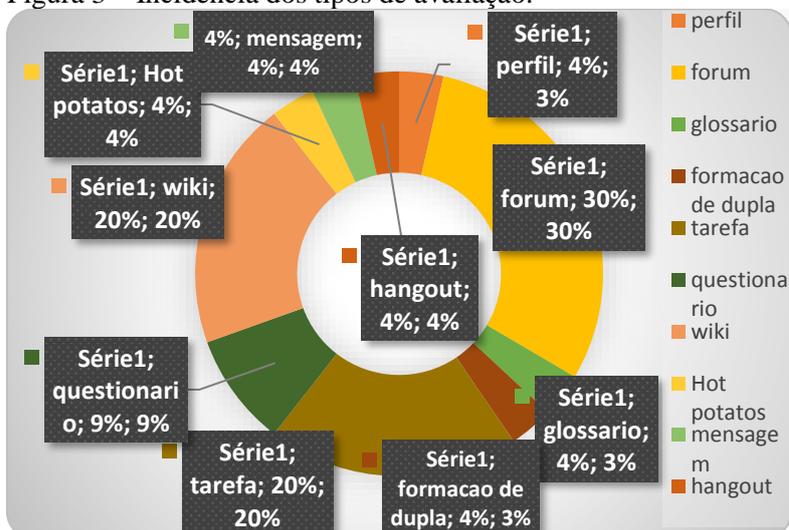
Figura 2 – Incidência dos tipos de avaliação.



Fonte: o autor

A Figura 3 mostra o gráfico dos tipos de avaliação no qual observa-se que o curso tem foco nas avaliações formativas e diagnósticas e a avaliação somativa fica restrita à última parte das atividades na forma de simulado.

Figura 3 – Incidência dos tipos de avaliação.



Fonte: o autor

Segundo Filatro (2003), as atividades de um curso EaD devem ser diversificadas, pois, do contrário, o educando pode acabar desmotivado, abandonando o curso. A fim de atender tal recomendação, a equipe de desenvolvimento fez um levantamento dos

possíveis estilos de aprendizagem e pontuou-os de acordo com as atividades propostas, como mostra a Tabela 2.

Na Figura 3, observa-se que o estilo de aprendizagem predominante é o reflexivo, seguido pelo verbal e visual e, finalmente, o global, os quais são norteadores do processo de ensino e aprendizagem do adulto.

Figura 4 Gráfico dos estilos de aprendizagem atividades propostas em relação ao curso



Fonte: O autor

De forma geral o professor-aluno deve aprender com o outro e com o meio, saindo de sua zona de conforto e produzindo conhecimento pautado nessas interações.

Tabela 2 Teorias pedagógicas

	Atividades práticas	Porcentagem
Construtivista	4, 5, 7, 9, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 32, 35, 37, 41, 42, 44, 47 e 48	44,4%
Sociointeracionista	1, 2, 3, 6, 8, 10, 13,14, 15,20, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 36, 38, 40, 45, 46, 44, 49, 50, 51, 52, 53, 54 e 55	55,5%
<b>Total</b>		<b>100%</b>

Fonte: o autor

O curso tem objetivo de fomentar a pesquisa do professor e instigá-lo a analisar o aluno que está na sala de aula em sua totalidade e não apenas como intelecto. A abordagem humanística, também será levada em consideração, tendo a pessoa como o

principal elemento do processo educativo, assim como sua autorrealização e crescimento individual são os aspectos mais importantes desse processo. O professor produzirá conhecimentos e estará pronto para os questionamentos levantados pelos alunos, quando surgirem novas possibilidades desse tipo de construção na sala de aula. Alcançaríamos, com essa postura, uma educação como um instrumento político de conscientização, como sempre defendeu o educador brasileiro Paulo Freire.

Segundo VIGOTSKI (2003) e a teoria sócio-interacionista, “a interação social é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, e o meio no qual isso ocorre seria formador de funções psicológicas” uma vez que, variando o ambiente social, o desenvolvimento também variará”. Assim, sugerimos a interação entre professores de diferentes áreas pois, nos viveres que trazem consigo – sua bagagem intelectual e de vivência –, poderão corroborar para o desenvolvimento tanto do educador quanto de seus pares.

VIGOTSKI (2000, p. 105) afirma ainda que o desenvolvimento é visto como domínio dos reflexos condicionados, não importando se o que se considera é a leitura, a escrita ou a aritmética, isto é, o processo de aprendizado está completo e inseparável do processo de desenvolvimento. Para dar sequência a esse processo, nosso objeto de aprendizagem sugere a produção de textos colaborativos, seja um artigo, como uma forma de reunir todas as sínteses realizadas no processo, ou uma narrativa, em que a imaginação somada ao conhecimento adquirido transformarão fatos históricos em histórias passíveis de serem vivenciadas. Logo,

a escrita pode representar nossas ideias, figurá-las e torná-las acessíveis aos outros e a nós mesmos, mas se concretiza por meio de um processo que exige esforço de concentração, persistência e tenacidade, que varia de pessoa pra pessoa. [...] A escrita coletiva [...] desafia o grupo a desenvolver novas aprendizagens (PLACCO e SOUZA, 2006 p. 49-50).

Além disso, em um ambiente virtual, pode-se estimular esse processo se 3 estilos de aprendizagem forem utilizados: o ativo, reflexivo e o verbal. O conceito de “Zona de Desenvolvimento Proximal”, desenvolvido por Vygotsky, afirma que aquilo que o indivíduo é capaz de fazer em cooperação poderá ser reproduzido futuramente sozinho, significa a distância entre o desenvolvimento real e o potencial, o que está próximo e ainda não foi atingido, sendo que a aprendizagem é uma atividade que necessita de mediação e trocas.

Por meio de atividades mediadas sugeridas a partir desses três conceitos, espontaneamente, serão internalizados pelo educando (o que será internalizado?), que alcançará níveis mais elevados de desenvolvimento no seu processo educacional. No caso do adulto que aprende, ele passa a transformar informações em saberes e essa é a atitude que faz com que conhecimentos sejam construídos. Compreender a importância dessa troca fará com que os alunos ampliem e coloquem em prática diversas teorias aprendidas não somente nesse cursos mas em outros que estarão por vir.

A análise do trabalho com pessoas nos mais variados níveis de experiência demonstra a necessidade de utilizar a memória como suporte para o desenvolvimento daqueles que fazem uso dos estilos visual e verbal de aprendizagem. Tais memórias possibilitam que um adulto professor se oriente no processo de cognição e metacognição. A escrita, neste caso, corrobora para que aquele que escreve possa analisar sua prática de forma mais distanciada, porém, revivendo-a. Fazer esse exercício baseado na forma que seus alunos aprendem oportunizará a que o professor possa atuar como facilitador consciente do processo de construção de conhecimento por parte dos alunos.

Essa tomada de consciência é outro dos objetivos do curso aqui apresentado, pois o professor, que aqui é aluno, pode realizar todas essas análises em um ambiente controlado, livre de amarras e com outros iguais. Assim, ele está na posição do aluno, não são necessárias representações e nem construções ideais, nosso processo parte do fato histórico, sim, mas as inferências desse professor são fundamentais no processo e elas devem ser instigadas a todo tempo. Abaixo, seguem os recursos utilizados para que esse processo seja desenvolvido de forma diversificada e prazerosa para os educadores que participarão de nossa proposta.

Tabela 3 Tipos de recursos utilizados.

<b>Mídia</b>	<b>Atividades</b>	<b>Porcentagem</b>
Vídeo	7, 30, 35, 37, 42, 44	25%
Livro digital	11	4%
Áudio	22, 23 e 24	13%
Arquivo .doc ou .pdf	4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19 e 21	37,5%
Hipertexto	25	4%

Pasta	32, 41, 47 e 48	16%
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100%</b>

Fonte: o autor

### 4.3.2 Storyboards

O *Storyboard* (SB) é uma ferramenta que possibilita um registro por meio de desenhos, gráficos e tabelas de como determinado conteúdo deve ser disponibilizado. No caso de um curso na modalidade *EaD*, o SB possibilita que a equipe de desenvolvimento consiga compreender como o *design* instrucional espera que o curso seja desenvolvido. O SB pode ser composto de desenhos bastante simples ou ainda podem ser mais complexos. No corpo, é possível visualizar orientações que devem ser seguidas pela equipe a fim de desenvolver aquilo que lhe foi solicitado.

Dessa forma, segundo Oliveira (s.d. ) um SB é um filme contado em quadros, ou seja, é a transformação de um roteiro em uma história em quadrinhos, mas, com um detalhe importante, “apesar da semelhança de linguagem e recursos gráficos, uma história em quadrinhos é a realização definitiva de um projeto, enquanto que um *storyboard* é apenas uma etapa na visualização de algo que será realizado em outro meio”. A seguir, serão apresentados os *storyboards* desenvolvidos até o momento, vale ressaltar que, neste caso, são os *prints* das telas do curso:

Figura 5 – Página inicial do curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG WayCO  
chegg-wayco.appspot.com/#/questo

## Janaina dos Reis Alves

Painel Personalizar esta página

Arquivos privados  

Nenhum arquivo disponível

[Gerenciar arquivos privados...](#)

Visão geral dos cursos  

### Representações da mulher Ibérica na Idade Média

 Você tem Diários que precisam de atenção

Navegação 

Próximos eventos  

Não há nenhum evento próximo

[Calendário...](#)  
[Novo evento...](#)

Calendário  

junho 2016

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Fonte: O autor

Figura 6 – Antes de começar – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The screenshot shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica. The user 'Janaina dos Reis Alves' is logged in, with a profile picture and a dropdown arrow. The course title 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média' is prominently displayed, with an 'Ativar edição' button to its right. On the left, a navigation sidebar contains sections for 'NAVEGAÇÃO', 'PARTICIPANTES', and 'ATIVIDADES'. The 'ATIVIDADES' section lists various tools like 'Atividades Hot Potatoes', 'Chats', 'Diários', 'Fóruns', 'Glossários', 'Pesquisa', 'Recursos', 'Tarefas', and 'Wikis'. The main content area features a horizontal menu with items: '... Antes de iniciar ...', 'Semana 1 Apresentação', 'Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD', 'Aula teste/usabilidade', 'Semana 3 Público e Privado na Idade Média.', 'Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa', 'Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I', 'Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I', 'Semana 9', 'Avaliação Instrucional', and 'Tópico 10'. Below this menu, 'Tópico 11' is highlighted. The main text area contains instructions: 'Clique nos questionários e participem da construção do curso, trata-se de suas preferências quanto aos usos da internet. Os questionários podem ser respondidos em dias alternados porém, uma vez iniciado execute-o até que tela Concluir. Observação: todas as questões são obrigatórias. Questionário 1 \_ tempo de duração: 4min\_ teste 09 questões. Questionário 2 \_ tempo de duração: 5min\_ teste 13 questões. Questionário 3 \_ tempo de duração: 10a 15 min\_ dissertativas\_ 07 questões. Prazo para realização da atividade: (Uma semana) de 23/11/2015 a 30/11/2015'.

Fonte: O autor

Figura 7 – Antes de começar sequência – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica Janaina dos Reis Alves

Prazo para realização da atividade: (Uma semana) de 23/11/2015 a 30/11/2015

**Objetivo de aprendizagem:** Fazer levantamento sobre interesse e opinião dos alunos.  
**Critérios de avaliação:** Avaliação diagnóstica. **30 pontos, 10 para cada questionário.**

- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .

Respondeu????  
Vamos ao curso então!!  
**Bons estudos!!!**

 Fórum de notícias  
 Fórum de notícias  
 Fórum social



Fonte: O autor

Figura 8 – Apresentação do Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The screenshot shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança Feminina na Realidade Ibérica / Semana 1 Apresentação. The user's name, Janaina dos Reis Alves, is visible in the top right corner. The course title, 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média', is prominently displayed at the top left, with an 'Ativar edição' button to its right. A left-hand navigation menu includes sections for 'NAVEGAÇÃO', 'PARTICIPANTES', 'ATIVIDADES' (listing activities like Hot Potatoes, Chats, Diários, Fóruns, Glossários, Pesquisa, Recursos, Tarefas, Wikis), 'ATIVIDADE RECENTE', 'PESQUISAR NOS FÓRUMS', 'MEUS CURSOS' (showing the current course), 'ÚLTIMAS NOTÍCIAS', and 'PRÓXIMOS EVENTOS'. The main content area features a breadcrumb trail: ... Antes de Iniciar ... > **Semana 1 Apresentação** > Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD > Aula teste / usabilidade. Below this, a list of other weeks is shown: Semana 3 Público e Privado na Idade Média, Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa, Semana 6 - Contextualização - Novela nobilitária - Urraca I, Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I, Semana 9 - Avaliação Instrucional, Tópico 10, Tópico 11. The main content area contains a list of items: 'O presente curso visa...', 'Objetivos...', 'Espectativas...', 'Como serão as atividades...', 'Sobre prazos...', 'Chat semanal...', 'Tema a ser abordado...', 'Motivação para tal estudo...', 'Sobre pesquisa na internet...', and 'Seu progresso'. Under 'Seu progresso', there are several items with checkboxes: 'Cronograma previsto', 'Informações importantes', 'Fórum de notícias - professores informam!!!', 'Café virtual- alunos interagem!!', 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome', and 'Atividade \_\_\_\_ Como enviar Mensagem no Moodle'. At the bottom of the page, there is a footer with a link to Moodle documentation, the user's name and 'Sair' option, and a 'Página Inicial' link.

Fonte: O autor

Figura 9 – Semana 1 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The image shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: 'MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Patrot / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica / Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD'. The course title is 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média'. A user profile for 'Janaina dos Reis Alves' is visible in the top right corner.

The left sidebar contains several menu items: 'NAVEGAÇÃO', 'PARTICIPANTES', 'ATIVIDADES' (with sub-items like 'Atividades Hot Potatoes', 'Chats', 'Diários', 'Fóruns', 'Glossários', 'Pesquisa', 'Recursos', 'Tarefas', 'Wikis'), 'ATIVIDADE RECENTE', 'PESQUISAR NOS FÓRUMS', 'MEUS CURSOS' (showing 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média'), 'ÚLTIMA NOTÍCIAS', and 'PRÓXIMOS EVENTOS'.

The main content area features a navigation bar with links for 'Semana 1 Apresentação', 'Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD', and 'Aula teste/usabilidade'. Below this, there are links for 'Semana 3 Público e Privado na Idade Média', 'Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa', 'Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Lirraça I', and 'Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Lirraça I', 'Semana 9 - Avaliação Instrucional', 'Tópico 10', and 'Tópico 11'.

The main text area contains a welcome message: 'Bem-vindo ao curso A Mulher na Idade Média! Esperamos que você aproveite e se entusiasme cada vez mais com essa modalidade de ensino que, na atualidade, tem se mostrado tão importante para o processo de ensino-aprendizagem. Hoje, na Aula 3 do curso, você conhecerá um pouco do ambiente virtual de aprendizagem Moodle e já começará a desenvolver algumas pequenas atividades. Inicialmente, para quem não conhece ou nunca ouviu falar no Moodle, assista a um pequeno vídeo (Atividade \_\_), elaborado por meio de colagens e linguagem simples, e disponibilizado na Rede Paulista de Inovação em Governo - (GovSP). Em seguida, para fazer parte do nosso Moodle, é hora de elaborar o seu Perfil. Para isso, siga as orientações da Atividade \_\_. Posteriormente, faça a leitura do texto oferecido pela Atividade \_\_ sobre "Comunicação no ambiente virtual de aprendizagem". Após adquirir um conhecimento inicial sobre a importância da comunicação, participe da Atividade \_\_. Essa atividade é muito interessante e você começará a se relacionar com os demais cursistas. Leia as orientações até o final! Siga sempre as orientações e tire dúvidas com os tutores que o acompanhará em toda a disciplina. Outra coisa: foi aberto um Fórum de Dúvidas para que todos possam compartilhar as dúvidas e soluções desta aula! Boa aula! 😊 -- ATENÇÃO - A próxima aula (Aula 4) será disponibilizada no dia \_\_/\_\_/\_\_ (\_\_\_\_, feira). Seu progresso'.

Below the text is a 'Seu progresso' section with a list of items and checkboxes: 'Vídeo Inicial sobre Moodle', 'Modificar perfil', 'Comunicação em EaD', '"Cinco características"', 'Chat semanal data/hora', 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome', 'Vídeo Inicial sobre Moodle', and 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome'.

At the bottom of the page, there is a footer with 'Documentação de Moodle relativa a esta página', 'Você acessou como Janaina dos Reis Alves (Sair)', and 'Página Inicial'.

Fonte: O autor

Figura 10 – Semana 2 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The image shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: "MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica / Semana 1 Público e Privado na Idade Média". The user's name, "Janaina dos Reis Alves", is in the top right corner. The main title of the course is "Representações da mulher Ibérica na Idade Média".

On the left side, there is a navigation menu with sections: "NAVEGAÇÃO", "PARTICIPANTES", "ATIVIDADES" (listing activities like Hot Potatoes, Chats, Diários, Fóruns, Glossários, Pesquisa, Recursos, Tarifas, Wikis), "ATIVIDADE RECENTE", "PESQUISAR NOS FÓRUMS", "MEUS CURSOS" (showing the current course), "ÚLTIMA S NOTÍCIAS", and "PRÓXIMOS EVENTOS".

The main content area shows a progress bar for "Semana 4" with the text "Seu progresso". Below this, a list of activities is shown with checkboxes: "Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/ nome", "Chat semanal Data/hora", "Leitura da semana", "Fórum de interação atividade wiki", and "Construção de Texto colaborativo". There are also two forum links: "Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/ nome" and "Fórum de interação atividade wiki".

At the bottom of the page, there is a link for "Documentação de Moodle relativa a esta página", the user's login information "Você acessou como Janaina dos Reis Alves (Sair)", and a "Página inicial" link.

Fonte: O autor

Figura 11 – Semana 4 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The image shows a Moodle course page. At the top, the breadcrumb trail reads: "MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica / Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa". The user's name, "Janaina dos Reis Alves", is in the top right corner. The course title, "Representações da mulher Ibérica na Idade Média", is prominently displayed at the top left of the main content area, with an "Alterar edição" button to its right. A navigation bar below the title shows a sequence of weeks: "Antes de Iniciar", "Semana 1 Apresentação", "Semana 2 Capacitação em ambiente virtual para EaD", "Aula teste/usabilidade", "Semana 3 Público e Privado na Idade Média", "Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa" (highlighted), "Semana 5 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I", and "Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I", "Semana 9 Avaliação Instrucional", "Tópico 10", and "Tópico 11". The main content area is titled "Semana 5 Seu progresso" and contains a list of activities with checkboxes: "Chat semanal Data/hora", "Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome", "Leitura da semana", "A construção de uma Didática da História; algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino", "Reflexões", "Reflexões sobre os filmes", "Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome", and "Trabalho em dupla". Below this list, navigation arrows point to "Semana 3 Público e Privado na Idade Média" and "Semana 5 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I". The footer contains a link to "Documentação de Moodle relativa a esta página", the user's login information "Você acessou como Janaina dos Reis Alves [Sair]", and a "Página Inicial" link.

Fonte: O autor

Figura 12 – Semana 6 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The image shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: 'MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica / Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica...'. The user's name 'Janaina dos Reis Alves' is visible in the top right corner. The main title of the course is 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média'. A navigation bar below the title shows a sequence of weeks: '... Antes de iniciar ...', 'Semana 1 Apresentação', 'Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD', 'Aula teste/usabilidade', 'Semana 3 Público e Privado na Idade Média', 'Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa', 'Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I', 'Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I', 'Semana 9', 'Avaliação Instrucional', 'Tópico 10', and 'Tópico 11'. The current week, 'Semana 6', is expanded to show a list of activities: 'Sou progresso', 'Chat semanal Data/hora', 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome', 'Leitura da semana', 'Audio da semana', 'Texto base para realizar a Cruzadinha', 'Cruzadinha', and 'Contextualizando...'. Below this list, there are navigation arrows for 'Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa' and 'Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I'. On the left side, there is a sidebar with sections: 'NAVEGAÇÃO', 'PARTICIPANTES', 'ATIVIDADES' (listing 'Atividades Hot Potatoes', 'Chats', 'Diários', 'Fóruns', 'Glossários', 'Pesquisas', 'Recursos', 'Tarifas', 'Wikis'), 'ATIVIDADE RECENTE', 'PESQUISAR NOS FÓRUMS', 'MEUS CURSOS' (showing 'Representações da mulher ibérica na idade Média'), 'ÚLTIMA S NOTÍCIAS', and 'PRÓXIMOS EVENTOS'. At the bottom of the page, there is a footer with 'Documentação de Moodle relativa a esta página', 'Você acessou como Janaina dos Reis Alves (Sair)', and 'Página inicial'.

Fonte: O autor

Figura 13 – Semana 7 e 8 – Curso Representações da Mulher Ibérica na Idade Média

The image shows a Moodle course interface. At the top, the breadcrumb trail reads: MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Pánel / Graduação / Ciência da Computação / Governança Feminina na Península Ibérica / Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro... The user's name, Janaina dos Reis Alves, is in the top right corner. The course title is 'Representações da mulher Ibérica na Idade Média'. A left sidebar contains navigation menus: 'NAVEGAÇÃO', 'PARTICIPANTES', 'ATIVIDADES' (listing Hot Potatoes, Chats, Diários, Fóruns, Glossários, Pesquisa, Recursos, Tarefas, Wikis), 'ATIVIDADE RECENTE', 'PESQUISAR NOS FÓRUNS', 'MEUS CURSOS', 'ÚLTIMA S NOTÍCIAS', and 'PRÓXIMOS EVENTOS'. The main content area shows a progress bar with the following items: '... Antes de Iniciar ...', 'Semana 1 Apresentação', 'Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD', 'Aula teste/usabilidade', 'Semana 3 Público e Privado na Idade Média...', 'Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa', 'Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I', and 'Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I'. Below this, the 'Semana 7' section is expanded, showing a 'Sou progresso' icon and a list of activities with checkboxes: 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome', 'Chat semanal Data/hora', 'Orientação para formação de dupla', 'Leitura da semana', 'Trabalho em dupla', 'Fórum de interação entre as duplas', 'Elaboração de artigo acadêmico', 'Artigo acadêmico', and 'Fórum de dúvidas permanente - Pólo - Tutor/nome'. At the bottom, there is a footer with 'Documentação de Moodle relativa a esta página', 'Você acessou como Janaina dos Reis Alves (Sair)', and 'Página Inicial'.

Fonte: O autor

Figura 14 – Semana 11 – Avaliação Instrucional

MOODLE 1 - CEAD UNIFAL - MG / Painel / Graduação / Ciência da Computação / Governança feminina na Península Ibérica / Avaliação Instrucional Janaína dos Reis Alves

## Representações da mulher Ibérica na Idade Média

[Alterar edição](#)

---

... Antes de Iniciar ... [Semana 1 Apresentação](#) [Semana 2 - Capacitação em ambiente virtual para EaD](#) [Aula teste/usabilidade](#)

[Semana 3 Público e Privado na Idade Média...](#) [Semana 4 - Papel da Mulher aristocrata e camponesa](#) [Semana 6 - Contextualização - Novela nobiliárquica - Urraca I](#)

[Semanas 7 e 8 - Relações consanguíneas - primeiro e segundo matrimônios de Urraca I](#) **[Semana 9](#)** [Avaliação Instrucional](#) [Tópico 10](#) [Tópico 11](#)

---

Avaliação Instrucional  
Sou progresso

[Atividade final - Avaliação do Curso](#)

---

← [Semana 9](#) [Tópico 10](#) ►

---

[Documentação de Moodle relativa a esta página](#)  
Você acessou como [Janaína dos Reis Alves](#) (Sair)  
[Página inicial](#)

Fonte: O autor

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sexo frágil, exemplo de mulher ibérica e medieval, governante, governada, tanta diversidade em uma figura histórica que precisamos nos afastar da historiografia dos *Annales* para tentar compreender o papel de Urraca I como monarca dos reinos de Leão e Castela durante a primeira metade do século XII. Apesar dos inúmeros questionamentos, há quem ainda se pergunte sobre o lugar das mulheres nas sociedades medievais. Sabemos da impossibilidade de concluir um tema tão vasto, não temos respostas definitivas a respeito desse lugar nessas sociedades. Nossa caminhada só se iniciou, temos mais perguntas do que quando começamos, porém, descobrimos novos caminhos a serem trilhados.

Ao olhar a documentação espanhola coetânea a Urraca I, percebemos que a rainha enfrentou a corte, a aristocracia episcopal, a família e, ainda, foi mãe, esposa e amante, tendo essas atividades em condição complementar e não antagônica. Dessa forma, a rainha participava ativamente das tomadas de decisão dos assuntos relacionados ao seu reino, não delegava as funções que lhe cabiam, fazia valer suas vontades e os registros de sua história mostram isso.

Logo, a *Historia Compostelana* não faz jus a sua atuação na qualidade de rainha. Ler as entrelinhas da obra, comparar com outras crônicas, analisar a historiografia das mulheres nos mostra que, apesar do desejo de diminuir a atuação dessa rainha – postura própria do período – ,atuou cerca de 16 anos. Mesmo que a *Historia Compostelana* trabalhe com uma perspectiva de governo transitório, essa atuação como monarca nada teve de provisório, mostrando que a escolha da *Historia Compostelana* se deu justamente por ocultar aspectos relevantes da atuação de Urraca I nos reinos de Leão e Castela e por se tratar de uma obra encomendada pelo bispo de Santiago para promoção e legitimação da Diocese de Compostela.

Mas se a obra não quer enaltecer os feitos de Urraca, sabendo que sua imagem poderia ser denigrada, por que utilizá-la? Porque nela o desempenho da governante Urraca se iguala ao de seu pai. Em nenhum momento, a HC questiona a legitimidade de Urraca em assumir o trono leonês, o que ocorre é que a obra não consegue apagar ou ocultar completamente a atuação de Urraca de 1109 a 1126. Assim, é possível perceber uma tentativa de diminuir a atuação da rainha, relacionando a fragilidade da mulher e o ato de governar. E isso nos intrigou durante toda a pesquisa.

Então, questiona-se: como seria possível diminuir o papel de uma mulher sem deslegitimá-la? Buscamos os principais interesses dos escritores da *Historia Compostelana* em fazer com que a rainha fosse uma figura pouco confiável e transitória. Percebemos que, durante

o processo de legitimação da diocese de Santiago, como instituição, a rainha teve sua imagem apresentada como fragilizada, inconstante e que, durante boa parte de seu desempenho, dependia de sua parceria com o bispo. Em contrapartida, a figura do senhoril episcopal – Gelmírez – é apresentada como grande protetor do pequeno rei e reino. Tal proteção corrobora na institucionalização da Igreja de Santiago de Compostela e em sua elevação à condição de diocese.

Na busca por respostas quanto às motivações das representações, nos deparamos com pesquisadores que muito contribuíram para a compreensão das múltiplas visões historiográficas que Urraca assumiu na historiografia do século XX. Para tanto, pesquisadores como Carmen Pallares e Gordo Angél Gordo Molina tem desempenhado um importante papel de recondicionar o papel histórico dessa rainha e suas pesquisas ampliam nossos horizontes, principalmente quanto às funções desempenhadas pelas monarcas durante a alta Idade Média. As mulheres, segundo esses pesquisadores, assumem diferentes papéis, tanto no público quanto no privado, e fazem valer suas vontades como governantes.

Tal percepção alcançamos quando utilizamos o gênero como categoria de análise. Com o gênero, caminhamos um pouco mais rumo ao entendimento dos papéis dessas mulheres. Até a década de 1970, esbarramos na condição de que a história das mulheres era escrita por homens, e, com isso, os historiadores dos períodos afirmavam ser muito difícil visualizar a atuação feminina durante a Idade Média porque a mulher não era representada pela própria mulher.

Desse modo, o mestrado em História Ibérica nos possibilitou perceber sutis modificações ocorridas ao longo da história. Mulheres falando de mulheres pode parecer clichê. Mas, ao perguntarmos qual o lugar da mulher, o seu papel na sociedade, nos fez voltar o olhar para as produções historiográfica e perceber as limitações impostas pelo contexto de composição das narrativas das quais nos servimos. Assim como elas, também somos mães, professoras, tias e esposas, desempenhando inúmeros papéis sociais. Nesse processo percebemos que a mulher é uma figura que representa tanta diversidade que não é possível ser “a Mulher”.

Na qualidade de objeto de estudo da historiografia medieval, a mulher foi comparada a exemplo bíblico como Eva, Maria e Madalena. Foi fragilizada para depois ganhar sua própria história: a História das mulheres. Essa história não alcançou a profundidade da figura feminina, esbarrou no sexo e esse conceito tornou-se limítrofe na definição desse ser social. Notamos que a mulher só era analisada quando e se comparada aos homens e nova motivação nos fez ir para além do sexo como categoria de análise. Ao caminhar por essa estrada historiográfica

esbarramos no feminismo, percebemos como a mulher buscou seu espaço entre os homens e, no momento em que nos perguntamos: “Para obter sucesso o feminino necessita se masculinizar?”, percebemos que o importante não era o sexo, mas sim os papéis desempenhados por essas figuras históricas nos espaços públicos. O gênero, como categoria de análise, deu novo fôlego à nossa busca que não para por aqui, esta dissertação é somente o início de nossa caminhada.

Em razão disso, esta pesquisa foi fundamental para nosso desenvolvimento profissional. Esse tipo de análise deve sair da universidade e alcançar os bancos escolares – palavra de professora! Existem diversos conceitos apresentados na escola que são difíceis de serem desconstruídos, logo: “Há papel que é só de mulher ou papel só de homem?” e “Para ser bem sucedida em espaços predominantemente masculinos, a mulher necessita se masculinizar?”. Perguntas como essas podem movimentar a construção do conhecimento histórico por parte dos alunos e dos professores, por isso a iniciativa de trabalhar com um plataforma gratuita como o *Moodle* e com o ensino a distância, a fim de potencializar desdobramentos para a atividade de análise e comparação empreendida durante a pesquisa com as crônicas e a produção da historiografia ibérica sobre Urraca I.

Assim sendo, o curso aqui apresentado, levando em consideração que o professor da educação básica necessita conhecer novos métodos, novos recursos e conseguir aplicar esse conhecimento, se propõe a isso: Em um momento em que percebemos a dificuldade de manter diálogos produtivos em variados ambientes, municiar os alunos de condições adequadas à construção do conhecimento histórico, sendo mais do que obrigação do professorado, mas uma contribuição para a formação de cidadãos críticos transformadores da nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, J. P y. **Las crónicas anónimas de Sahagún, en el Boletín de la Real Academia de la Historia:** tomo 76. Madrid, 1920

\_\_\_\_\_ **Las crónicas anónimas de Sahagún, en el Boletín de la Real Academia de la Historia:** tomo 77, pp. 51–59 y pp. 151–192. Madrid, 1920

ALMEIDA, M. E. B. Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. In: MORAES, M. C. (Org.) **Educação a distância: fundamentos e práticas.** Campinas, SP: NIED/Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_ **O computador na escola: contextualizando a formação de professores.** 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALMEIDA, F. J.; ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância em meio digital: novos espaços e outros tempos de aprender, ensinar e avaliar.** Virtual Educa2003, Miami, USA, 2003.

ALMEIDA, NERI DE BARROS & DELLA TORRE, Robson Murilo Grando. A História eclesiástica de Eusébio de Cesareia à tradição historiográfica clássica. In: TEIXEIRA, Igor Salomão & BASSI, Rafael (org). **A escrita da história na Idade Média.** São Leopoldo: Oikos, 2015

ALSINA, F. L. **La ciudad de Santiago de Compostela en la Alta Edad Media.** USC, Santiago de Compostela, 1988, p. 242-259

ALVARO, Bruno Gonçalves. **Os Caminhos da Consolidação Senhorial-Episcopal Compostelana no século XII.** Revista Mosaico, v. 6, n. 2, p. 169-179, jul./dez. 2013.

ALVES, J. R. M. A história da EAD no Brasil. In: **Educação a Distância o Estado da Arte.** São Paulo: Pearson Education, 2009.

BAPTISTA, A. F; ROSA, C. V. **A importância de uma abordagem construtivista nos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem.** Pedago, 2008, p. 121-175.

BECKER, A M. TRIDADE, C. O. A importância do Design educacional na EaD **In: Anais do IX encontro virtual de documentação em software livre** Belo Horizonte, On-line. v 1, nº 1, 2012

\_\_\_\_\_ A importância do Design educacional na EaD **VI congresso internacional de linguagem e tecnologia** Belo Horizonte, On-line. v 1, nº 1, 2012

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 5. ed. Campinas: 2008.

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOVO, C R. **El tiempo en cuestión: ubicar la Edad Media en la actualidad**. Revista Chilena de Estudios Medievales, no. 11, 2017. (PRELO)

BOVO, C R; DEGAN, A. **As temporalidades recuadas e sua contribuição para a Educação Histórica: o espaço como fonte para a História Antiga e Medieval**. Revista História Hoje, v.6, n.12/Dez.2017. (PRELO)

BRISSON, Thomas N. **La Crisis del Siglo XII**. Barcelona: Critica Barcelona, 2009. p.09-402

BUENO, R P M; SOUZA, C A N. **O Tema da Sexualidade na Longa Idade Média: Concepções de Masculino e Feminino** Disponível em:  
<[http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=210#\\_ftn1](http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=210#_ftn1)> Acesso em: 01 de set. 2015

BURGUIÈRE, A. **A memória do cavaleiro burguês: genealogias domésticos na França nos séculos XVII-XVIII** Annales: ESC, No. 4, 1991

BURKE, Peter(org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CRESCITELLI, M. F. C.; CAMPOS, K. S. R. **A escrita do material didático virtual**. Disponível em:  
<[http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao\\_docentes/escrita\\_mercedes\\_karlene.pdf](http://www.pucsp.br/pos/lgport/downloads/publicacao_docentes/escrita_mercedes_karlene.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2014.

DEMO, P. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DUBY, Georges. O casamento na sociedade da alta Idade Média. In: **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**; tradução Jônatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p.15

FELDER, R.M. e SILVERMAN, L.K. **Learning and teaching styles in engineering education. EngineerEducation**, v. 78, n. 7, p. 156-187, 1988.

FALQUE, E. **História Compostellana**. Corpvs Christianorvm. LXX. Contivatio Medievalis. Tvrnholti Typographi Brepols Editores Pontificii. Brepols, 1988.

\_\_\_\_\_ E, **Historia Compostelana**. Clásicos latinos medievales. Madrid: Akal, 1994

FERREIRA, Maria do Rosário. **Urraca e Teresa: O paradigma perdido**. Disponível em: <[http://ifilosofia.up.pt/gfm/seminar/docs/Urraca e Teresa Marsupio Guarecer\[1\].pdf](http://ifilosofia.up.pt/gfm/seminar/docs/Urraca_e_Teresa_Marsupio_Guarecer[1].pdf)> acesso: 15 de Fev. 2016

FERRAZ, A. P. C. **Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais**. Gestão e Produção, UFSCar, São Carlos, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2014.

FILATRO, A. **Design instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education, 2003.

FLORÉZ, Enrique. **España sagrada. Theatro geographico-historico de la iglesia de España, vol. XX: Historia Compostelana** 2ª ed., Madrid: Marin, 1766 p. 1-598.

FRANCO, L. R. H. R.; BRAGA, D. B.; RODRIGUES, A. **Aplicando dinâmicas virtuais**. Itajubá: UNIFEI, 2006. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/novolivrodigital/geraLivro.php?codLivro=51&cod-Cap=121>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

FOGA, C A S. **Peregrinos, monarcas e bispos: as peregrinações a Santiago de Compostela no contexto da Reforma Papal (séculos XI e XII)**. 2015.Dissertação de mestrado UNESP, Assis, 2015

GALLI, S. **A cruz, a espada e a sociedade medieval portuguesa**. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 1997.

GEARY, P. **O mito das Nações**. São Paulo: Conrad, 2005.

GÓMEZ MARTÍN, M, “Percepciones de género. La reconstrucción de personajes femeninos en la novela histórica española (1981-2010)”, Comunicación presentada al “IV Encuentro de jóvenes investigadores de historiografía”, **"En torno a la novela histórica"**, Universidad de Oviedo, 2011. Disponible em:  
< <http://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/3591/6/1003591.pdf>. Consulta realizada el 18-07-16> Acesso em 15 jul. 2016

GORDO MOLINA, A. **El reinado de la “indomable” reina Urraca I de León. El mito que hace historia. Fuentes, soberanía, prejuicios y religión.** XIII Coloquio Internacional de AEIHM. La Historia de las Mujeres: Perspectivas Actuales. 19-21 Octubre 2006. Facultat de Geografia i Història. Universitat de Barcelona. Barcelona. En prensa.

\_\_\_\_\_. **La reina Urraca I (1109-1126) La práctica del concepto de Imperium Legionense en la primera mitad del siglo XII.** Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo. Excma. Diputación de Zamora. Zamora. 2008 En prensa.

\_\_\_\_\_. Urraca I de León y Teresa de Portugal. Las relaciones de fronteras y el ejercicio de la potestad femenina en la segunda mitad del siglo XII. Jurisdicción, Imperium y Linaje. IIIº Jornadas de Historia de la Cultura “**Fronteras, Territorio e Imaginario**”. In Memoriam Prof. Héctor Herrera Cajas (1930-1997) 3,4 y 5 de Outubro 2007.

GUERREAU-JALABERT, Anita. “Parentesco”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval** . v.II São Paulo: EDUSC, 2006.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Crônica de um gênero histórico.** Revista Diálogos Mediterrânicos, nº 2 – Maio/2012 Revista Diálogos Mediterrânicos ISSN 2237-6585 67 disponível em: [www.dialogosmediterraneos.com.br](http://www.dialogosmediterraneos.com.br) Acesso em: 10 abr. 2017

GURIÉVITCH, A. **As categorias da cultura medieval.** Lisboa: Caminho, 1990, p. 28

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES.** São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.

KLAPISCH-ZUBER, C. **História das mulheres.** vol II. São Paulo: EBRADIL Porto, Edições Afrontamento, 1994.

\_\_\_\_\_. Masculino/Feminino. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J. (Orgs.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Bauru, SP: Edusc, 2006, v. 2, p. 137- 150.

KRAMER; H; SPRENGER, J. **Malleus Maleficarum: O Martelo das Bruxas**. Tradução: Alex H. S. Brasil: Rosa dos Ventos, 2007.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

LE GOFF, J. **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

\_\_\_\_\_. Tempo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente medieval**. v. II. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002, p.531-341.

LEITE, Marcia M.S.B. **Representações femininas na Idade Média: Um olhar de Georges DUBY**. Sitientibus, Feira de Santana. Nº21. P .37 a 50. Jul/dez.1999

LITWIN, E. (org). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MACEDO. José R.A **Mulher na Idade média**. São Paulo: Contexto, 1999

MACEDO. José R. MONGELLI, Lênia M.A. **Idade Média no Cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial,2009.

MALLARD, S.D.S. **A mulher do século XXI**. 2008 Disponível em: <http://www.afolhadomedionorte.com.br/2012/03/08/a-mulher-no-seculoxxi>. Acesso em: 10 Maio. 2015.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal** .v. 1 . Lisboa: Palas Editores,1977.

MORAIS, C. M. S. **Novas tecnologias no contesto escolar**. **Revista Comunicação e Educação**, n. 18. São Paulo: USP , 2000.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagens**. São Paulo: EPU, 1995.

MORIN, José Manuel. **Novas Tecnologias E Mediação Pedagógica**. Campinas. Papirus Editora, 1999.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NEaD-UNIFEI – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ (UNIFEI). **Entendendo o Mapa de Atividade, a Matriz de Design Instrucional e o StoryBoard**. s.d. Disponível em: <[http://www.ead.unifei.edu.br/teleduc/cursos/diretorio/atividades\\_3189\\_13///Entendendo\\_Matriz\\_DI.pdf](http://www.ead.unifei.edu.br/teleduc/cursos/diretorio/atividades_3189_13///Entendendo_Matriz_DI.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2014.

NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. In: Educação a distância o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.

OLMOS; José Maria de F. **La Figura del herdeiro al Trono em la España Medieval**. Madrid: CASTELLUM, 2003. p 27-71

ORTIZ, Lourdes. **Urraca**, Barcelona, Salvat Editores, 1994.

OTSUKA, J. L.; ROCHA, H. V. Avaliação Formativa em Ambientes de EaD. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (SBIE)**, 13, São Leopoldo, 2002. Anais... São Leopoldo, 2002.  
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:PHp4BuSsjYYJ:pt.scribd.com/doc/br.>> Acesso em: 05 maio 2015

PAIVA, L. F. R.; FERREIRA, M. A. M; CUNHA, V. G. R. da. **Os Limites e as Possibilidades do Trabalho e da Formação de Uma Equipe Multidisciplinar em Educação a Distância**. Disponível em:  
<[http://t2/www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=132&sid=116&tpl=p\\_rinterview](http://t2/www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infol=132&sid=116&tpl=p_rinterview)>. Acesso em: 31 jul. 2015.

PALLARES, M<sup>a</sup> C M. **Conciencia y resistencia:La denuncia de la agresión masculina en la Edad Media**. A stampa in Investigaciones actuales de las mujeres y del género, a cura di Rita Radl, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 2010, p. 177-199

PALLARES, M<sup>a</sup> Carmen, PORTELA, Ermelindo. **La Reina Urraca**. Editorial NEREA, 2006

PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. Desafios ao coordenador pedagógico no trabalho coletivo da escola: intervenção ou prevenção? In: **O Coordenador pedagógico e os desafios da educação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_ **Epistemologia genética**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PORTELA, E. **El báculo y La ballesta: Diego Gelmírez (séc. 1065-1140)**. Marcial Pons Historia. Madrid, 2016.

PULGARÍN, A. **La necesidad de contar por sí misma: Urraca de Lourdes Ortiz, en Metaficción Historiográfica. La novela histórica en la narrativa hispánica posmodernista**. Madrid, Fundamentos, 1995, p. 153-201.

RADA, R. J. **Historia de los hechos da España**. Madrid: Alianza. 1989

RAMOS, M. **Recursos de design instrucional**. s.d. Disponível em:  
<<http://www.linkei.net/publicacao/36/recursos-de-design-instrucional>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva sócio histórica da educação**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ROIZ, D. S. **A discreta e sedutora História das mulheres**. Cadernos Pagu no.30 Campinas Jan./June 2008

ROSSIAUD, J. Sexualidade. In: **Dicionário temático do Ocidente medieval**. v. II. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

\_\_\_\_\_ **Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006.

Ruiz Albi, Irene. **La Reina Doña Urraca (1109-1126) Cancillería y Colección Diplomática**. Colección Fuentes y Estudios de Historia Leonesa, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, León, 2003.

RUST, Leandro Duarte. **Colunas de São Pedro: A política papal na Idade Média Central**. São Paulo: Anablume, 2010.

SANTOS, E. M. **Avaliação de cursos on-line: uma análise sob a perspectiva do *design* instrucional**. (Relatório de Pesquisa). São Carlos, 2010. Disponível em: <[www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010134122.pdf](http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010134122.pdf)>. Acesso em: 20 jul.2014.

SEED/MEC. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/referenciaisqualidadeead.pdf>>. Publicado em agosto 2007. Acesso em: 31 jul. 2014.

SENAC. Disponível em: <http://www.ead.senac.br/pos-graduacao/design-instrucional/>. Acesso em: 15 set. 2015

SILVA, C. G. Historiografia medieval feminista: a questão da mulher nas esferas de poder na historiografia norte-americana. In.: **Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo**. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Disponível em <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ST%2013/Carolina%20Gual%20da%20Silva.pdf> Acesso em 08 set 2015.

SCOTT, J. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: **The American Historical Review**. Dec- 1986, v. 91, nº.5, p. 1053-1075.

SCHMIDT, Maria A. e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

UBIETO, A. **Crônicas Anónimas de Sahagún**. Anubar. Zaragoza, 1987.

NAVARRO VILLOSLADA, Francisco Navarro. **Doña Urraca de Castilla: memorias de tres canónigos: novela histórica original**. Madrid, Apostolado de la Prensa, 1928

VALENTE, José Armando (org). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP/NIED, 1999.

VYGOSTKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.